

LEILA SALVINI

**NOVO MUNDO FUTEBOL CLUBE E O “VELHO MUNDO” DO FUTEBOL:
CONSIDERAÇÕES SOCIOLÓGICAS SOBRE O *HABITUS* ESPORTIVO DE
JOGADORAS DE FUTEBOL**

CURITIBA

2012

LEILA SALVINI

**NOVO MUNDO FUTEBOL CLUBE E O “VELHO MUNDO” DO FUTEBOL:
CONSIDERAÇÕES SOCIOLÓGICAS SOBRE O *HABITUS* ESPORTIVO DE
JOGADORAS DE FUTEBOL**

Dissertação de Mestrado defendida como
pré-requisito para a obtenção do título de
Mestre em Educação Física, no
Departamento de Educação Física, Setor de
Ciências Biológicas da Universidade Federal
do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Wanderley Marchi Júnior



Ministério da Educação
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor de Ciências Biológicas
Programa de Pós Graduação em
Educação Física



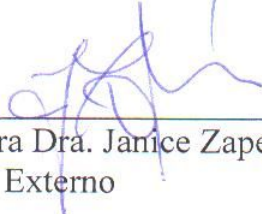
TERMO DE APROVAÇÃO

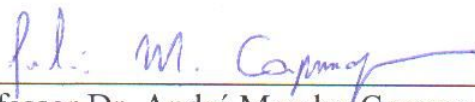
LEILA SALVINI

“Novo Mundo Futebol Clube e o “Velho Mundo” do Futebol: Considerações Sociológicas Sobre o Habitus Esportivo de Jogadora de Futebol”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física – Área de Concentração Exercício e Esporte, Linha de Pesquisa Sociologia para o Esporte e o Lazer, do Departamento de Educação Física do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:


Professora Dra. Cristina Carta Cardoso de Medeiros


Professora Dra. Janice Zaperllon Mazo
Membro Externo


Professor Dr. André Mendes Capraro
Membro Interno

Curitiba, 23 de Março de 2012

Campus Jardim Botânico–CEP: 80.215-370 – Curitiba/PR
Telefone: (41) 3362-8745 Fax (41) 3360-4336
email: mestrado_edf@ufpr.br daniieldias@ufpr.br

www.edf.ufpr.br

*Dedico essa dissertação à todas as
mulheres guerreiras. Sejam elas com
ou sem chuteiras.*

AGRADECIMENTOS

Acredito que esta seja a parte mais difícil de toda a dissertação, pois como peças de uma engrenagem as pessoas que serão listadas nesse momento tão especial, também foram “peças” importantíssimas durante todo o processo de mestrado.

Mas, antes de iniciar os agradecimentos “personificados”, agradeço à Deus em todas as suas formas e manifestações, por ser a luz que rege e organiza a minha vida.

Em uma engrenagem existem peças de diferentes tamanhos, mas todas visando o mesmo objetivo. O objetivo em comum que tivemos nesse processo foi a construção desse trabalho de pesquisa que teve início muito antes de ir a campo, ou mesmo, de ter sido aprovada no processo seletivo. A dificuldade em agradecer cada uma das pessoas que participaram desse sonho individual que tomou proporções coletivas, é a eventual “amnésia”. Sendo assim, desde já eu agradeço a todos que fizeram parte desse processo!

Inicialmente agradeço a minha mãe Carmen pelo incentivo, pelo amor, pelos cuidados e pela dedicação incondicional. Agradeço por acreditar em mim e por proporcionar condições para que cada etapa fosse finalizada com sucesso e, principalmente por me ensinar a ser agradecida, a aprender com as dificuldades e a buscar a felicidade durante todo o processo. Obrigada por tudo, mãe!

Agradeço ao meu irmão Guilherme pela parceria sem fim que viemos construindo ao longo dos anos e que se fortalece a cada dia. Por ouvir minhas “conversas sociológicas” mesmo quando não “estava a fim”, por compartilhar de todos os momentos, os anseios, as angústias e as vitórias. Por ser tão importante e essencial pra mim!

Ao meu namorado Ricky pela paciência, pela dedicação, pela atenção, pelos cuidados, pelo carinho, por estar sempre perto, mesmo quando estávamos a quilômetros de distância. Obrigada por andar de mãos dadas comigo durante esse percurso!

Ao professor Mauro Myskiw por me incentivar a procurar um programa de pós-graduação ainda quando eu estava na graduação, por ser sempre tão

profissional e atencioso. Obrigada por toda a ajuda, você teve papel fundamental no meu ingresso no mestrado!

Agradeço imensamente ao professor Wanderley Marchi Júnior por ter acreditado em mim, por ter me recebido mesmo sem me conhecer e pela paciência que teve comigo. Os ensinamentos e aprendizados como sua orientanda transcenderam as teorias e se aplicam na vida. Professor, sou muito grata pelo teu exemplo de profissionalismo, de dedicação, de disciplina e de comprometimento comigo e com o nosso trabalho!

Nosso trabalho. Estranhei quando li pela primeira vez em uma discussão do grupo de orientandos quando ao invés de “eu”, a Ana Letícia escrevera “nós”. Após o estranhamento e conforme essa dissertação começou a ser discutida e elaborada, entendi que nenhum trabalho de pesquisa se constrói individualmente. Sim, esse trabalho é nosso! E foi esse plural que aprendi durante os dois anos de convivência com o “nosso grupo”.

Sendo assim, agradeço aos colegas de grupo: Gilmar, Ricardo, Fernando S., Fernando D., Tatiana, Juliana, Ana Letícia, Bárbara e Juliano pela dedicação e comprometimento na construção dessa dissertação.

Juliana, lembro como se fosse hoje quando sentamos na cantina da Reitoria para adequar o projeto. Registro aqui que se não fosse sua orientação inicial, muito provavelmente eu não estaria concluindo esse estudo! Ju, obrigada pelas orientações acadêmicas, pela parceria e por me acolher em Curitiba, tornando menos difícil esse período longe de casa.

Ana Letícia, obrigada por compartilhar comigo as angustias, as alegrias e as preocupações desse processo acadêmico e por estar sempre disposta a me ajudar a encontrar uma solução! Obrigada também pela revisão e por me ajudar com as normas!

Bárbara, obrigada pela parceria que aos poucos ultrapassou os “limites” da academia e se tornou tão importante! Obrigada pelas dicas, pelas conversas sociológicas e por estar sempre presente.

Agradeço ao Juliano pelos almoços, lanches e conversas regados a fundamentos teóricos que me ajudaram a compreender a Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu, dentre tantos outros autores. Por estar sempre disposto a discutir novas ideias e me ajudar a ver as coisas de modo mais “sociológico”.

Professora Cristina, sua participação nesse processo de amadurecimento e bem estar acadêmico foram essenciais! Muito obrigada pelas conversas, pelo incentivo e pelo brilhante exemplo de que a simplicidade na fala, na escrita e na vida é sempre a melhor escolha.

Agradeço à professora Janice Z. Mazo e ao professor André Capraro pelas enriquecedoras sugestões e pela disposição de participarem da banca.

Agradeço aos professores e colegas das disciplinas cursadas, aprendi muito com esse contato que cresceu na diversidade e na dificuldade!

Ao secretário acadêmico Daniel Dias, por me ajudar burocraticamente sempre que necessário.

Agradeço à Amie por fornecer o contato com as pessoas responsáveis pelo futebol feminino no Novo Mundo Futebol Clube.

Agradeço especialmente Noeli, Vantressa e Marina pela recepção nos treinos e jogos do Novo Mundo Futebol Clube e pelo empréstimo de materiais, vocês foram importantíssimas para que o trabalho de campo fosse realizado. Agradeço as jogadoras entrevistadas por aceitarem participar desse projeto, do mesmo modo, agradeço ao presidente e ao diretor do futebol feminino por permitirem a realização desse estudo no clube.

Agradeço ao diretor do departamento de futebol feminino da Federação Paranaense de Futebol por me receber e fornecer informações importantes sobre a modalidade.

Ao jornalista Leonidas Dias por me receber de bom grado e pelas ricas informações sobre o futebol feminino paranaense.

À Natasha Franco por estar sempre disposta a traduzir meus resumos.

Ao CNPq pelo auxílio financeiro e a UFPR por proporcionar esse aperfeiçoamento gratuitamente.

E, aos amigos de “todas as querências” que viveram comigo as etapas dessa formação, o meu MUITO OBRIGADA!

*[...] Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida*

(Milton Nascimento)

RESUMO

Entendemos o esporte como um fenômeno social capaz de retratar lutas que também são travadas em diferentes campos sociais. Essa potencialidade apresentada pelo campo esportivo atrelado aos preceitos teóricos de Pierre Bourdieu nos instigou a investigar fundamentos ocultos de dominação exercidos no contexto esportivo, mais propriamente falando, no subcampo do futebol e na estrutura do futebol feminino. Considerando que ao longo da história o corpo da mulher no esporte esteve em evidência, seja por questionamentos de que as jogadoras não se apresentavam de modo esperado socialmente como “feminino” ou, pela espetacularização desses corpos, vinculado ao fato de que o futebol no Brasil é um espaço de reprodução de significados de masculinidade, nossa proposta de estudo é entender como são incorporadas as disposições para a ação de jogadoras do Novo Mundo Futebol Clube no espaço do futebol. As informações foram coletadas a partir de observações aos treinos e jogos que aconteceram na sede do clube e, de entrevistas com quatro jogadoras. A partir das informações coletadas construímos três principais pilares que sustentam a nossa resposta ao questionamento inicial, que se foca em entender o processo de incorporação de disposições para a ação no subcampo do futebol, dentre as quais estão: a formação de um *habitus* futebolístico que acontece ainda na infância; a legitimação de um *habitus* construído socialmente e entendido como feminino em um espaço de dominação masculina, que segue os preceitos de mercado que busca além da habilidade esportiva a espetacularização dos corpos femininos e a criação de uma nova oferta, em se tratando de consumo esportivo; e, um terceiro elemento que permeia os dois primeiros e, diz respeito à “garra” – força de vontade. Característica que, na opinião das jogadoras, deve ser disposição inicial para a ação no subcampo do futebol, tendo em vista a luta pela entrada e manutenção nesse espaço de dominação masculina.

Palavras-chave: Futebol feminino. *Habitus*. Sociologia do esporte. Novo Mundo Futebol Clube. Curitiba – Brasil. Campo esportivo.

ABSTRACT

We understand the sport as a social phenomenon able to depict battles that are also fought in differently social fields. This potentiality presented by the sporting field linked to the theoretical precepts of Pierre Bourdieu instigate us to investigate hidden fundamentals about domination exercised on the sporting context, more properly speaking, on soccer subfield and on the structure of female soccer. Whereas that throughout the history the woman's body on sport was in evidence, by the questioning that the players didn't presented her selves in a expected way by the society as feminine or, by the exhibition of these bodies, linked to the fact that the soccer in Brazil is a space of male meanings reproduction, our guiding question is understand how the dispositions are incorporated to the action of the Novo Mundo Futebol Clube players. The informations were collected by observations to the trainings and games that happened on the club headquarter, and interviews with four players. From the collected informations we built three main pillars that support our answer to the initial questionnaire, that focus in understand the process of incorporating provisions for action on soccer subfield, among which are: the development of an soccer habitus that happens in childhood, the legitimation of an habitus socially built and understood as female in a male domination space, that follows the market precepts that searches beyond the sport ability to exhibition of female bodies and the creation of a new offer in case of sports consumption; and, a third element that permeates the first two, and concerns about willpower. Attribute that, in the opinion of players, has to be initial provision for action in soccer subfield, owing the struggle for entry and maintenance in this male domination space.

Keywords: Women's soccer. *Habitus*. Sociology of sport. Novo Mundo Futebol Clube. Curitiba – Brazil. Sporting Field.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – RECORTE DA REVISTA PLACAR	66
FIGURA 2 – RECORTE DA REVISTA PLACAR	66
FIGURA 3 – RECORTE DA REVISTA PLACAR	67
FIGURA 4 – EQUIPE DO ESPORTE CLUBE RADAR	70
FIGURA 5 – CAPA DA REVISTA PLACAR	71
FIGURA 6 – PUBLICIDADE DE CHUTEIRAS	73
FIGURA 7 – GLOBETE	76
FIGURA 8 – SELEÇÃO BRASILEIRA	80
FIGURA 9 – CAPA DA REVISTA PLACAR	82
FIGURA 10 – CAPA DA REVISTA PLACAR	83
FIGURA 11 – REPORTAGEM	85
FIGURA 12 – JOGOS OLÍMPICOS DE SYDNEY	93
FIGURA 13 – MARTA E DILMA	98
FIGURA 14 – NOVO MUNDO	106
FIGURA 15 – NOVO MUNDO FAZ SELETIVA	108
FIGURA 16 – ARBITRAL 001/94	170
FIGURA 17 – ARBITRAL 001/98	172
FIGURA 18 – CAMPEONATO METROPOLITANO DE 2002	174
FIGURA 19 – CAMPEONATO METROPOLITANO DE 2003	175
FIGURA 20 – CAMPEONATO METROPOLITANO DE 2004	176
FIGURA 21 – CAMPEONATO METROPOLITANO DE 2006	177
FIGURA 22 – CAMPEONATO METROPOLITANO DE 2008	178

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FIFA	<i>Fédération Internationale de Football Association</i>
FPF	Federação Paranaense de Futebol
NMFC	Novo Mundo Futebol Clube
NUTESES	Núcleo Brasileiro de Dissertações e Teses em Educação, Educação Física e Educação Especial

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 MULHERES NO ESPORTE: UMA QUESTÃO DE GÊNERO	11
1.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS	24
2 A SOCIOLOGIA REFLEXIVA DE PIERRE BOURDIEU: CONCEITOS CHAVE PARA LER O ESPORTE FEMININO	31
2.1 LEIS GERAIS DOS CAMPOS	32
2.1.2 O Campo Esportivo	37
2.2 <i>HABITUS</i> : O CORPO COMO VITRINE NA LÓGICA DO CAMPO	44
2.3 FUNDAMENTOS OCULTOS DE DOMINAÇÃO (MASCULINA).....	54
3. UMA HISTÓRIA DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL (1980 – 2010).....	62
3.1 FUTEBOL FEMININO: UMA PRÁTICA AUTORIZADA (1980 – 1990).....	64
3.2 NOTORIEDADE MUNDIAL E VISIBILIDADE LOCAL (1990 – 2000).....	78
3.3 PROFISSIONALIZAÇÃO: UM SONHO DISTANTE? (2000 – 2010)	92
4 O FUTEBOL FEMININO NO NOVO MUNDO FUTEBOL CLUBE.....	101
4.1 O NOVO MUNDO FUTEBOL CLUBE	102
4.2 “VEIO PRA JOGAR?” NOTAS SOBRE O PRIMEIRO CONTATO COM A EQUIPE	114
4.3 DISPOSIÇÕES INICIAIS PARA A PRÁTICA: A FORMAÇÃO DE UM <i>HABITUS</i> FUTEBOLÍSTICO	117
4.4 ESTRATÉGIAS PARA A LEGITIMAÇÃO DE UM <i>HABITUS</i> FEMININO EM UM ESPAÇO DE DOMINAÇÃO MASCULINA.....	127
4.5 GUERREIRAS DE CHUTEIRAS NA LUTA PELO RECONHECIMENTO	138
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
REFERÊNCIAS	153
APÊNDICE	164
ANEXOS	170

1 INTRODUÇÃO

Vislumbramos o esporte como um fenômeno social carregado de significados e com a potencialidade de retratar elementos que se engendram no contexto esportivo de forma muito similar ao que ocorre em outros espaços sociais.

Dessa forma, consideramos que o conhecimento do espaço dos esportes deve ser construído a partir da análise em profundidade de alguns elementos como: aportes históricos de seu surgimento e prática, a posição que as modalidades ocupam no espaço dos esportes, elementos de distinção que são conferidos aos envolvidos, bem como, as lutas que são travadas nesse contexto.

Por meio de tal diagnóstico, rupturas e continuidades são ressaltadas de modo a firmar o esporte como objeto de estudo passível de interpretações à luz de diferentes propostas teórico-metodológicas, as quais possibilitam a identificação do esporte na relação com o cotidiano em temáticas como o lazer, a corporeidade, as organizações sociais, as manifestações culturais e étnicas, discriminação de idade e gênero, meio ambiente, dentre tantas outras (MARCHI JÚNIOR, 2002).

Frente às diversas manifestações cotidianas de elementos que configuram posições de poder no campo esportivo, destacamos a existência de agentes e ações dominantes que organizam esse campo para desenvolver uma descrição analítica a respeito da posição e participação feminina nos esportes, mais especificamente na estrutura do futebol feminino brasileiro.

Como o propósito do presente trabalho é desvelar e relatar alguns fundamentos ocultos de dominação masculina no âmbito do futebol feminino, nossa escolha teórica foi pela Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu, pois o autor está centrado no questionamento da reprodução das desigualdades sociais – e suas leis – que se efetiva nas relações estruturantes da sociedade (MARCHI JÚNIOR, 2004).

Pautando-nos na perspectiva de análise assumida pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1983a), na qual a prática e o consumo do esporte se constroem sob a noção de oferta e demanda, que por sua vez está alicerçada na distinção dos corpos e das práticas, propomos nesse trabalho resgatar elementos da história da mulher nos esportes, para melhor compreender a procura por determinadas práticas,

a oferta de outras e a disputa pela legitimidade da prática do futebol entre os gêneros, que tem no corpo sua vitrine.

Antes de apresentar um breve apanhado histórico sobre a participação da mulher no esporte brasileiro, trazemos alguns apontamentos que regem o nosso olhar e entendimento sobre categoria de análise, ou o conceito de gênero.

1.1 MULHERES NO ESPORTE: UMA QUESTÃO DE GÊNERO

Como já mencionamos anteriormente, nosso referencial de análise não está focado diretamente nas relações de gênero, e sim, nos fundamentos ocultos que essa relação entre os gêneros promove. Sendo assim, não vamos nos aprofundar teórica ou politicamente sobre os estudos de gênero, contudo, vamos abordar de forma breve alguns apontamentos que localizam o nosso olhar sobre esse conceito, tendo em vista que o mesmo permeia toda a construção do presente trabalho, mesmo sem ser o foco principal.

Para a historiadora Linda Nicholson (2000) o gênero tem suas raízes na junção de duas ideias importantes do pensamento ocidental moderno: a da base material da identidade e a da construção social do caráter humano. A autora compreende que o gênero tem sido cada vez mais usado como referência a qualquer constructo social que tenha a ver com a distinção masculino/feminino, incluindo as construções que separam corpos femininos de corpos masculinos. Esse último uso apareceu quando muitos perceberam que a sociedade influencia além da personalidade e do comportamento, também as maneiras como o corpo aparece, Nicholson (2000) prossegue alertando que, se o próprio corpo é sempre visto através de uma interpretação do social, o sexo não pode ser independente do gênero, antes, o sexo nesse sentido deve ser algo que possa ser subsumido pelo gênero.

O pesquisador Fabiano Deive (1995) interpreta gênero como uma categoria relacionada às práticas sociais construídas no cotidiano que tendem a sofrer transformações constantes, tanto com relação ao homem quanto a mulher. Nesse contexto, o gênero está relacionado aos comportamentos, às atitudes e aos

discursos esperados de ambos os sexos, nas múltiplas esferas sociais em que homens e mulheres estão inseridos. Em se tratando de discursos, a filósofa Judith Butler (2002) afirma que eles habitam e se acomodam nos corpos os generificando, pois os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue.

No que diz respeito ao sexo, Devide (1995) afirma que é alusivo às características genéticas e biológicas de uma pessoa que determinam se ela é do sexo masculino ou feminino. O autor ressalta, porém, que os conceitos de sexo e de gênero não podem ser concebidos isoladamente, mas sim, num processo de interseção.

Nas palavras da historiadora Joan Scott (1995), gênero – no aspecto relacional das definições normativas de feminilidade – indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”, e, introduzia uma noção relacional ao vocabulário analítico, no sentido de que as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de qualquer um poderia existir através de estudo inteiramente separado.

Em se tratando do uso do termo “gênero” como sinônimo de “mulheres”, Scott (1995) argumenta que este uso, ainda que se referindo vagamente a certos conceitos analíticos, trata realmente da aceitabilidade política desse campo de pesquisa. Nessas circunstâncias, o uso do termo “gênero” visa indicar a erudição e a seriedade de um trabalho, pois “gênero” tem uma conotação mais objetiva e neutra do que “mulheres”. O gênero parece integrar-se à terminologia científica das ciências sociais e, por consequência, dissociar-se da política (pretensamente escandalosa) do feminismo, que se remetia ao sexismo. Este uso do “gênero” é um aspecto que poderia ser chamado de procura de uma legitimidade acadêmica pelos estudos feministas nos anos 1980 (SCOTT, 1995).

O sistema binário dos gêneros produz a reproduz a ideia de que o gênero reflete, espelha o sexo, e que todas as outras esferas constitutivas dos sujeitos estão amarradas a essa determinação inicial: a natureza constrói a sexualidade e posiciona os corpos de acordo com as supostas disposições naturais. Embora, quando a condição do gênero se formula como algo radicalmente independente do sexo, o gênero mesmo se torna vago, pois, o gênero adquire vida a partir das roupas que compõem o corpo, dos gestos, dos olhares, ou seja, de uma estilística definida

como apropriada, no sentido de verdades estabelecidas para cada gênero (BUTLER, 1999; BENTO 2006).

No que se refere ao esporte especificamente, o sexo tem sido um território onde se busca a fixidez e as demarcações identitárias e, por muito tempo, foi usado para impedir a participação feminina em diferentes modalidades esportivizadas (DEVIDE, 2005). Tomando como pressuposto o gênero como uma construção cultural e relacional dos corpos, trazemos alguns apontamentos que relatam a participação da mulher brasileira nos esportes, em especial no futebol.

As primeiras nuances da participação das mulheres em práticas esportivas no Brasil¹, podem ser observadas na segunda metade do século XIX, possivelmente em decorrência da estrutura conservadora que a sociedade brasileira apresentava, na qual, a criação da mulher era preconizada para exercer a função de esposa e mãe, ao subtrair de sua rotina práticas que envolvessem o desempenho corporal (GOELLNER, 1998). Desse modo, a presença feminina nos eventos esportivos se debruçava em embelezar o ambiente, conferindo-lhe um tom familiar, salientando que tal aparição no contexto esportivo, proporcionava às mulheres maior visibilidade frente à sociedade da época², mesmo que passivamente. (FRANZINI, 2005; GOELLNER, 1998).

A preocupação com o progresso direciona o foco sobre as mulheres no final do século XIX e meados do século XX, a partir da representação biológica do corpo que se associava aos ideais políticos, sociais e patriarcais da estrutura social vigente. Em meio ao pensamento biologicista de reprodução feminina, o exercício físico tinha papel de desenvolver a força física e a saúde, como atributos para a

¹ Torna-se extremamente difícil mapear todas as modalidades esportivas que se desenvolviam no Brasil de modo simultâneo. Em decorrência desse fato, vamos nos ater a modalidades esportivas e atletas presentes em grandes eventos esportivos como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de Futebol Feminino que denotam visibilidade, assim como em registros que denotam práticas esportivas na sociedade brasileira, no sentido de relatar o pioneirismo feminino em distintas modalidades, enfatizando a participação no futebol feminino, objeto de estudo do presente trabalho. Ressaltamos também, tendo em vista a extensão geográfica do nosso país, que existem peculiaridades históricas regionais, as quais não serão abordadas de maneira específica nesse estudo, pois as fontes utilizadas não explicitam de que região estão tratando. Sobremaneira, notamos que a grande parte das informações relatam que os fatos aconteceram no Distrito Federal e nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, mas que são abordados no decorrer do presente texto como fatos ocorridos em todo o Brasil.

² Para maior descrição da participação feminina como expectadora dos jogos de futebol ver: RODRIGUES FILHO, M. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964, p.23-4. Destacamos que nosso entendimento sobre a obra e a utilização da mesma, diz respeito à conotação histórica.

formação de uma mãe robusta e reprodutiva que pudesse produzir gerações mais fortes e saudáveis (MOURÃO, 2000).

A modernização social que permeava o Brasil na transição desses séculos potencializou a indústria e, concomitantemente o desenvolvimento e a prática de atividades esportivas e de lazer, ao agregar paulatinamente a nação por meio de cuidados com o corpo e a aparência comuns no continente europeu. As novas práticas corporais e sociais atuaram como mantenedoras e reprodutoras de elementos que configuraram um espaço de distinção social, por meio de incorporações de disposições práticas que notabilizam a filiação a um seletivo grupo de destaque, como relata Goellner (2005b, p. 89): “[...] elegantes, homens e mulheres da elite desfilavam, nos espaços públicos, seus aprendizados e talentos esportivos, afirmando também a superioridade da sua classe”.

Num contexto social de mudanças, as mulheres que ocupavam uma posição mais elevada tinham acesso anteriormente às novidades vindas da Europa, e algumas modalidades esportivas se revestiam desse encantamento pecuniário decorrente da possibilidade de participação social feminina, já que o esporte denotava caráter aristocrático, familiar e saudável (GOELLNER, 1998).

Para a autora:

Na redefinição das condutas sociais e expressivas, cresce a exibição pública dos corpos: diferentes mulheres mostram-se de diferentes formas e, sob o discurso da saúde, da beleza e da higiene - apologias que rondam as práticas femininas do início do século - gastam parte de suas energias como cuidado corporal. (GOELLNER, 1998, p. 53).

A beleza era entendida como uma conquista, algo a ser construído e cultivado por meio de medicamentos (artefatos que atualmente chamamos de cosméticos). O desleixo com a aparência remetia a uma mulher doente, pois, a “feiúra” era tida como uma patologia a ser curada. Assim, elementos que visassem o reforço desse discurso veiculavam nos meios de comunicação da época³. Goellner (1999, p. 23)

³ Como forma de ilustrar um dos meios de comunicação da época, trazemos a tona o caso da revista O Cruzeiro, que foi considerada uma revista moderna desde sua fundação. A revista se pautava entre outros assuntos, em propagandas de produtos que visassem o embelezamento especialmente do público feminino. Sua primeira edição foi em 10 de novembro de 1928 e permaneceu em circulação por 45 anos. Os exemplares estão disponíveis em: <<http://memoriaviva.com.br/ocruzeiro>>. Acesso em: 01 set. 2010. Para melhores esclarecimentos da veiculação e da construção da imagem feminina entre os anos de 1928 a 1945, ver: SERPA, L. A

ressalta que “[...] nas três primeiras décadas, os almanaques, revistas e jornais, quando fazem referencia à beleza feminina são pródigos em publicidades de remédios para melhorar a aparência da mulher”.

Em meio a esse contexto de ocupações sociais e corporais que aos poucos se estabelecia, a mulher brasileira teve sua primeira aparição nos esportes de conotação internacional por meio da participação dos Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1932. A nadadora Maria Lenk⁴ com 17 (dezessete) anos de idade foi a única representante feminina na delegação brasileira que somou 67 (sessenta e sete) atletas (LENK, 1982). Demais mulheres assumiram posições interessantes no pioneirismo dos esportes no Brasil, em modalidades como turfe, remo, tênis, a natação dentre outras. Na grande maioria dos casos a opção se caracterizava por esportes individuais e sem contato físico com o oponente⁵.

Mourão (2000) ressalta que o processo de apropriação do espaço esportivo pela mulher brasileira é qualitativamente diferente do processo de apropriação de outros espaços sociais, pois, não apresentou movimentos contestadores, no sentido de “revoluções”, tal qual a revolução feminista que de acordo com Costa (2005) se situava em um primeiro momento em torno da reivindicação por direitos sociais e políticos pelas mulheres, tomando como um exemplo, o direito feminino ao voto.

Nos Jogos Olímpicos subsequentes as mulheres gradualmente encorpavam a delegação brasileira, no caso de Berlim, em 1936, eram 5 (cinco) atletas da natação

máscara da modernidade: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945). Dissertação (mestrado em história) - História Regional, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2003. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp000097.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2010.

⁴ Maria Lenk relata como foi o momento da partida do cargueiro Itaquicê com os atletas brasileiros rumo à Los Angeles, que contou com a presença do então chefe do governo provisório, Getúlio Vargas e o discurso de Coelho Neto, famoso escritor da época que em suas falas finais proferiu: “[...] pela bandeira do Brasil, por nós todos, pelos nossos brios e a nossa glória, o vosso combate. Não esqueças, não rapazes, que é o Brasil, que é a Pátria, que são mais que quatro séculos de energia, de amor, de aventura, que é o Brasil que levaes nos músculos”. Para maiores descrições da participação brasileira nos Jogos Olímpicos já mencionados, ver: LENK, M. *Braçadas & abraços*. São Paulo: Gráfica Bradesco, 1982. p. 25-38.

⁵ Tomando por base as atletas mais bem pagas do mundo podemos considerar que esportes isentos de contato físico com o oponente ou realizado por intermédio de algum aparato, esportes individuais e especialmente que ressaltem características esperadas para as mulheres, que outrora foram desígnios de distinção feminina ao escolher uma modalidade esportiva permanecem como possíveis elementos definidores de retorno financeiro significativo entre as atletas profissionais. Dessa maneira, a pesquisa realizada pela revista americana de economia e finanças intitulada Forbes ilustra que as tenistas encabeçam o *ranking* das 10 atletas mais bem pagas, seguidas por uma patinadora, uma pilota e uma golfista. A lista completa está disponível em: <<http://www.maquinadoesporte.com.br/i/noticias/patrocínio/17/17493/Entre-as-atletas-tenistas-sao-as-mais-bem-pagas/index.php>>. Acesso em: 21 ago. 2010.

e 1 (uma) da esgrima. Simultaneamente às participações olímpicas, que foram fundamentais para a divulgação da mulher atleta, diferentes modalidades disseminavam-se pelo país, e tomaram força. Nesse contexto, a modernização dos costumes se reflete, dentre outras formas, na presença feminina em esportes nos quais sua participação era ainda mais limitada, como por exemplo, no futebol feminino. Para Moura (2003) não há consenso entre os historiadores ao determinar quando se realizou a primeira partida registrada de futebol feminino, alguns dados apontam o ano de 1913, enquanto relatos afirmam que foi no ano de 1921, o que evidencia que tal modalidade se reveste de polêmica, desde os primórdios de sua prática pelas mulheres.

De acordo com Franzini (2005), em meio a clamores de civis inconformados com a exposição do corpo da mulher em uma prática caracteristicamente masculina, de deboches quanto à falta de habilidade esportiva, surge a preocupação com a saúde reprodutiva feminina, que mobilizou o primeiro médico do esporte no Brasil a noticiar alertas quanto ao perigo que a prática de esportes como o futebol acarretariam ao bem-estar de suas praticantes⁶.

O autor destaca que tais preocupações moralistas e machistas, deixavam transparecer que o maior problema não estava na prática em si do futebol pelas mulheres, mas “pela subversão de papéis promovida pelas jovens que o praticavam, uma vez que elas estariam abandonando suas ‘funções naturais’ para invadirem o espaço dos homens” (FRANZINI, 2005, p. 321).

A preocupação com o uso que as mulheres faziam do corpo se centrava no discurso eugenista e de renovação populacional por meio da maternidade. Tendo em vista que a reformulação populacional se depositava essencialmente nos cuidados com o corpo, em especial, o corpo da mulher, que dentre outras funções

⁶ Percorrendo um caminho similar em se tratando de cuidados especiais com as jogadoras de futebol, atualmente a FIFA desenvolveu uma cartilha que aborda questões promotoras e mantenedoras da saúde das mulheres atletas, que aborda questões de cuidados alimentares, lesões mais comuns, entre tantos outros tópicos, tem como título: *Health and Fitness for the Female Football Player: a guide for players and coaches*. O guia está disponível em: <http://www.fifa.com/mm/document/afdeveloping/medical/ffbgesamt_e_20035.pdf>. Acesso em: 10 set 2010. Além dos cuidados direcionados especificamente para as jogadoras, a FIFA também disponibiliza para download no seu site <<http://www.fifa.com/aboutfifa/developing/medical/playerhealth.html>>, questões relacionadas à saúde dos jogadores, abordando – independente do sexo dos atletas – informações sobre treinamento inteligente, prevenção de lesões, nutrição para o futebol, bem como, os perigos do doping intencional e não intencional.

carecia gozar de plena saúde para gerar filhos fortes e saudáveis a fim representar e proteger a “nova” pátria (GOELLNER, 1998; FRANZINI, 2005).

Para Mourão (2000), aliada a ideia de corpo feminino que guarda energia para a reprodução está a necessidade de desenvolvimento da força física e da saúde como atributos para uma mãe saudável. Desse modo, as atividades físicas aparecem com função fundamental para a manutenção do bem-estar feminino, entretanto, nem todas as práticas esportivas eram adequadas.

Goellner (1999, 2003, 2004) assinala que somente àquelas práticas que visam o reforço de características feminis como a delicadeza do corpo e dos gestos, a inexistência de contato direto com o oponente e que não prejudicassem seu desenvolvimento anatômico e fisiológico, como a dança, a ginástica e a natação, eram indicadas.

Nesse contexto:

“O futebol feminino [...] só poderia mesmo representar um ‘desvio de conduta’ inadmissível aos olhos do Estado Novo e da sociedade brasileira do período, pois abria possibilidades outras além daquelas consagradas pelo estereótipo da “rainha do lar”, que incensava a “boa mãe” e a “boa esposa” (de preferência seguindo os padrões *hollywoodianos* de beleza), principalmente, restrita ao espaço doméstico” (FRANZINI, 2005, p. 321).

Considerando tais indicativos aceitos da “vocação feminina”, a prática esportiva, o cuidado com a aparência, o desnudamento do corpo, o uso de artifícios estéticos, a mudança de atitude, elementos que até pouco tempo foram motivadores da modernização de costumes da sociedade brasileira, passam a ser identificados de acordo com Goellner (1998), como de natureza vulgar não só por moralistas, médicos, juízes e religiosos, mas por grande parte das próprias mulheres, inclusive muitas feministas, que, como os outros, eram portadores de uma rígida moral cujos preceitos denunciavam, nessa atitude modernizadora, um ato de desonra.

Frente aos esforços de agentes que ocupam posições de poder na estrutura social brasileira de pré determinar atividades esportivas que visam o reforço de características feminis e a refutação de modalidades que não atendam tais quesitos,

se circunscrevem no campo esportivo brasileiro o que – *grosso modo* – podemos chamar de “esportes para mulheres” e “esportes para homens”⁷.

Nesse emaranhado de significados permeado pela manutenção de preceitos dos bons costumes da sociedade patriarcal e pelas ideias modernistas, Goellner (2004) trata o mundo esportivo como um território permeado por ambiguidades, que fascina e desassossega homens e mulheres, tanto pelo fato de contradizer os discursos legitimadores das condutas próprias para cada sexo, quanto à tensão que existe entre a liberação e o controle das emoções e, também, no que diz respeito a representações de masculinidade e feminilidade.

Como forma de legalizar a permissibilidade das práticas esportivas, fazendo uso do poder público para interferir em tais ações, no ano de 1941 foi instituído o Decreto-lei 3.199⁸ que em seu artigo 54 estabelecia que: “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. Mourão (2000) alega que mesmo frente ao decreto, embora em pequena conotação, as mulheres continuaram a praticar os esportes que teoricamente pudessem prejudicar sua integridade física. Aqueles esportes que visam reforçar a feminilidade prosseguiram sendo praticados, também com participação olímpica, como é o caso da nataçã⁹.

O Decreto-lei 3.199 do ano de 1941, foi implementado em 1965 pelo Conselho Nacional de Desportes e proibia às mulheres “[...] a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, *rugby*, halterofilismo e *baseball*”.

⁷Os argumentos que sustentam esses discursos estão ancorados em uma representação essencialista dos gêneros, segundo a qual, a cada sexo correspondem algumas características que lhe são inerentes e, estas os definem. Pressupõe, portanto, a existência de uma certa essência masculina e/ou feminina considerada natural e imutável. A esta concepção opõe-se uma outra, que afirma ser o gênero uma construção social e, por assim ser, admite, para cada pólo da unidade binária (masculino/feminino), diferenças significativas. (GOELLNER, 2005b, p. 148).

⁸O inteiro teor do decreto pode está disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=152593>>. Acesso em: 09 set 2010. E foi revogado no ano de 1975 pela lei 6251/75, disponível em: <<http://www3.dataprev.gov.br/SISLEX/paginas/42/1975/6251.htm>>. Acesso em 09 set 2010.

⁹Ao associar elementos do “ser feminina” ao universo do esporte, em 1949 foram realizados no Rio de Janeiro os primeiros Jogos da Primavera que perduraram por 23 anos e consistiam essencialmente em unir atributos de delicadeza, beleza, feminilidade com a atividade corporal. Ressaltando que não bastava ser uma mulher bela, era preciso ser bela e também ativa fisicamente. Para maiores detalhamentos ver: MOURÃO, L. A imagem da mulher esportista nos Jogos da Primavera dos anos 50. In: VOTRE (org.). *A representação social da mulher na educação física e no esporte*. Rio de Janeiro: Editoria Central, UGF, 1996.

Goellner (2005a) acredita que o fato da prática esportiva em geral ter aumentado entre as mulheres durante a década de 1970 e o fato de alguns times de futebol feminino estar – mesmo que timidamente – se difundindo, possam ter contribuído com a revogação do Decreto que ocorreu no final do ano de 1979.

Frente a esse contexto de infiltração das mulheres em espaços sociais e esportivos dos quais eram resguardadas, chamamos a atenção para o movimento feminista que se disseminava no Brasil na década de 1970, que de acordo com Costa (2005) visava maior incorporação das mulheres no mercado de trabalho e a ampliação do sistema educacional. O fato de as mulheres estarem se organizando para práticas esportivas como o futebol, coincide com a chamada efervescência cultural de 1968, que se retrata em novos comportamentos afetivos e sexuais, o acesso ao recurso das terapias psicológicas e da psicanálise, dentre outros elementos, bem como, a ocupação de espaços sociais até então restritos aos homens.

Goellner (2005a) ressalta que nesse período, juntamente com a noção de saúde pregada no início do século XX está a ideia da erotização dos corpos. assim, locais sociais onde as práticas esportivas são realizadas, passam a ser identificadores da espetacularização os corpos das mulheres, evidenciando alguns atributos considerados característicos de seu sexo, como a graciosidade, a beleza e, sobretudo, a sensualidade.

No caso brasileiro, a necessidade de atrelar a beleza física de ser feminina ao futebol, modalidade historicamente masculina, aparece como uma constante. Goellner (2005a) é incisiva ao diagnosticar a espetacularização dos corpos femininos a fim de evidenciar as diferenças biológicas em atributos de comportamento, onde “se o futebol não pode masculinizar deve, no sentido inverso, reforçar sua feminilização. Nesse contexto, “feminizar as mulheres é, sobretudo, feminizar a aparência e o uso dos seus corpos” (GOELLNER 2005a, p. 148).

Para Goellner (2005b) agregado ao discurso de mercado que se pauta no custo e na falta de patrocínio como maiores empecilhos para o desenvolvimento desse esporte ou ainda, da falta de condições de manter-se nele, outro discurso que há muito tempo ronda os espaços onde acontece a prática de atividades físicas tais como o futebol, é o da masculinização das mulheres. Trabalhos científicos que abordam essa temática demonstram o preconceito de gênero como um dos grandes

fomentadores dessa diferença de valorização entre as modalidades femininas e masculinas¹⁰.

Visando ter um panorama nacional de produção de teses e dissertações que tem o Futebol Feminino como temática principal, mapeamos essas produções consultando o banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), da Núcleo Brasileiro de Dissertações e Teses em Educação, Educação Física e Educação Especial (NUTESES) e 132 Currículos Lattes de pesquisadores sugeridos pelo *site* do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que foram gerados pelo sistema ao pesquisarmos por assunto e por doutores, as seguintes palavras: “futebol feminino”, “gênero”, “esporte”, “mulher”. Foram consideradas somente as pesquisas concluídas, dessas, três são teses e nove são dissertações, todas envolvendo a temática: futebol feminino ou futebol e mulher.

Destacamos que os estudos encontrados foram concluídos entre os anos 1997 e 2010 e que a grande maioria trata da identidade ou da representação da mulher jogadora de futebol permeada por questões de gênero no sentido dicotômico entre homens e mulheres, ou *grosso modo*, permeados por questões que abordem preconceito sofrido pelas mulheres.¹¹

Demandas que envolvam o sexo biológico ou a construção corporal generificada feminina constantemente permeiam a história da mulher no futebol brasileiro, aparecendo como um empecilho para a entrada como jogadora ou dirigente no “mundo do futebol”, ou como sugere o título dessa dissertação, ao “velho” mundo do futebol que é marcado pela dominação masculina, bem como, pelas lutas em busca da legitimação do corpo feminino para adentrar e se manter nesse *locus*.

¹⁰ Cf. KNIJNIK, J. D. *Femininos e masculinos no futebol brasileiro*. 475 f. Tese (doutorado em psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-27032006-074510/>>. Acesso em: 20 ago 2010.

¹¹ O preconceito de gênero arraigado ao futebol brasileiro se evidencia também ao retratarmos a ocupação de cargos de chefia em grandes empresas, ocupados por homens, em grande maioria. Em relação a ilustração da ocupação dos cargos de chefia por homens e mulheres ver: SIVEIRA, M. Aprovadas pelos próprios funcionários. *Revista ÉPOCA*, São Paulo, 23 agosto 2010, n. 640, p. 102-122.

Tomando por base essas evidências, a equipe de futebol feminino selecionada para posteriormente ser investigada foi o Novo Mundo Futebol Clube (NMFC). Essa seleção ocorreu inicialmente por ser a equipe da cidade de Curitiba – PR que possui a melhor estrutura física (tem sede própria), pela quantidade de títulos e por ter um diretor que trata especificamente do futebol feminino.

Somado a essas características determinantes para a escolha da equipe, um fato pouco comum aos clubes de futebol amador espalhados pelo Brasil foi encontrado no NMFC. Na estrutura desse clube, é o futebol feminino que assume posição de destaque, pois, em comparação com a equipe masculina, são as mulheres que mais obtiveram títulos regionais e nacionais, que tem patrocínio e que recebem para jogar. Nas palavras do presidente, o futebol feminino: “é o carro-chefe do clube”.

No clube investigado temos uma nova realidade, ou, um “novo mundo” no qual, o futebol feminino recebe maior atenção do que o masculino que por sua vez, está inserido em uma lógica maior, ao “velho mundo do futebol”.

Como discurremos anteriormente, o “velho mundo do futebol” está intimamente ligado aos elementos corporais que podem legitimar a atleta como feminina, ou questionar sua sexualidade em detrimento à construção do seu corpo. Esse corpo que exterioriza as preferências, as ações, o modo de se portar e as escolhas, pode ser entendido por Bourdieu como *habitus*.

Para o autor, o *habitus* é um corpo socializado, um corpo estruturado, um corpo que incorporou as estruturas imanes de um mundo ou de um setor particular desse mundo, de um campo, e que estrutura tanto a percepção desse mundo como a ação nesse mundo (BOURDIEU, 1996).

Embora o campo esportivo seja relativamente autônomo (BOURDIEU, 1983a), o corpo que incorporou disposições para a ação nesse espaço, também está sob a apreciação das leis gerais que regem outros campos, como por exemplo, o campo midiático. Ou seja, um corpo feminino fisicamente apto para o futebol, “necessitaria” (nessa lógica) também ser um corpo que está adequado, ou muito próximo, à centralidade da construção cultural do que é veiculado dos meios de comunicação e entendido socialmente por ser feminino.

Nessa esteira salientamos que a construção dos corpos femininos foi de certa forma institucionalizada em 1941 e simbolicamente restituída em 1979. Entretanto, a

reprodução da crença de um dualismo corporal (masculino/feminino) representado por *habitus* legitimados frente a leis de dominação masculina, se dissipou, permanecendo arraigado à figura de atletas de modalidades específicas, dentre elas, o futebol feminino.

Desse modo, o preconceito de gênero contra as mulheres se instaura na exibição de um corpo feminino que talvez tenha incorporado algumas disposições para a ação mais familiares ao *habitus* do futebol masculino, mas que nem por isso deixam de serem mulheres enquanto sexo biológico, apenas se afastam da centralidade da matriz dicotômica que “regulamenta” a construção dos corpos, o gênero.

Somado a todos esses questionamentos e apontamentos tecidos até o presente momento, nos cabe a inquietação: *como se dá o processo de incorporação das disposições para ação das jogadoras do Novo Mundo Futebol Clube no subcampo do futebol?*

Temos como *hipótese* para esse problema de pesquisa que as disposições para ação são incorporadas pelas jogadoras no subcampo do futebol como uma maneira de estabelecimento e manutenção nesse espaço.

Como o corpo de uma atleta de alto-nível é um “corpo para si” no entendimento de Bourdieu (2007b), e esse corpo para si atende aos anseios da modalidade e não aos anseios de espetacularização do corpo feminino pautado em atributos de beleza, graciosidade e sensualidade, essas jogadoras utilizam de algumas estratégias para que mantenham esses atributos em um “corpo para o outro”.

Frente a isso, entendemos que as jogadoras incorporam – inconscientemente – disposições para a ação no subcampo do futebol que atendam tanto aos anseios físicos do jogo, quanto aos anseios da espetacularização e da legitimação do corpo feminino no esporte de acordo com as leis dos diferentes campos. Desse modo, finalizamos nossa hipótese acreditando que as disposições para a ação nesse subcampo oscilam entre atender os aspectos físicos do futebol e atender os aspectos da espetacularização do corpo feminino.

Nesse contexto, o *objetivo geral* do presente trabalho é entender como se dá processo de incorporação das disposições para ação das jogadoras do Novo Mundo Futebol Clube no subcampo do futebol. Os *objetivos específicos* são: identificar, a

partir de um panorama histórico, a presença da mulher brasileira no esporte, mais especificamente no futebol; recuperar elementos da teoria do sociólogo Pierre Bourdieu que possibilitam a leitura analítica do esporte feminino; descrever a formação do *habitus* futebolístico em atletas mulheres; reconhecer as estratégias de legitimação das jogadoras no subcampo do futebol; e discorrer sobre as estratégias de reprodução de um *habitus* feminino em um espaço de dominação masculina: o subcampo do futebol.

Em termos de *justificativa* acadêmica para o presente estudo, trazemos à tona a pequena quantidade de estudos sobre o futebol feminino no Brasil que, como já apontamos anteriormente, é tão escassa quanto os incentivos à prática. Em meio a esse panorama “escasso”, está a nossa proposta de estudo, que se pauta na promoção da análise do futebol feminino brasileiro a partir de informações produzidas com jogadoras do Novo Mundo Futebol Clube, com base na Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu.

No âmbito social, entendemos que conhecendo a estrutura do futebol feminino e de que forma tais fundamentos se desenvolvem, amplia-se a possibilidade de compreensão da modalidade pela qual nosso país é conhecido internacionalmente, e pouco motivado à prática feminina no âmbito nacional.

No contexto pessoal, o interesse por estudos que abordam a mulher, sua corporeidade e os esportes em uma conotação generificada, é um gosto que aflorou com os trabalhos monográficos de graduação¹². O primeiro consistiu na análise de conteúdo das capas da Revista Claudia, a fim de conhecer qual era a imagem feminina veiculada e no ano seguinte, o trabalho monográfico foi direcionado às escolares, e teve como objetivo conhecer como as meninas estudantes da terceira série do ensino médio de um colégio público na cidade de Marechal Cândido Rondon – PR manipulavam sua imagem corporal durante as aulas de Educação Física, e qual era o intuito de tal representação.

Com base nas afinidades pessoais com a temática; na necessidade de produção científica nessa área; e nas ferramentas analíticas construídas pelo

¹² Ambos trabalhos monográficos de graduação podem ser visualizados em forma de artigo em: SALVINI, L. MYSKIW, M. Representação do corpo feminino na revista Claudia no ano de 2006: retrato de uma produção restrita. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 19, n. 4, 2008, p. 521-528. E em: SALVINI, L. MYSKIW, M. As representações do corpo feminino na educação física escolar: um estudo com alunas do Ensino Médio. *Pensar a Prática*, CIDADE, v. 12, n. 3., 2009, p. 1-11.

sociólogo francês Pierre Bourdieu, acreditamos ter a possibilidade de trazer a tona alguns fundamentos ocultos de dominação presentes na realidade do futebol feminino.

1.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo caracteriza-se como qualitativo descritivo. Pois, num estudo qualitativo a obtenção de dados descritivos ocorre mediante contato direto e interativo do pesquisador com o objeto de estudo, tendo por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social, procurando reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação (NEVES, 1996).

Num conjunto de características essenciais capazes de identificar uma pesquisa desse tipo, Godoy (1995) destaca: o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental. Assim, a preocupação do investigador consiste em procurar descrever o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida. Dessa maneira, para Barros e Lehfeld (1986) um estudo qualitativo descritivo é aquele em que o pesquisador observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los, a fim de descobrir a frequência com que um fenômeno ocorre, sua natureza, características, causas, relações e conexões com outros fenômenos.

Frente a isso, nossos dados foram coletados por meio da pesquisa de campo, fato que possibilitou o contato direto com a equipe de futebol e mais diretamente com as quatro jogadoras que entrevistadas. Para ter acesso às informações históricas do futebol feminino no clube investigado, realizamos entrevistas com o diretor de futebol feminino no NMFC, o presidente do clube e uma ex-jogadora que continua atuando na equipe. Já para ter acesso às informações relativas ao início do futebol feminino no Paraná, entrevistamos um jornalista que vivenciou e incentivou a prática da modalidade no início da década de 1980, após a revogação do decreto que proibia as mulheres de praticar futebol.

Para coletar informações referentes à história do futebol feminino, utilizamos o método da história oral que “[...] permite o registro de testemunhos e o acesso a ‘história dentro da história’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado” (ALBERTI, 2010 p. 155).

Em se tratando das entrevistas e visitas aos treinos e jogos do NMFC, Trujillo (1982) alerta que a pesquisa de campo não pode ser confundida com a simples coleta dos dados, pois exige contar com controles adequados e com objetivos preestabelecidos que discriminam suficientemente o que deve ser coletado. Desse modo, coletamos os dados de duas maneiras, por meio de observações e de entrevistas.

As observações foram realizadas na sede da equipe Novo Mundo Futebol Clube localizada no bairro Novo Mundo na cidade de Curitiba – PR durante os treinos e jogos que eram realizados nesse ambiente no período de março a julho do ano de 2011. A priori, os treinos e jogos investigados aconteceram aos sábados pela manhã no horário das 10h30min ao meio dia e os jogos que aos domingos à tarde.

Destacamos que nem sempre os treinos aconteciam aos sábados pela manhã, podendo acontecer durante a semana ou aos sábados no período da tarde entre 14h e 16h. Bem como, quando os jogos eram em cidades mais distantes ou havia chovido, não aconteciam treinos.

Nem sempre conseguíamos manter contato antecipadamente com o diretor do futebol feminino, bem como, algumas vezes recebemos informações distorcidas, como a confirmação do treino e quando chegamos ao local não havia ninguém. Dessa forma, em decorrência de algumas trocas de horários ou da “ausência” de treinos ou jogos, perdemos algumas idas a campo, que ao final da pesquisa totalizaram quinze. Para que fosse possível a coleta dos dados desde a chegada das atletas ao local, tanto em situação de jogo quanto de treino, estávamos lá em média 30 minutos antes do início das atividades.

As informações relacionadas aos elementos constituidores do *habitus* das jogadoras foram coletadas por meio de observação e registradas em um diário de campo onde as percepções, vivências e experiências foram apontadas com exatidão e muito cuidado.

Geertz (1989) salienta que para além da técnica que compreende selecionar informantes, mapear campos, transcrever textos, manter um diário, o mais

característico é o conceito de descrição densa. Do qual o autor se apropriou para especificar a técnica de campo etnográfica¹³. A descrição densa consiste na percepção da dinamicidade das ações práticas, ao oposto de uma imagem capturada por uma câmera. Esse tipo de descrição se foca em buscar a compreensão em detalhes de significados e significações compartilhadas por membros de um mesmo grupo.

Geertz (1989) orienta que tal descrição somente é possibilitada após a inserção no grupo de modo que a presença do pesquisador seja de certa forma “naturalizada”, ou percebida de menor forma. A fim de sistematizar as observações adotamos o seguinte quadro elaborado por Silveira (2007):

Diário de campo nº ____		Data: ____/____/____	Horário: ____
Local:			
Descrição		Sensações	Bibliografia
Função empírica: descrição dos acontecimentos com o máximo de detalhes		Função catártica: relato de sentimentos e sensações que tive.	Função reflexiva: reflexões teóricas e conceitos que ajudam a compreender tal situação.

Em se tratando de formas e nomenclaturas utilizadas na descrição e no desenvolvimento de métodos durante as observações, Bourdieu visando fortalecer os fundamentos científicos do trabalho de campo, afirma:

Não se tem de escolher entre observação participante, uma imersão necessariamente ficcional num meio estranho, e o objetivismo da “contemplação à distância” de um observador que permanece tão distante de si próprio como do seu objeto. A objetivação participante encarrega-se de explorar não a “experiência vivida” do sujeito do conhecimento, mas sim as condições sociais de possibilidade – e, dessa forma, os efeitos e limites – dessa experiência e, mais precisamente, do próprio ato de objetivação. Visa objetivar a relação subjetiva com o próprio objeto, o que, longe de levar a um subjetivismo relativista e mais ou menos anticientífico, é uma das condições da objetividade científica genuína. (BOURDIEU, 2003, *apud* WACQUANT, 2006, p. 23).

Como já mencionado, juntamente com as observações realizamos também entrevistas semi-estruturadas de modo individual com quatro jogadoras na sede da

¹³ É importante salientar que embora o presente estudo não se caracterize como etnográfico, utilizaremos de observações e entrevistas, instrumentos de coleta de dados que fazem parte do aparato investigativo do etnógrafo.

equipe, em períodos diferenciados que variam entre janeiro e maio de 2011. As entrevistas foram coletadas por meio de gravador de voz e com duração média 50 minutos cada. A escolha pela realização dessa categoria de entrevista se traduz na possibilidade de realizar uma forma “dialogada” de entrevista, salientando que as questões se caracterizam por serem abertas, mas, com um roteiro previamente definido de elementos importantes a serem seguidos.

Flick (2005) considera que esse método de entrevista possibilita à entrevistada falar de um assunto do qual já tenha vivência, assim podendo se expressar espontaneamente ao responder uma pergunta aberta. No presente caso, as jogadoras foram entrevistadas basicamente sobre elementos que envolvem sua trajetória no futebol. Os complementos para a resposta obtida se construíram partir da continuação do questionamento, que se embasava nos tópicos que organizavam o roteiro, a fim de atender ao objetivo real da pergunta.

Salientamos que tanto a construção quanto a realização das entrevistas foram cuidadosamente elaboradas, tendo em vista que questionamentos bem estruturados possibilitaram que as entrevistadas não fossem induzidas a determinadas respostas, bem como, que se evitassem situações constrangedoras tanto para as entrevistadas quanto para a entrevistadora. Elementos que visam, de certo modo, garantir o sucesso da entrevista passam também pela sensibilidade do agente que efetua a entrevista que, de acordo com Bourdieu (1999b), deverá esboçar sinalizações de entendimento e de estímulo, com gestos, acenos de cabeça, olhares e também sinais verbais como de agradecimento, de incentivo que poderão facilitar a troca de informações, mas sem que estes atrapalhem a linha de pensamento do entrevistado. Nesse contexto, os pesquisadores se esforçaram para diminuir a violência simbólica que é exercida através de si mesmo, procurando utilizar termos familiares às entrevistadas.

Goldenberg (2007) alerta que trabalhando com esse instrumento de pesquisa, é bom lembrar que o entrevistador lidará com o que o entrevistado deseja revelar, o que deseja ocultar e a imagem que quer projetar de si mesmo e de outros. A autora ressalta que como em qualquer relação pessoal, uma entrevista bem sucedida depende da criação de elementos que visem uma possível atmosfera amistosa e de confiança, onde as características pessoais do pesquisador e pesquisado são decisivas. Sugere que é importante criar um ambiente de confiança e legitimidade no

pesquisador, para evitar suspeitas ou descrédito especialmente nas primeiras abordagens.

Outro fator importante para garantir a fidedignidade é a transcrição imediata e coerente das informações, que nesse caso foram transcritas na íntegra. Nesse sentido, Bourdieu (1999b) aponta que uma transcrição de entrevista não pode ser somente o ato mecânico de passar para o papel o discurso gravado do informante. O pesquisador tem que apresentar os silêncios, os gestos, os risos, a entonação de voz do informante durante a entrevista e deve ter fidelidade quando transcrever tudo o que o pesquisado falou e sentiu durante a entrevista.

A transcrição imediata possibilita ao pesquisador maior conhecimento dos assuntos abordados, possibilitando assim, que nas próximas entrevistas outros assuntos sejam abordados e aqueles que não ficaram suficientemente esclarecidos sejam revisitados, bem como, a oportunidade de “conferir” com o entrevistado se a informação que foi fornecida significa realmente o que o entrevistador entendeu (GOLDENBERG, 2007).

Ressaltamos que as jogadoras foram informadas a respeito do conteúdo das observações e entrevistas e sua aderência a esse trabalho foi de modo livre e esclarecido, bem como, um termo de compromisso foi apresentado e assinado pelas jogadoras as quais tiveram total liberdade para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento¹⁴.

Em se tratando da quantidade de entrevistadas, Minayo (2000) alega que uma amostra é ideal quando tem a capacidade de refletir a totalidade nas múltiplas dimensões, assim como, a validade dessa amostragem está na sua capacidade de objetivar o objeto empiricamente em todos os âmbitos. A fim de atender esses quesitos, os critérios utilizados para a seleção da amostra dessa equipe foram de modo inicial, já ter participado em jogos da Seleção Brasileira de futebol feminino ou, o tempo de permanência na equipe do Novo Mundo Futebol Clube, como elemento de representatividade dentro desse grupo.

Com conhecimento prévio das jogadoras sabendo das participações na Seleção e da história que algumas delas apresentam dentro da equipe, foram

¹⁴ Estamos em posse do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido devidamente assinado pelas jogadoras entrevistadas e, salientamos que não se encontram em anexo para resguardar e preservar a identidade das participantes.

selecionadas quatro jogadoras que atendiam aos critérios já mencionados. Nesse sentido, Minayo (2000) aponta que na pesquisa qualitativa o critério não é numérico e visa aprofundamento e abrangência da compreensão do grupo estudado. A escolha de quatro jogadoras pode ser compreendida em decorrência do curto espaço de tempo que tivemos para a realização desse trabalho, tendo em vista atender a necessidade de conhecer de maneira mais aprofundada a história de vida das entrevistadas no futebol, os modos de pensamento quanto a elementos presentes nessa estrutura, dentre outras questões relevantes que dependem de certo tempo de convivência para que a entrevista ocorra de modo natural, dentro das limitações.

As informações coletadas das observações foram apresentadas seguindo a ordem cronológica de chegada ao clube descrevendo como foi a recepção aos pesquisadores, bem como, como nos sentimos em estar no espaço investigado. Já as informações que coletamos por meio das entrevistas, foram compiladas e apresentadas de acordo com o assunto abordado, ou seja, quando um mesmo tema era abordado, a opinião das quatro jogadoras aparecia de modo subsequente. Esses dados foram analisados a partir da Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu, mais especificamente sob a ótica dos conceitos teóricos descritos e desenvolvidos no capítulo II e apresentados no capítulo IV.

1.3 PLANO DE REDAÇÃO

O presente estudo está dividido quatro capítulos. No *capítulo I* denominado: introdução, a temática do futebol feminino é apresentada, juntamente com alguns conceitos ou elementos teóricos que serão mais bem abordados nos capítulos seguintes. Tecemos um breve panorama histórico da presença da mulher brasileira no esporte, assim como, apresentamos apontamentos a respeito do nosso entendimento sobre o conceito de gênero, seguido da apresentação do nosso problema de pesquisa e os aspectos metodológicos.

O *capítulo II*, ou capítulo teórico, foi construído a partir de elementos da teoria do sociólogo Pierre Bourdieu que proporcionassem a leitura analítica do esporte feminino. Esse capítulo está dividido em três sub-capítulos intitulados: leis gerais dos

campos; *habitus*: o corpo como vitrine na lógica do campo; e fundamentos ocultos de dominação (masculina); os três sub-capítulos estabelecem relação com o nosso objeto de estudo: o futebol feminino.

O resgate histórico do futebol feminino no Brasil, no Paraná e especificamente no Novo Mundo Futebol Clube pode ser vislumbrado no capítulo histórico, *capítulo III*. A partir de informações coletadas em revistas sobre futebol, jornais paranaenses e de relatos da história oral de agentes que participaram de diferentes percursos da modalidade e do clube investigado estão detalhados nos três sub-capítulos que estão organizados por décadas entre os anos de 1980 até 2010.

O *capítulo IV* corresponde a nossa pesquisa de campo, é onde as informações são apresentadas e analisadas a partir dos elementos teóricos apresentados no capítulo II. Ele se divide em outros quatro itens que relatam os passos da pesquisa: “Veio pra jogar?” Notas sobre o primeiro contato com a equipe; Disposições iniciais para a prática: a formação de um *habitus* futebolístico; Estratégias de reprodução de um *habitus* feminino em um espaço de dominação masculina; e, Guerreiras de chuteiras na luta pelo reconhecimento.

Objetivando o fechamento desse trabalho, nas *considerações finais* tecemos um apanhado geral das discussões até então elaboradas visando responder o nosso problema de estudo que consistia em entender o processo de incorporação de disposições para a ação das jogadoras do Novo Mundo Futebol Clube no subcampo do futebol. Como possibilidade de responder tal questionamento, sustentamos nossa análise em três principais alicerces, dentre os quais vislumbramos que a construção do *habitus* futebolístico se inicia na infância e tem influência de familiares; em seguida constatamos que a incorporação de um *habitus* feminino socialmente construído é utilizado nesse espaço como uma estratégia de entrada e manutenção tanto das jogadoras quanto de mercado, ao explorar uma nova oferta ao consumo esportivo; finalizando, ficou evidente que o processo de incorporação das disposições para a ação no subcampo do futebol é permeada por um elemento entendido pelas jogadoras como fundamental, ou disposição inicial para a ação: a “garra”. Essa força de vontade se apresenta como disposição necessária a essas mulheres, tanto para a entrada como para a manutenção em um espaço de dominação masculina.

2 A SOCIOLOGIA REFLEXIVA DE PIERRE BOURDIEU: CONCEITOS CHAVE PARA LER O ESPORTE FEMININO

No presente capítulo pretendemos discorrer sobre elementos constituidores da teoria sociológica de Pierre Bourdieu, com ênfase na noção de campo e *habitus*, sob uma perspectiva da distinção econômica e cultural que orienta as escolhas de grupos/agentes, debruçando-nos sob as escolhas esportivas, como também, sobre o espectro da distinção entre os sexos que se fundamenta no antagonismo explícito das características e funções físicas e sociais para cada gênero.

“Ferramentas” essenciais para compreensão da lógica campo-*habitus*, como o conceito de violência simbólica, capitais, dominação masculina, legitimidade, dentre outros, permeiam todo o contexto a seguir, informando e localizando inicialmente os conceitos *bourdieusianos* e posteriormente – no próximo capítulo – a estrutura do futebol feminino, objeto de estudo do presente trabalho a partir das categorias sociológicas destacadas.

Para tanto, apreendemos nesse momento o corpo como elemento chave para o entendimento da sociologia proposta por Bourdieu, para o possível desvelar de algumas ações encontradas especialmente no espaço esportivo brasileiro e no sub-espaço do futebol, ou seja, o corpo enquanto vitrine das “escolhas¹⁵” de jogo a partir de um olhar normativo de gênero, tomando como base o princípio explicitado por Bourdieu de que, a divisão entre os sexos está na ordem das coisas.

Embora este sociólogo não tenha se debruçado em estudar especificamente as questões de gênero no esporte, sua teoria se fundamenta em trazer a tona elementos ocultos de dominação. Dessa forma, justificamos a escolha teórica por entender que desvelando alguns mecanismos ocultos de dominação poderemos ler o esporte, mais precisamente o futebol feminino no Brasil, a partir de outro olhar, um olhar que anseia por reflexividade, que busca trazer à luz, ações que muitas vezes são obscurecidas e naturalizadas.

¹⁵ No sentido de incorporação de disposições para a ação.

Em se tratando da organização do capítulo, inicialmente apresentaremos elementos constituidores da noção de campo e, mais especificamente, de campo esportivo, com foco na produção e incorporação da crença. Na sequência, apontamentos sobre a noção de *habitus*, no sentido de aprendizado pelo corpo, as incorporações sociais no contexto individual de construção, manutenção e reprodução do *habitus*. Posteriormente elucidaremos questões relacionadas à distinção econômica social e a distinção instaurada nos corpos a partir das características de gênero, permeadas pelos fundamentos ocultos de dominação, como a violência simbólica e a dominação masculina no contexto dos esportes.

2.1 LEIS GERAIS DOS CAMPOS

Ao longo de sua obra, o sociólogo francês Pierre Bourdieu sistematizou um conjunto de ferramentas teórico-metodológicas a fim de possibilitar o estudo da sociedade em seus desdobramentos políticos mais profundos, com o intuito de vislumbrar o dissimulado, de trazer à luz a partir de um referencial teórico rigoroso e consistente, comportamentos e configurações historicamente obscurecidas evidenciando os elementos ocultos de dominação que seguem mantendo as estruturas sociais e posições de dominação no interior dos mais distintos campos. Dito de outro modo, o autor constrói sua obra a partir do questionamento da reprodução das desigualdades sociais e suas leis que se efetivam nas relações estruturantes da sociedade de modo a torná-las menos obscuras, bem como, de mais fácil compreensão e assimilação por parte das pessoas que estão inseridas em posições de desprestígio e exploração nesses espaços.

Considerando a obra em questão, que foi elaborada a partir das experiências de Pierre Bourdieu na região do Béarn e na sociedade Cabila na Argélia colonial, e entendendo o *habitus* como categoria gerativa da Teoria dos Campos, não nos cabe aqui, apresentar uma abordagem restritiva do que entendemos por *habitus* ou campo, mas sim, trazer à tona apontamentos do autor e de seus comentadores, que visam elucidar a dimensão dos termos, a partir do entendimento de cada noção.

Entretanto, ressaltamos que ambas as denominações (*habitus* – campo) inexistem frente à ausência da outra, são complementares na sua função e construção.

Com relação a conceitualização dos termos, Bourdieu (1983a) adverte que é preciso levar a sério os conceitos, controlá-los e, sobretudo, fazê-los trabalhar na pesquisa sob vigilância, pois, é dessa forma que vão melhorando gradualmente e não pelo controle lógico e puro que os fossiliza. Para o autor, um bom conceito, como é o caso do *habitus*, destrói muitos falsos problemas e faz surgir outros, mais reais. No entanto, quando é bem construído e bem controlado, ele tende a se defender por conta própria das reduções.

Ao propor uma abordagem em termos de espaço social e de campos sociais, Bourdieu se reveste de conceitos e instrumentos que permitem não apenas analisar a posição dos grupos e suas relações, mas também, compreender a tendência à reprodução da ordem social (BONNEWITZ, 2003)¹⁶ e o define, – o espaço social – pela exclusão mútua ou pela *distinção* das posições que o constituem, se retraduzindo no espaço físico sobre a forma de agentes e propriedades (BOURDIEU, 2007a).

Para Ortiz (1983), os estudos de Bourdieu acentuam a dimensão social de que as relações entre os homens se constituem em relações de poder, mais ainda, em que elas reproduzem o sistema objetivo de dominação interiorizado enquanto subjetividade. Dessa forma, o autor entende que a sociedade é apreendida como estratificação de poder. De modo mais específico, a visão de conjunto da sociedade, Bourdieu superpõe uma análise – partir da dimensão relacional das posições sociais ou classes sociais – em termos de campos sociais e compreende sua hierarquização pela desigual distribuição dos bens, nos quais os agentes se distribuem inicialmente de acordo com o volume global do capital que possuem, e em seguida, pela composição do capital (BONNEWITZ, 2003).

As diferentes formas de capital permitem estruturar o espaço social¹⁷ que se apresentam em primeira análise, como uma abordagem econômica, pois, o capital é acumulado por meio de operações de investimento e transmitido pela herança, tal

¹⁶ A noção de campo foi elaborada por Bourdieu, posteriormente a noção de *habitus*. Entretanto, no presente trabalho apresentaremos inicialmente a noção de espaço social ou campo social, para posteriormente aprofundarmo-nos na noção de *habitus*.

¹⁷ Entendemos, que de acordo com a elaboração da Teoria dos Campos, ao nos utilizarmos da nomenclatura espaço social e campo social estamos tratando de noções idênticas.

qual, permite extrair lucros segundo a oportunidade que o seu detentor tiver de operar as aplicações mais rentáveis. No entanto, essa caracterização faz do capital um conceito heurístico, que estende sua aplicação para outros ramos além do econômico.

Com base em Bonnewitz (2003, p. 53-4) apresentaremos de maneira resumida os quatro tipos de capital desenvolvidos por Pierre Bourdieu:

O *capital econômico* se constitui pelos diferentes fatores de produção (terras, fábricas, trabalho) e pelo conjunto de bens econômicos: renda, patrimônio, bens materiais. Já o *capital cultural* corresponde ao conjunto das qualificações intelectuais produzidas pelo sistema escolar ou transmitidas pela família. Esse capital pode existir sob três formas: em estado incorporado, disposições duradouras do corpo; em estado objetivo, como bem cultural; e em estado institucionalizado, como, por exemplo, os títulos acadêmicos.

A definição de *capital social* se dá essencialmente no conjunto das relações sociais de que dispõe um indivíduo ou grupo. A detenção desse capital implica na instauração e manutenção das relações, tal qual, convites recíprocos, lazer em comum, etc. E, o conjunto de rituais ligados à honra e reconhecimento, correspondem ao *capital simbólico*, que conferem ao agente – a partir do crédito e da autoridade – o reconhecimento por parte de outros agentes em um determinado campo e a posse das outras três formas de capital, sempre em conformidade com o campo em questão.

A distribuição dos agentes e/ou os grupos no espaço social se estabelece especialmente em decorrência de sua posição nas distribuições de capital econômico e cultural, e desse modo, apresentam semelhanças quanto mais próximos estejam nessas duas dimensões e, logicamente, menos terão em comum quanto mais distantes estejam nelas. A posição ocupada no espaço social ou na estrutura de distribuição de diferentes tipos de capital vem a comandar as representações desses espaços e as tomadas de posição nas lutas para conservá-lo ou transformá-lo (BOURDIEU, 1996).

O autor dá sequência a essa ideia afirmando que os campos se apresentam com relação aos outros campos, como espaços estruturados de posições cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, que podem ser analisadas

independentemente das características de seus ocupantes, mas que, em parte, são determinadas por eles.

Em termos analíticos, Bourdieu e Wacquant (2008) relatam que um campo pode ser definido como uma rede ou uma configuração de relações objetivas entre posições que, por sua vez, são definidas objetivamente em sua existência e nas determinações que elas impõem aos seus ocupantes, por sua situação atual e potencial na estrutura da distribuição das diferentes espécies de poder cuja posse comanda o acesso aos lucros específicos que estão em jogo no campo.

De acordo com as leis gerais dos campos apresentada por Bourdieu (1983a), campos tão diferentes como o da política e o campo da Filosofia apresentam leis de funcionamento invariantes. É isso que traduz a efetividade de uma teoria geral – salientada anteriormente – pois, torna-se possível a utilização do que se aprende sobre o funcionamento de cada campo particular para interrogar e interpretar outros campos. Nesse âmbito, o autor destaca que a cada vez que um campo novo é estudado, são descobertas propriedades específicas de um campo particular, ao mesmo tempo em que se avança no conhecimento dos mecanismos universais dos campos que se especificam em função de variáveis secundárias, como por exemplo, variáveis nacionais.

Prosseguindo nessa esteira, um campo se define – entre outras coisas – através da demarcação dos objetos de disputas e dos interesses específicos que são irreduzíveis aos objetos de disputas e dos interesses próprios de outros campos (BOURDIEU, 1983a). O campo é um “[...] *locus* onde se trava uma luta concorrencial entre os atores em torno de interesses específicos que caracterizam a área em questão” (ORTIZ, 1983, p. 19).

Corroborando as afirmações acima, para Bourdieu todo campo se caracteriza por agentes dotados de um mesmo *habitus*, e dessa maneira, o campo estrutura o *habitus*¹⁸ e o *habitus* constitui o campo. O campo se diferencia por ser um *locus* (conjunto de estruturas e agentes), espaço social de lutas, disputas e concorrência entre os dominantes – detentores de poder de determinado campo – frente aos dominados, que por sua vez, tentam se estabelecer nessa estrutura, a partir da

¹⁸ A noção de *habitus* será abordada na sequência com mais profundidade.

utilização de estratégias que lhe permitam ter acesso aos objetos de interesse e as posições distintas e legítimas do campo em questão. Nas palavras do próprio autor:

Um campo é um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças. Cada um, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias (BOURDIEU, 1997, p. 57).

No propósito da estrutura dos campos, aqueles que, num estado determinado de relação de força, monopolizam o capital específico, tendem a estratégias de conservação (ortodoxia), ao passo que, os que possuem menos capital, normalmente os recém chegados, tendem a estratégias de subversão (heresia). Bourdieu (1983a) aborda que

“[...] é a heresia enquanto ruptura crítica, frequentemente ligada à crise, juntamente com a *doxa*, que faz com que os dominantes saiam de seu silêncio, impondo-lhes a produção do discurso em defesa da ortodoxia, pensamento “direito” e de direita, com o intuito de recuperar o equivalente a adesão silenciosa da *doxa*” (BOURDIEU, 1983a, p. 90).

Conduzindo o nosso olhar para o campo esportivo ou ao subcampo do futebol no Brasil entendido historicamente como um espaço de reprodução de significados de masculinidade, e para as agentes não legítimas a esse espaço – as mulheres – salientamos que o capital simbólico incorporado diz respeito a distinção visual e explícita da normatividade de gênero. Ou seja, as mulheres para adentrarem um espaço legítimo masculino inicialmente manipularam sua impressão no sentido de se parecerem com os agentes dominantes – os homens –, contudo, essa estratégia não foi bem aceita, tendo em vista que desvirtuava o que se entendia como construção cultural por ser feminino ou masculino. Dessa forma, com o passar do tempo as mulheres jogadoras “tiveram” (no sentido de estratégia não consciente) que incorporar características normativas do gênero feminino como demonstração de possuir o capital simbólico legítimo do seu gênero para então lutar por espaço “legítimo” nesse subcampo.

2.1.2 O Campo Esportivo

Marchi Júnior (2004) baseado em Bourdieu entende que dentro da particularidade de cada campo, há formas de disputas, lutas e competições, sendo que vislumbramos em cada uma delas a especificidade das relações entre o “novo” – que tenta garantir o direito de participação – e o dominante – que defende o monopólio objetivando excluir a concorrência. Vale frisarmos que é exatamente nessa linha de raciocínio que Bourdieu preconiza uma forma particular de entender o esporte moderno.

O sistema de instituições e de agentes vinculados ao esporte tende a funcionar como um campo. Deste modo, não se pode compreender diretamente os fenômenos esportivos num dado momento, num dado ambiente social, colocando-os em relação direta com as condições econômicas e sociais das sociedades correspondentes. Bourdieu (1983a) aborda que a história do esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica.

A relativa autonomia do campo esportivo pode ser vislumbrada na história do futebol feminino. Enquanto algumas ações do campo político atingiram diretamente a modalidade, outras, pouco influenciam. Como influência direta do campo político, citamos o decreto de 1941 que delimitava – e determinava nas entrelinhas – as práticas esportivas adequadas à natureza feminina, fato que teve/tem grande impacto na modalidade em questão – o futebol feminino. Do mesmo modo, ações políticas que visavam/visam maior participação das mulheres em outros espaços sociais que não os esportivos, não influenciaram no campo esportivo, ao ponto que por 40 anos as jogadoras de futebol foram legalmente proibidas de exercer essa prática, mesmo com outros direitos concedidos as mulheres, tal qual o voto.

Bourdieu (1983a) apresenta que a constituição de um campo das práticas esportivas se acompanha da elaboração de uma filosofia política do esporte. Assim, a teoria do amadorismo faz do esporte uma prática tão desinteressada quanto a arte, embora, o esporte seja mais conveniente do que a arte para a afirmação de virtudes viris dos futuros líderes. “O esporte é concebido como uma escola de

coragem e virilidade, capaz de formar o caráter e inculcar a vontade de vencer [...] mas, uma vontade de vencer que se conforma às regras”¹⁹ (Bourdieu, 1983a, p. 140).

As frações dominantes da classe dominante tendem sempre a pensar sua oposição às frações dominadas por meio das oposições entre masculino e feminino, o viril e o afeminado, que passam a assumir diferentes conteúdos conforme suas épocas. Desse modo, Bourdieu (1983a) demonstra que o esporte – em especial os esportes “viris” tal qual o futebol no Brasil – assim como toda prática corporal, é um objeto de lutas entre frações da classe dominante e também entre as classes sociais. Vejamos:

O campo das práticas esportivas é o lugar de lutas que, entre outras coisas, disputam o monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva, amadorismo contra profissionalismo, esporte-prática contra esporte-espetáculo, esporte distintivo – de elite – e esporte popular – de massa – etc.; e este campo está ele também inserido no campo das lutas pela definição do corpo legítimo e do uso legítimo do corpo, lutas que além de oporem entre si, treinadores, dirigentes, professores de ginástica e outros comerciantes de bens e serviços esportivos, opõem também os moralistas e particularmente o clero, os médicos e particularmente os higienistas, os educadores no sentido mais amplo – conselheiros conjugais, dietistas, etc. –, os árbitros da elegância e do gosto – costureiros, etc. (BOURDIEU, 1983a, p. 142, grifo nosso).

Entre as disputas que ocorrem no campo esportivo, mais precisamente no subcampo do futebol, na estrutura do futebol feminino, identificamos a modalidade como sendo uma prática ainda amadora no Brasil e, desse modo, a técnica das jogadoras e principalmente a plasticidade do jogo são comparadas ao esporte-espetáculo do futebol masculino, sofrendo severas críticas. Outro “agravante” que posiciona o futebol feminino como dominado dentre essas disputas, é a popularidade, ou a vulgarização, da modalidade (que perdeu o *glamour* elitista ao ser praticado por operários e posteriormente passar pelo processo de profissionalização) frente a outros esportes com maior adesão do público feminino, como o tênis. Contudo, a matriz e a vitrine de todas essas disputas se depositam no

¹⁹ A vontade de vencer em conformidade às regras pode ser chamada de *fair play*, que de acordo com Bourdieu (1983a), é uma disposição cavalheiresca inteiramente oposta à busca vulgar da vitória a qualquer preço.

corpo, ou no que Bourdieu (1983a, p. 142) chama de “lutas pela definição do corpo legítimo e do uso legítimo do corpo”.

Em consonância com os apontamentos anteriores, o autor enfatiza que os *habitus* esportivos – construídos a partir de lutas pelo monopólio da imposição da definição legítima de usos do corpo – apresentam invariantes transistóricas que consistem em duas diferentes formas de capitais específicos, ou, a oposição recorrente entre duas filosofias antagônicas que se distinguem na maneira de abordar e “usar” o corpo. Frente a isso, a autonomia relativa desse campo depende do estado das relações de força entre as frações de classe dominantes e entre as classes sociais no campo das lutas pela definição do corpo legítimo e dos usos legítimos do corpo. Para Bourdieu (1983a), o progresso de tudo a que se dá o nome de “expressão corporal”, só pode ser compreendido relacionando-o com o avanço de uma nova variante da moral burguesa, tais elementos são visíveis nas relações entre pais e filhos e tudo que diz respeito à pedagogia, ou seja, na reprodução das práticas.

O autor elucida que mesmo nos dias atuais, o esporte trás consigo marcas de sua origem aristocrática, no sentido de uma prática desinteressada²⁰ e gratuita, fato que contribui para mascarar a verdade de uma parcela crescente das práticas esportivas (esportes como o tênis, equitação, golfe...) que devem uma parte do interesse de seus praticantes aos lucros de distinção que o esporte escolhido lhe proporciona. Nessa esteira, os lucros distintivos são dobrados quando a diferenciação entre as práticas distintas e distintivas, como os esportes “chiques”, e as práticas que se tornaram “vulgares” – decorrentes da divulgação de esportes originalmente reservados à elite, como é o caso do futebol brasileiro – são acrescidos de uma oposição mais enfadonha ainda, entre a prática do esporte e o simples consumo esportivo. Nesse sentido, o esporte como espetáculo aparece como uma mercadoria de massa, e a organização desses espetáculos como um ramo do *show business* (BOURDIEU, 1983a).

Com relação aos praticantes profissionais, amadores e aos consumidores esportivos, Bourdieu (1983a) destaca que a carreira esportiva é praticamente

²⁰ O esporte nessa conotação remete a um público que dispunha de tempo livre para praticá-lo, ou seja, homens economicamente abastados que não precisava trabalhar e se utilizavam do esporte como forma de exaltação do seu estilo de vida. Para maiores esclarecimentos ver: VEBLEN, T. *A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

excluída do campo das trajetórias admissíveis a uma criança da burguesia, – exceto esportes elitistas. Em contrapartida, representa uma forma de ascensão social para crianças de classes dominadas.²¹ O autor prossegue esta linha de pensamento com a ideia de que o capital físico masculino está para os esportes assim como, o capital físico feminino está para concursos de beleza²² e, que entre as profissões liberais e a burguesia de negócios, as funções estéticas e higiênicas são acrescidas a função social, através dos esportes, que como os encontros sociais, também se apresentam como atividades desinteressadas²³ permitindo a esse grupo, acumular capital social.

Bonnewitz (2003) com base em Bourdieu diz que um campo pode ser considerado como um mercado, com produtores e consumidores de bens, no qual os produtores (indivíduos dotados de capitais específicos) motivados a acumular forma de capital que garante a dominação do campo, se enfrentam.

O princípio das transformações das práticas e dos consumos esportivos deve ser buscado na relação entre as transformações da oferta e as transformações da demanda. Bourdieu (1983a) descreve que as transformações da oferta se engendram nas lutas de concorrência pela imposição da prática esportiva legítima e pela conquista da clientela dos praticantes comuns de cada esporte, são lutas entre diferentes categorias de agentes envolvidos nessa concorrência. Já as transformações da demanda, correspondem às transformações dos estilos de vida, e obedecem às leis gerais desta transformação. As duas formas de transformações aqui descritas se “permeiam” pelo fato de que o espaço dos produtores tende a reproduzir em suas divisões o espaço dos consumidores (BOURDIEU, 1983a).

Para que se possa verdadeiramente fazer uma análise sociológica do esporte, é necessária a percepção de que é inviável a análise de um esporte sem que se pense num conjunto de práticas esportivas, espaço no qual, cada elemento recebe seu valor distintivo. Bourdieu (1999a) salienta que para compreender um esporte, inicialmente é necessário reconhecer a posição que ele ocupa no espaço dos

²¹ Essa possibilidade ascensão social pode ser observada nos meninos de classes dominadas economicamente e seu sonho de ser jogador de futebol, visando melhorar as condições de vida. O mesmo não acontece com as meninas que jogam futebol, pois, o futebol feminino no Brasil ainda é amador e não proporciona grandes recompensas de cunho econômico.

²² Acrescentamos a essa ideia, o pensamento de que o capital físico ou corporal masculino e feminino no âmbito dos esportes está culturalmente (pré) estabelecido. E dessa forma, orientam a escolha de modalidades esportivas com bases na normatividade de gênero.

²³ Para melhor entendimento do que Bourdieu se refere por “desinteressado”, ver: BOURDIEU, P. É Possível Um Ato Desinteressado? In: BOURDIEU, P. *Razões Práticas*, Campinas : Papius, 1996.

esportes. Para tanto, o conhecimento de indicadores como: a distribuição dos praticantes segundo a posição no espaço social, a distribuição das diferentes federações, segundo o número de adeptos, sua riqueza, as características sociais dos dirigentes, assim como, a relação com o corpo que exige ou favorece, se implica contato direto (corpo-a-corpo, como no futebol ou rúgbi) ou exclua qualquer contato (como no golfe ou tênis) (BOURDIEU, 1983a). Para compreender o futebol feminino em termos de valores distintivos, é indispensável um exercício de reflexão localizando-o no espaço dos esportes, para isso, acrescentamos um indicador aos anteriormente fomentados por Bourdieu, a questão de gênero.

Permeando os indicadores que podem fornecer um panorama a respeito da posição que o futebol feminino ocupa espaço dos esportes, pela questão das relações entre os gêneros, consideramos que o futebol masculino está tão arraigado à cultura brasileira que muitos estudiosos (dentre os quais citamos: Arlei Damo, 2002 e Luiz Henrique Toledo, 2000) consideram-no como parte da identidade nacional, ao passo que o futebol feminino proibido por muitos anos vem ocupando espaços à margem no subcampo do futebol. Organizado e regido por uma maioria de homens, o futebol no Brasil dedica às mulheres um restrito espaço nas federações, assim como, nos meios de comunicação, nos gramados e principalmente no incentivo e aceitação da prática. Refletir sobre o uso do corpo no futebol feminino, impreterivelmente nos remete aos elementos eugênicos pregados no início do século XX, dentre os quais, para as mulheres não eram indicadas práticas esportivas em que seu corpo tivesse contato direto com o corpo da oponente, mais um indício – que somado aos anteriores nos ajuda a fomentar a hipótese – que o futebol feminino se posiciona na periferia tanto do subcampo do futebol quanto do campo esportivo.

Seguindo nessa esteira de análise, o trabalho do sociólogo se dá, no estabelecimento de propriedades socialmente pertinentes que fazem com que um esporte tenha afinidades com os interesses, gostos e preferências de uma determinada categoria social. Em suma, o artifício decisivo do sistema de preferências é a relação com o corpo, pois, o envolvimento com o corpo está coligado a uma posição social e a uma experiência originária do mundo físico e social, de modo que a distância social se reverbera na lógica do esporte. Assim, as práticas mais distintivas são aquelas que asseguram maior distância com o

adversário, as mais estetizadas, aquelas nas quais a violência é menor ou inexistente, e aquelas em que a forma e as formalidades sobressaem sobre a força e a função (BOURDIEU, 1999a).

São nas relações entre o espaço das práticas esportivas e o espaço das posições sociais que se definem as propriedades pertinentes de cada prática esportiva, assim como, a distribuição diferencial das práticas é o resultado de uma analogia de espaços homólogos, o espaço das práticas possíveis – oferta – e o espaço das disposições a serem praticadas – a procura. Ainda que um esporte defina devido às propriedades intrínsecas os limites dos usos sociais que podem ser feitos deles, eles se prestam a uma diversidade de utilizações marcadas a cada momento pelo *uso dominante* que é feito deles (BOURDIEU, 1999a).

Com relação aos usos do esporte pelos agentes dominantes – mesmo que o campo dos esportes, assim como o campo da dança assumam característica de relativa autonomia – existe uma “área” reservada aos profissionais que promovem a despossessão dos leigos, que aos poucos são reduzidos ao papel de expectadores. Em outros termos, Bourdieu (1999a) salienta que, a evolução da prática profissional – o esporte espetáculo – depende cada vez mais da lógica interna do campo de profissionais, sendo os não-profissionais relegados à categoria de público cada vez menos capaz da compreensão dada pela prática.

Além da analogia já apresentada que diz respeito ao funcionamento do campo com um mercado, o autor se utiliza de outra analogia para explicar o comportamento dos agentes no campo, o jogo. Bourdieu e Wacquant (2008) autenticam a possibilidade de comparar o campo a um jogo, embora, ao contrário de um jogo, o campo não é o produto de uma criação deliberada. Nessa conjuntura, as estratégias dos jogadores dependerão do volume de capital e também da estrutura deste, sendo o objetivo do jogo conservar e/ou acumular o máximo de capital, desde que respeitando as regras.

Como já abordamos anteriormente, os campos não são espaços com fronteiras estritamente delimitadas. Embora tenham cada um a sua lógica de funcionamento e uma relativa autonomia, eles se articulam entre si, já que, cada campo tem seus dominantes e seus dominados, suas lutas pela conservação ou pela subversão, seus mecanismos de reprodução, etc. (BOURDIEU; WACQUANT, 2008).

Cada campo impõe um preço de entrada tácita e determinados elementos desse jogo só tem valor para quem está no jogo. Do mesmo modo, o que é vivido com destaque na *illusio*²⁴ parece ilusório para quem não participa dessa evidência, pois, não participa do jogo. Os agentes ajustados ao jogo são possuídos por ele e, tanto mais quanto melhor o compreendem, por isso, ao nascer em um jogo o agente pode economizar em cinismo, já que tem o sentido do jogo.²⁵

Em sua teoria, Bourdieu é enfático ao afirmar que não se entra no jogo mediante a um ato de consciência, se nasce no jogo, com o jogo²⁶. A partir de então, o campo assegura aos agentes dotados do sentido do jogo, isto é, de *habitus* que visam garantir o bom funcionamento, um sentido para produzir e reproduzir sua própria perpetuação.

Do mesmo modo que o agente enquanto corpo e crença se aderem ao jogo, é suficiente que se afaste daquele espaço para “[...] lançar na absurdidade o mundo e as ações que nele se realizavam [...]” (BOURDIEU, 2009 p. 109), questionando o sentido daquele mundo, ações que jamais seriam abordadas quando se está preso no jogo. Considerando que é no contexto de pertencimento a um campo que a crença se constitui, o autor nos lembra também, que aqueles que querem crer pela crença do outro não tiram proveito de seu afastamento do campo para fazer sua leitura e nem se permitem à experiência subjetiva da crença.

A fim de facilitar o entendimento de uma teoria da crença, Bourdieu (1996) faz analogia entre um cubo e o mundo social, e profere que embora não seja possível ver os lados ocultos do cubo, eles estão quase presentes e são apresentados através da crença que temos em uma coisa percebida. Não são visados em um

²⁴ *Illusio* para Bourdieu é estar preso ao jogo, preso pelo jogo, acreditar que o jogo vale a pena ou, para dizê-lo de maneira mais simples, que vale a pena jogar. A *illusio* é a relação com um jogo que é produto cumplicidade ontológica entre estruturas mentais e objetivas do espaço social. Ao apresentar como um primeiro sentido a noção de *illusio* o termo *interesse* – no sentido de participar, de estar envolvido, de crer que o jogo merece ser jogado –, o autor justifica tal escolha dizendo: “você acham importantes, interessantes, os jogos que têm importância para vocês porque eles foram impostos e postos em suas mentes em seus corpos, sob a forma daquilo que chamamos de o sentido do jogo” (BOURDIEU, 1996, p. 139-140).

²⁵ Ter o sentido do jogo é ter o jogo na pele; é perceber no estado prático o futuro do jogo; é ter o senso histórico do jogo é ter as tendências imanentes do jogo no corpo, incorporadas. O agente que tem o sentido do jogo, tem o jogo incorporado e se incorpora a ele. (BOURDIEU, 1996, p. 144)

²⁶ Bourdieu (2009, p. 111) compreende que além do nascimento, pode-se entrar nesse “círculo mágico” por um lento processo de cooptação e de iniciação que equivale a um segundo nascimento.

projeto – no sentido de futuro – como possíveis ou impossíveis, eles estão lá, na modalidade dóxica do que é diretamente percebido.

Refletindo sobre essa compreensão dóxica, Bourdieu (1999a) nos permite pensar que a obediência – corporal – é crença, porque, a crença é o que o corpo admite mesmo quando o espírito diz não. Como especificidade do esporte, o autor realça a “manipulação regrada do corpo” sobre o fato de o esporte (assim como todas as disciplinas em todas as instituições totais e totalitárias, os conventos, prisões, asilos) ser um modo de obter do corpo uma adesão que o espírito poderia recusar. Desse modo, a disciplina corporal é o instrumento por excelência de toda a espécie de domesticação, o que, possibilita a compreensão do uso que a maior parte dos regimes totalitários faz do esporte. Acrescemos a essa discussão a domesticação do corpo da mulher esportista, que além de atender as necessidades do esporte precisa atender as necessidades da normatividade de gênero, mesmo em condições desiguais daquelas onde essa dicotomia fomentou.

Nas palavras do autor, “[...] a *hexis*²⁷ corporal é a mitologia política realizada, incorporada, tornada disposição permanente, maneira durável de se portar, de falar, de andar, e, dessa maneira, de sentir e de pensar” (BOURDIEU, 2009 p. 114), pois, é pela experiência dóxica que atribuímos ao mundo a crença mais profunda de todas as crenças (no sentido comum) já que ela não se pensa como uma crença (BOURDIEU, 1996, 1999a), se tem a crença na pele, no corpo.

Entendo o corpo como vitrine das escolhas do agente ao longo sua vida, no subcapítulo a seguir vamos abordar o conceito de *habitus* sob a perspectiva do campo, mais especificamente do campo esportivo.

2.2 HABITUS: O CORPO COMO VITRINE NA LÓGICA DO CAMPO

As antecipações pré-perceptivas, anteriormente mencionadas, são criadas pelo *habitus* do sentido do jogo, e desse modo,

²⁷ A *hexis* corporal engloba tanto o corpo “físico” (o peso, a musculatura) como as maneiras de se servir dele, a postura, a atitude, enfim, elementos que correspondem tanto ao físico quanto ao moral.

[...] o *habitus*, que é princípio gerador de respostas mais ou menos adaptadas às exigências de um campo, é produto de toda a história individual, bem como através das experiências formadoras da primeira infância, de toda história coletiva da família e da classe; em particular, das experiências em que se exprime o declínio da trajetória de toda uma linhagem e que podem tomar a forma visível e brutal de uma falência ou, ao contrário, manifestar-se apenas como regressões insensíveis (BOURDIEU, 1999a, p. 131).

O *habitus* funciona, portanto, como esquema de ação, de percepção, de reflexão, encarnado no corpo e na mente, de forma durável e com o contorno de disposições permanentes por meio de gestos, posturas, formas de ver o mundo, de classificar a si próprio e classificar seus pares por meio de suas próprias classificações. É algo adquirido e decorrente das estruturas sociais e históricas de cada agente. Nesse propósito, o *habitus* apresenta-se ao mesmo tempo como social e individual, reportando a sistemas de classificações que são evidenciados pelas posições sociais, nas quais, a estrutura objetiva de distribuição dos bens materiais e simbólicos na sociedade ocorre fundada em parâmetros de desigualdade (MARCHI JÚNIOR, 2004).

Para Miceli (2007), o *habitus* completa o movimento de interiorização de estruturas exteriores, ao passo que as práticas dos agentes exteriorizam os sistemas de disposições incorporadas. É gerador de estratégias que podem ser objetivamente afins aos interesses objetivos dos seus autores sem terem sido expressamente concebidas para este fim (BOURDIEU, 1983a, p. 94).

O *habitus* é assim “[...] um corpo socializado, um corpo estruturado, um corpo que incorporou as estruturas imanentes de um mundo ou de um setor particular desse mundo, de um campo, e que estrutura tanto a percepção desse mundo como a ação nesse mundo” (BOURDIEU, 1996, p. 144). O *habitus* tende, portanto, a conformar e a orientar a ação, na medida em que ele próprio como produto das relações sociais assegura a reprodução dessas mesmas relações objetivas que o engendram (ORTIZ, 1983a). Uma capacidade infinita de engendrar pensamentos, percepções, expressões, ações, tendo como limite as condições históricas e sociais nas quais foi produzido. Bourdieu (2009) o descreve como um sistema subjetivo, mas não individual de estruturas interiorizadas, esquemas comuns de percepção, de concepção e de ação. A “união” de *habitus* singulares dos diferentes membros de

uma classe, ou seja, cada sistema de disposição individual é uma variante estrutural dos outros.

Ao se tratar de seres vivos, negar a existência de disposições adquiridas seria negar a existência da aprendizagem como transformação seletiva e durável do corpo. Destarte, Bourdieu (2007a) entende que a noção de *habitus* restitui ao agente um poder gerador e unificador, construtor e classificador, sem esquecer que a realidade social construída é a de um corpo socializado a partir de investimento na prática dos princípios organizadores socialmente construídos e adquiridos no curso de uma experiência social situada e datada.

Outro entendimento relevante que precisamos ter ao trabalhar com a noção de *habitus* é que a ação nesse conceito não é produto de coerção externa, e nem mesmo um resultado de cálculos de chances e de ganhos. A ação nesse conceito anula a possibilidade de o agente ter o total entendimento²⁸ da incorporação das disposições para a ação. Frente a tais “negações”, Bourdieu demonstra conveniência em ressaltar que os agentes sociais são dotados de *habitus* que se manifestam através dos corpos em decorrência de experiências passadas e, dessa forma, desenvolvem a faculdade da percepção, apreciação e ação, como também, engendram estratégias adaptadas e constantemente renovadas em concordância com os produtos estruturais.

De caráter mais geral, o espaço das posições sociais se reflete em um espaço de tomadas de posição pelo intermédio do espaço de disposições, ou do *habitus*. Cada classe de posições corresponde a uma classe de *habitus* ou de gostos, produzidos pelos condicionamentos sociais, de modo que uma das funções da noção de *habitus* é a de dar conta da unidade de estilo que atrela uma classe de agentes ou um agente individual, às práticas e aos bens. Nas palavras do autor, “o *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, [...] de escolhas de pessoas, de bens, de práticas” (BOURDIEU, 1996, p.21-2). Nessa situação, uma diferença só se torna uma diferença visível, percebida e socialmente pertinente, se ela é percebida por alguém capaz de reconhecer e estabelecer a diferença, que vem a se tornar signo e signo de distinção ou de vulgaridade, se lhe

²⁸ Tradução nossa do termo: “with full understanding” empregado em Bourdieu (2007a, p. 169).

for aplicado um princípio de visão e de divisão pertinente a todos os agentes e estruturas de percepção. Dito de outra forma, tais práticas e representações estão disponíveis para a classificação, que por sua vez, somente serão percebidas por agentes possuidores dos códigos/esquemas de classificação, essenciais para compreensão do sentido social (BOURDIEU, 1999a).

Munidos desses códigos sociais, os agentes se auto-classificam, “eles mesmos se expõem a classificação” (BOURDIEU, 1999a, p. 159) ao realizarem suas escolhas conforme seus gostos, diferentes atributos, roupas, alimentação, esportes, amizades, elementos que combinam entre si e que combinam com eles, ou seja, são convenientes à sua posição, entendendo que nada é capaz de classificar mais uma pessoa de que suas classificações. Pois, enquanto produtos estruturados que uma mesma estrutura estruturante produz, todas as práticas de um mesmo agente apresentam-se harmônicas entre si, sem que seja desejada coerência de forma consciente. Assim, as transposições práticas entre os agentes da mesma classe originam a afinidade de estilo (BOURDIEU, 2008).

Tais juízos classificatórios ocorrem partindo do pressuposto de que enquanto agentes socializados temos a faculdade de perceber a relação entre as práticas/representações e a posição ocupada no espaço social pelo agente/grupo em questão. Bourdieu (2008) faz analogia entre a escrita e as atitudes instauradas nos corpos dos agentes, no sentido de que assim como é possível reconhecer um pintor ou escritor pelos traços ou forma de escrita, também conhecemos um homem/mulher pelo seu jeito de andar, familiarizando-nos (ou não) com determinado estilo da ação, ou, exemplifica tais apontamentos se reportando a quando adivinhamos a posição social de uma pessoa pelo seu modo de falar. Assim, através do *habitus*, temos um mundo de senso comum, um mundo social que parece evidente (BOURDIEU, 1999a).

A evidência do mundo social de senso comum, se embasa no gosto,²⁹ que, por sua vez, é o operador prático de transmutar as coisas em sinais distintos e distintivos, fazendo com que as diferenças físicas inscritas nos corpos tenham

²⁹ Para Bourdieu (2008, p. 216) o gosto – sistema de classificação constituído pelos condicionamentos associados a uma condição situada em determinada posição no espaço das condições diferentes – rege as relações com o capital objetivado, com este mundo de objetos hierarquizados e hierarquizantes que contribuem para defini-lo, permitindo-lhe sua realização ao especificar-se.

acesso à ordem simbólica das distinções significantes. Dessa forma, a expressão simbólica da posição de classe se dá, com relação ao gosto, na transformação das práticas objetivamente classificadas em condição de significação em si mesma, em função de esquemas sociais de classificação (BOURDIEU, 2008). Tais elementos classificadores por si mesmos podem ser observados no campo esportivo através da prática aristocrática e conspícua de determinadas modalidades, conferindo-as sinais de distinção.

Do mesmo modo que determinadas modalidades conferem e sinalizam alto grau de distinção aos seus praticantes, podem fazer o processo inverso, “subtraindo” esses sinais e trazendo a tona uma realidade que vem a desqualificar características físicas que funcionam como sinais de distinção entre os gêneros no espaço dos esportes, no sentido de desacreditar o praticante enquanto indivíduo por conta da sua escolha. Elucidando tais apontamentos no âmbito do futebol feminino, trazemos a tona o comentário de Kessler (2009) ao descrever dizeres proferidos pela torcida masculina em um jogo de futebol feminino:

[...] nos discursos proferidos por espectadores se reforçam os preconceitos que sustentam dizeres como “faz um teste de feminilidade nessa aí”, “quero que apresentem o teste de testosterona dessa”, “não é jogo misto!” ou diversas outras afirmações como “mas isso aí só pode ser um guri, pelo jeito que joga”, “joga que nem guri”. Todos esses dizeres ainda podem ser ouvidos nos estádios de futebol ou quadras de futsal (KESSLER, 2009 p. 51).

Prosseguindo nas explanações a respeito dos sinais de distinção, entendemos com base em Bourdieu (2008) que o sistema de classificação (que é o produto da incorporação da estrutura do espaço social tal como ela se impõe através da experiência de uma determinada posição neste espaço) tende a reproduzir em sua lógica as escolhas constitutivas de estilos de vida classificados e classificantes que adquirem seu valor a partir da posição em um sistema de oposições e de correlações.

O autor destaca que na sequência de uma mudança de posição social, as condições em que o *habitus* foi produzido não coincidem com as condições nas quais ele funciona, pois, o que comanda as práticas objetivamente ajustadas à renda é o gosto de necessidade ou o gosto de luxo, assim, o gosto é que faz com que o

indivíduo seja detentor das propriedades que lhe são atribuídas e fixadas por direito nas classificações, ou não.

A oposição principal entre os gostos de luxo e os gostos de necessidade se materializa nas diferentes maneiras de afirmar a distinção. Em se tratando da classe dominante, Bourdieu (2008) elencou três principais maneiras de distinção, ou seja, três estruturas de consumo que se distribuem em itens de alimentação, cultura e despesas com a apresentação de si mesmo e com a representação (vestuário, cuidados de beleza, artigos de higiene pessoal, de serviço)³⁰.

Para Bourdieu (2008, p. 179) “[...] o corpo é a objetivação mais irrecusável do gosto de classe, manifestado sob várias maneiras”. Destarte, a aparência, as dimensões e formas, assumem contorno revelador a relação com o próprio corpo. O autor destaca que a maneira de tratar ou cuidar do corpo revelam as disposições mais profundas do *habitus* e que relação com o mundo social exprime-se na relação do indivíduo com o próprio corpo, na forma de se apresentar e de se comportar. Acrescenta-se a esses itens o aspecto modificável do corpo, a cosmética e o vestuário que, dependendo dos meios econômicos e culturais, recebem sentido e valor de sua posição no sistema de sinais distintivos homologamente ao sistema de posições sociais (BOURDIEU, 2008).

O corpo está sujeito a um processo de socialização cujo produto é a própria individuação, a singularidade do “eu” sendo forjada nas e pelas relações sociais, portanto, o autor visualiza o corpo como produto social, pois, não existem sinais propriamente “físicos”, e deste modo, a cor e a espessura do batom ou a configuração de uma mímica, assim como a forma do rosto ou da boca, são imediatamente lidas como índices de uma fisionomia “moral”, socialmente caracterizada, que pode apresentar um estado de ânimo vulgar ou distinto, naturalmente natural ou naturalmente cultivado. O coeficiente em que o corpo estabelece relação com o mundo, no sentido de estar no mundo, repercute no interesse, na atenção e na importância das modificações corporais decorrentes dessa relação (BOURDIEU; 2007a, 2008).

Bourdieu é incisivo ao falar que aprendemos pelo corpo. E para tanto, temos incutido nos corpos a ordem social, na qual as determinações mais severas atuam

³⁰ Nesse contexto, entendemos que as práticas esportivas fazem parte do item cultura.

sobre o corpo em detrimento ao intelecto. O aprendizado pelo corpo³¹ é descrito pelo autor como elemento chave na caracterização singular dos sexos, ou em suas palavras, “[...] o essencial da aprendizagem da masculinidade e da feminilidade tende a inscrever a diferença em ter os sexos nos corpos” (BOURDIEU, 2007a, p.172). Essas diferenças, por sua vez, se consolidam especialmente por meio do vestuário, sob a forma de falar, andar, se portar, dirigir o olhar, sentar, dentre outros caracteres que exercem funções de separatismos entre o feminino e o masculino, como por exemplo, as modalidades esportivas.

As classificações sociais pelas quais os grupos trabalham para a imposição de limites sociais, ou também podemos chamar de divisões sociais, (dentre elas destacamos a divisão: masculino/feminino se naturalizam através das diferenciações nos corpos, as *hexis* corporais) são dotadas de disposições, tão duráveis quanto as permanentes inscrições de uma tatuagem, de princípios coletivos de visão e divisão (BOURDIEU, 2007a).

De caráter particular, o *habitus* está presente no mundo e em seu futuro, por sua capacidade de antecipação. Tal qual, o corpo envolvido no mundo como móvel de disputa está orientado para o mundo, pois, se encontra enredado nele, onde o habita como se fora um uniforme, um *habitat* familiar. O corpo se sente em casa no mundo porque o mundo também está nele sob a forma de *habitus*, do mesmo modo que o *habitus* constrói o mundo por uma certa maneira de se orientar nele.

O *habitus* engendra práticas ajustadas ao princípio de visão e divisão de um campo e ajusta essa construção de ordem social, àqueles que também as reconhecem e apreciam, entendendo as práticas como adequadas sem que assumam caráter de imposição ou obediência no sentido imperativo de aceitação das regras. Bourdieu (2007a) narra que tal intencionalidade prática se enraíza em distintas maneiras de manter e conduzir o corpo (uma *hexis*), uma maneira de ser durável do corpo duravelmente modificado que se engendra e se perpetua, modificando-se ininterruptamente, numa relação dupla, estruturada e estruturante, com o ambiente.

³¹ O que é aprendido pelo corpo não é algo que se tem, como um saber que se pode segurar diante de si, mas algo que se é. Isso pode ser visto nas sociedades sem escrita em que o saber herdado não pode sobreviver senão no estado incorporado (BOURDIEU, 2009 p. 120).

Bourdieu (2007a) se refere ao *habitus* não como um sujeito isolado, egoísta e calculista da tradição utilitarista e dos economistas, mas sim, fundado em leis e laços incorporados, adesão visceral de um corpo socializado ao corpo social que o fez e com o qual ele faz corpo, pois, o corpo está no mundo social do mesmo modo que o mundo social está no corpo (sob a forma de *hexis* e *eidos*). Tal relação dóxica com o mundo é uma relação de pertencimento e reconhecimento do corpo àquela história.

As estratégias de manipulação corporal – indumentárias que lembrem a posição do agente na estrutura social; grandes espetáculos de ginástica ou apresentações militares que remetem ao controle corporal – tem a pretensão de modelar os corpos, no intuito de fazer de cada um deles uma incorporação do grupo, e, a de instituir entre o grupo e o corpo de cada um dos membros uma relação de posse, que mantém os corpos e os faz funcionar como um autômato coletivo (BOURDIEU, 2007a). Nessa linha de pensamento, em se tratando de que o social também se institui nos indivíduos biológicos, o autor afirma que existe um mundo de coletivo em cada indivíduo socializado, ou seja, tudo que é o “social incorporado” está ligado ao indivíduo biológico.

Pelo fato de os agentes entenderem os objetos a partir dos esquemas de percepção e apreciação de seus *habitus*, seria pueril pensar que todos os praticantes de uma mesma modalidade esportiva ou de qualquer prática, lhe conferem o mesmo sentido. Bourdieu (2008) entende que as variações das práticas esportivas, segundo as classes, estão relacionadas tanto à variação da percepção e da apropriação, quanto, as variações dos custos econômicos, culturais e corporais.³²

³² A relação “instrumental” com o próprio corpo apresentada pelas classes populares, reflete na escolha dos esportes que por sua vez se caracterizam por demandar grande investimento de esforços, de dificuldade ou até mesmo de sofrimento, como o caso do boxe. Com enfoque em esportes que tem em seu histórico traços de combate utilizando o próprio corpo e que ao longo dos anos veio sofrendo modificações na forma de execução e veiculação, Bourdieu (2008) sinaliza o rúgbi no contexto francês, e nós sinalizamos o futebol, no contexto brasileiro. Fato interessante é descrito pelo autor quanto à veiculação do rúgbi moderno nos meios de comunicação, os quais salientam que seus praticantes são gentis mesmo em detrimento ao seu comportamento em campo. Situação similar pode ser destacada no Brasil ao se tratar do futebol feminino, o qual ao ser veiculado na mídia apresenta grande necessidade de associação com elementos da cultura feminina, no sentido de cuidados com o corpo. Dito de outra forma, aspectos de feminilidade são incansavelmente investigados no espaço do futebol, para serem pinçados e posteriormente veiculados como “prova” de que as jogadoras de futebol – embora estejam praticando um esporte historicamente masculino – são, acima de tudo, femininas.

Com relação às escolhas esportivas ou de outras práticas, enfatizamos que o agente nunca é por inteiro senhor de suas práticas, e é o senso prático³³ que o permite agir de maneira adequada. Tais maneiras de ser são resultantes de uma modificação durável no corpo, operada pela educação, de modo que as disposições atualizadas pelo corpo permanecem despercebidas enquanto não se convertem em atos. O *habitus* como produto da incorporação das estruturas se adapta a contextos dotados de sentido, os quais, o autor chama de operação prática de *antecipação* (BOURDIEU, 2007a).

A antecipação apresenta-se estreitamente relacionada com a noção de expectativa. Enquanto na antecipação o agente tem o senso do jogo, tem o jogo no corpo, sabe como agir, a expectativa é construída a partir de ações familiares, já conhecidas, por isso, esperadas, “expectativadas”. As antecipações e expectativas são abordadas pelo autor como “automatismos”. Assim,

O grau com que podemos nos entregar aos automatismos do senso prático varia conforme as situações e os domínios de atividade, mas também segundo a posição ocupada no espaço social: é provável que os que se encontram “em seu lugar” no mundo social possam mais e mais completamente se entregar ou confiar em suas disposições (é o “desembaraço” das pessoas bem nascidas) do que os que ocupam posições em falso, tais como os arrivistas ou os desclassificados; no entanto, esses últimos têm mais chances de tomarem consciência do que para os outros lhes parece evidente, pelo fato de se verem obrigados a se vigiar e a corrigir conscientemente os “primeiros movimentos” de um *habitus* gerador de condutas pouco adaptadas ou deslocadas. (BOURDIEU, 2007a, p. 198).

Considerando os apontamentos aqui elencados, a expectativa se constrói juntamente com o *habitus* de classe – especialmente com relação à posição que os agentes ocupam na estrutura a qual fazem parte – com a finalidade de (mais ou menos) premeditar a ação dos agentes de um mesmo campo frente a situações. Deste modo, pelo fato de determinados agentes estarem sob um mesmo gerador de disposições para a ação, e esses elementos serem familiares aos demais agentes, repousam sob esses grupos algumas expectativas no sentido de já conhecer a forma de ação e os estilos de vida.

³³ A ação do senso prático é uma espécie de coincidência necessária entre um *habitus* e um campo (BOURDIEU, 2007a, p.174). O senso prático orienta as “escolhas”, é produto da experiência do jogo. É o senso de jogo que faz com que ele tenha um significado, uma razão de ser.

Em se tratando das expectativas incutidas nas disposições entre as estruturas objetivas e cognitivas, destacamos a ideia dicotômica da construção dos corpos, a qual estrutura e determina condutas legítimas para cada sexo, especialmente no campo esportivo. Pensando o contexto brasileiro do início do século XX, em que o país passava por mudanças econômicas e políticas de cunho higienista, a expectativa que se criou para as mulheres no âmbito dos esportes, era radicalmente diferente daquela esperada para os homens. O futebol feminino no Brasil ilustra um choque de expectativas entre o corpo feminino da época com a expectativa construída sobre o futebol, reduto de afirmação/validação das masculinidades e de práticas “vulgares”³⁴.

Relacionando as escolhas sociais esportivas à dimensão corporal da distinção, evidenciamos que os esportes tipicamente populares que em seus primórdios promoveram grande divertimento aos aristocratas, após sua popularização – nas palavras de Bourdieu, “vulgarização” – perderam o *glamour* elitista, ou seja, deixaram de ser o que eram em relação à realidade e a percepção que os dominantes tinham a seu respeito. Dentre as razões que rechaçam os membros dessa classe das práticas vulgarizadas, estão:

A composição social de seu público que reduplica a vulgaridade inscrita no fato de sua divulgação, assim como os valores e virtudes exigidas – força, resistência ao mal, disposição para violência, espírito de “sacrifício”, de docilidade e submissão à disciplina coletiva –, antítese perfeita da “distância de papel” implicada nos papéis burgueses, exaltação da competição (BOURDIEU, 2008, p. 203).

Em um período que a prática esportiva por si só já não era suficiente para assegurar a raridade de seus praticantes, aqueles que pretendiam comprovar sua excelência, tiveram que se afastar de práticas que perderam seu valor de *status* decorrentes da aparência de conformismo servil a qual haviam assumido por se tornarem mais comuns. Nessa conjuntura, se estabelece como lei geral que um esporte tem maior ou menor possibilidade de ser adotado por membros de determinada classe social na medida em que não contraria sua relação com o próprio corpo, especialmente no que este tem de mais profundo e de mais

³⁴ Bourdieu (2008) utiliza o termo práticas vulgares para se referir às práticas pouco distintas, populares ou vulgarizadas em decorrência da disseminação nas camadas menos abastadas.

intimamente inconsciente, ou seja, o esquema corporal como depósito de uma verdadeira visão do mundo social, de uma verdadeira filosofia da pessoa e do próprio corpo (BOURDIEU, 2008).

Destarte, os sistemas das práticas e dos espetáculos esportivos oferecidos aos consumidores potenciais estão predispostos a considerar as diferenças entre os sexos e as oposições entre as classes e frações de classes sociais. Assim, é suficiente que os agentes se deixem levar pelas tendências de seu *habitus* para que se conheça e reconheça seus semelhantes em determinada prática, de modo que cada consumidor deve contar com determinado estado de oferta, tendo como produto, a propensão e a aptidão em adquiri-las e convertê-las, em decorrência da apropriação, em sinais distintivos.

Bourdieu (2009) descreve que as determinações distintivas sociais atreladas a determinada posição no espaço social tendem a modelar – em decorrência da relação com o próprio corpo – as disposições que constituem a identidade e as disposições sexuais. O autor sublinha que as relações fundamentais na ordem social (sejam entre dominantes e dominados, ou dominantes-dominantes e dominados-dominados) são sempre determinadas sexualmente. Como se a linguagem corporal da dominação e da submissão sexuais se transportasse de igual maneira à linguagem corporal e verbal da dominação e da submissão sociais.

Até o presente momento discorreremos sobre a noção de campo, campo esportivo, *habitus* e demais conceitos que abrangem essas noções estabelecendo relação com o nosso objeto de estudo, o futebol feminino. Na sequência, discorreremos sobre os fundamentos ocultos de dominação masculina que vão permear a análise dessa modalidade.

2.3 FUNDAMENTOS OCULTOS DE DOMINAÇÃO (MASCULINA)

As manipulações simbólicas da experiência corporal têm como tendência, integrar os espaços corporal e social, ao entender que pensam de acordo com as mesmas categorias a relação do homem com o mundo, mais especificamente, a divisão do trabalho sexual e a divisão sexual do trabalho. Bourdieu (2009) segue

essa linha de pensamento afirmando que em sociedades dominadas por valores masculinos – como é o caso brasileiro – a relação dos homens com o próprio corpo é a de sublimação, o simbolismo da honra, na qual, as mulheres, de fato, não tem o discurso sexual proibido, muito embora, os discursos femininos são dominados, carregados de valores masculinos de virilidade.

A divisão entre os sexos nos dá a impressão de estar na “ordem das coisas” (BOURDIEU, 2007b, p. 17), pois, está presente ao mesmo tempo em estado objetivado nas coisas e em todo o mundo social, e em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistema de esquemas de percepção, de pensamento e de ação.

O poder da ordem masculina se corrobora pelo fato de que dispensa justificação, a visão androcêntrica se posiciona como neutra, e por isso não apresenta necessidade de se enunciar em discursos que visam legitimá-la. Bourdieu (2007b) expõe que em diversos casos, tanto na percepção social quanto na linguagem, o gênero masculino se mostra como algo neutro, enquanto o feminino é explicitamente caracterizado. O autor prossegue essa análise, alicerçando as diferenças biológicas e anatômicas entre os sexos – corpos – como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros, principalmente na divisão social do trabalho.

O empenho de construção simbólica, para fins de produzir o que chamamos de “homem viril” e “mulher feminina” implica em uma transformação duradoura e profunda nos corpos, bem como, num trabalho de construção prática que visa orientar os usos legítimos do corpo, sobretudo sexuais, e tende a excluir do pensável tudo que caracteriza pertencer a outro gênero³⁵.

Ou seja, a razão androcêntrica que norteia a construção social dos órgãos sexuais, tanto feminino quanto masculino, se fundamenta na divisão dos estatutos sociais atribuídos ao homem e à mulher. Salientamos que a força “masculina” vem do fato de que a legitimação da dominação se inscreve na natureza biológica, que por sua vez, é uma *construção social naturalizada*.

Cada um dos dois gêneros é produto do trabalho teórico e prático para a construção de corpos socialmente diferenciados do gênero oposto. Essa construção

³⁵Bourdieu (2007b, p. 32) compreende que, sob o ponto de vista que liga sexualidade a poder, a pior humilhação para um homem, consiste em ser transformado em mulher.

social dos corpos opera, em maior parte, por meio de efeito automático e sem agente, efeito de ordem física e social inteiramente organizado segundo o princípio de divisão androcêntrico. Segundo Bourdieu (2007b) a ordem masculina além de estar inscrita nas coisas, se inscreve nos corpos através de injunções tácitas, implícitas nas rotinas de divisão de trabalho ou dos rituais coletivos ou privados. Tais caracteres evidenciam que as diferenças biológicas parecem estar à base das diferenças sociais, e que, os princípios antagônicos da identidade masculina/feminina se inscrevem sob a forma de se servir do corpo, ou de manter a postura.

Discorrendo sobre as produções simbólicas de cunho masculino como instrumentos de dominação, ou seja, produções simbólicas relacionadas às classes dominantes, Bourdieu (2010) entende que as ideologias – por oposição ao mito, produto coletivo e coletivamente apropriado – servem aos interesses particulares dos grupos dominantes e tendem a se apresentarem como interesses universais comuns ao conjunto do grupo. Assim, a cultura dominante contribui para que ocorra a real integração da classe dominante; para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções – hierarquias – e para a legitimação de tais distinções. Sob tal efeito ideológico, a cultura dominante mascara a função de divisão na função de comunicação, onde, a cultura que une é mesma cultura que separa (por meio dos instrumentos de distinção) e que legitima as distinções, forçando as outras culturas, entendidas pelos membros das culturas dominantes, como sub-culturas, a definirem-se pela distância com relação à cultura dominante.

É em relação aos instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem sua função política de instrumentos de imposição e/ou de legitimação de dominação, assegurando a dominação de uma classe sobre a outra – violência simbólica – e reforçando sua própria força às relações de força que as fundamentam, contribuindo dessa maneira, para a domesticação dos dominados³⁶.

É importante entendermos que as diferentes classes e suas frações, assim como as questões de gênero, estão envolvidas numa luta simbólica de imposição e

³⁶ “Domesticação dos dominados” é uma expressão utilizada por Weber, a qual Bourdieu (2010 p.11) se utiliza.

definição do mundo social de acordo com seus interesses, de modo que, as tomadas de posição ideológica dos dominantes são estratégias de reprodução que tendem a reforçar tanto dentro quanto fora da classe a crença na legitimidade da dominação de classe (BOURDIEU, 2010, p. 11).

O autor mostra claramente o poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo, e assim, a ação sobre ele. É um poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido por meio da força física ou econômica, graças ao efeito específico de mobilização, que só tem sentido se for reconhecido pelos que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos. Isto é, na estrutura do campo em que se reproduz a crença. “O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras” (BOURDIEU, 2010 p. 15). Logo, o poder simbólico é uma forma transformada, transfigurada e legitimada das outras formas de poder, garante uma verdadeira transubstanciação das relações de força, fazendo ignorar/reconhecer a violência que elas encerram objetivamente e transformando-as assim, em poder simbólico, com a capacidade de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia.

Segundo Bourdieu, a dominação não é o efeito direto e simples da ação exercida por um conjunto de agentes sobre outros (dominantes *versus* dominados), mas o efeito indireto de um conjunto complexo de ações que se engendram na estrutura do campo por meio do qual se exerce a dominação frente aos demais (BOURDIEU, 1996). Tal dominação não é evidente, e sim camuflada, a tal ponto que muitas vezes os que a sofrem não a percebem.³⁷ De acordo com o sociólogo francês “a violência simbólica consiste em uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la” (BOURDIEU, 1997, p. 22).

³⁷ Como forma de ilustrar a violência simbólica de cunho sexista, trazemos a tona a questão da atual exibição controlada do corpo feminino como possível sinal de “liberação” ou de libertação das mulheres frente as orientações masculinas. Bourdieu contesta esse entendimento o desmistificando ao alegar que o uso do corpo feminino (como na publicidade) continua evidentemente subordinado ao ponto de vista masculino. Ou seja, permanece em posição de dominação, sem que as mulheres – agentes dominadas – se deem conta disso.

Deste modo, a violência simbólica define-se, num primeiro momento, como uma violência dissimulada, o que, diga-se de passagem, lhe confere poderes particulares e eficácia específica. Tal violência não pode ser usada independentemente, pois não é um tipo distinto de violência. Ela é violência física mascarada e, por conseguinte, invisível e esquecida. Conforme afirma Terray: “Esse tipo de violência tem por efeito, estabelecer a legitimidade de um discurso, de decisão, de um agente ou uma instituição, entretanto, as relações de força que originam a violência simbólica, são desconhecidas” (TERRAY, 2005, p. 304).

Terray (2005) prossegue em sua análise, dizendo que a função da violência simbólica é reprimir a arbitrariedade. No entanto, para o autor, ela conserva o traço indelével daquilo que combate, pois, permanece fundada numa relação de força cujo caráter arbitrário é irredutível. O autor reforça que dessa forma, a *violência simbólica*, assemelha-se a uma prisão invisível, sem paredes nem portas e finaliza dizendo que “[...] se a violência simbólica atrai um poder suplementar porque nela a violência é mascarada, ao contrário, sua força diminui quando sua máscara lhe é arrancada e ela é forçada a aparecer de cara limpa” (TERRAY, 2005, p. 307).

Acrescentemos a essa análise o fato de que a violência simbólica evoca o que é legítimo e aceitável por meio de imposições tácitas. Devemos, além disso, notar que o reconhecimento e aceitação do que é legítimo para um campo em específico, normalmente não se aplica da mesma maneira a outro. Entretanto, o processo é idêntico: o reconhecimento da legitimidade se enraíza no acordo imediato entre as estruturas incorporadas, tornadas inconscientes. Por sua vez, esse acordo pré-reflexivo potencialmente explica a facilidade, de fato, espantosa e recorrente com que os dominantes impõem sua dominação (BOURDIEU, 2007a). É justamente nessa constatação apontada por Bourdieu que prosseguiremos com a nossa explanação afirmando que “[...] a dominação não é apenas uma dominação de classe ou de grupos. É também uma dominação masculina” (SAINT MARTIN, 2005, p. 330).

Tomando por base a crítica de Lagrave (2005)³⁸ entendemos que os elementos distintivos elencados a partir da teoria de Pierre Bourdieu estão

³⁸ A crítica da autora se dá em relação ao livro *A dominação Masculina* de Pierre Bourdieu, que diz respeito – dentre outros apontamentos – ao fato de Bourdieu não ter considerado a gênese e a constituição conflituosa de um campo de pesquisa sobre as mulheres e os desafios que nele se

estritamente relacionados ao antagonismo das *hexis* corporais femininas e masculinas. Dito de outra forma, quanto mais feminino for o corpo, as práticas, o *habitus* de uma mulher, maior sua distinção frente aos seus pares. Como já observamos anteriormente, a busca pela distinção social e corporal repousa, dentre outras práticas, no consumo de práticas esportivas, que por sua vez, reforçam os atributos distintivos de cada grupo/agente.

As mulheres aplicam a toda a realidade e especialmente às relações de poder em que se vêem envolvidas esquemas de pensamentos que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica. Encadeado a essa ideia, Bourdieu (2007a) evoca que o trabalho de transformação dos corpos, os diferenciando sexualmente, produz *habitus* automaticamente diferenciados e diferenciadores. Dessa forma, a masculinização do corpo masculino e a feminilização do corpo feminino, tarefas enormes e infundáveis que atualmente, mais do que nunca, exigem gasto considerável de tempo e de esforços, determinam uma somatização da relação de dominação, assim, naturalizada.

Para Bourdieu (2007b), as propriedades corporais são apreendidas por meio de esquemas de percepção cujo uso nos atos de avaliação depende da posição ocupada no espaço social. Tal qual, a experiência prática do corpo, é um dos princípios da construção, em cada agente de uma relação duradoura para com seu corpo, (sua maneira particular de aprumar o corpo, de apresentá-lo aos outros) que se expressa na distância entre o corpo experimentado e o corpo legítimo. O autor realça que a probabilidade de vivenciar com desagrado o próprio corpo, é tanto mais forte quanto maior a desproporção entre o corpo socialmente exigido e a relação prática com o próprio corpo imposta pelos olhares e as reações dos outros.

Bourdieu é enfático ao descrever como a dominação masculina constitui as mulheres, assim:

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo se (esse) é um ser-percebido (*perçipi*), tem por efeito colocá-las em

desenvolvem, elemento que segundo Lagrave (2005), é a marca de uma posição dominante, raramente mantida em suas obras. Partindo desse preceito, ela chama a atenção para uma nova forma de leitura das obras *bourdieusianas*, alertando: “se toda a lógica de sua pesquisa conduziu Bourdieu a escrever *A dominação masculina*, então suas pesquisas anteriores podiam passar por uma releitura a partir desse ponto de vista e, assim, constituir a matéria de sua demonstração.

permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam “femininas”, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. E a pretensa “feminilidade” muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente e, termos de engrandecimento do ego. Em consequência a dependência em relação aos outros e não só aos homens tende a se tornar constitutiva do seu ser (BOURDIEU, 2007b, p. 82).

Frente ao contexto de exposição ao olhar social, as mulheres da burguesia, devido a sua posição no espaço social, atingem a forma extrema da alienação simbólica, no sentido de atrair a atenção para si, de preocupação com a maneira de portar o corpo e de exibi-lo. De maneira adversa, Bourdieu (2007b) demonstra que a dedicação a prática intensiva de algum esporte, promove nas mulheres uma transformação da experiência de viver e sentir seu corpo, deixando de existir apenas para o olhar do outro, convertendo seu corpo de “corpo-para-o-outro” em “corpo-para-si-mesma”.

Sob a ótica masculina, o fato de as mulheres romperem a relação tácita de disponibilidade e de se apropriarem de sua imagem corporal, e no mesmo ato, de seus corpos, faz com que sejam vistas como “não femininas” ou até mesmo “lésbicas”. De modo mais geral, Bourdieu (2007b, p. 84) aborda que o acesso ao poder, seja ele qual for, coloca as mulheres em situação de *double bind*.³⁹ Se atuam como homens, elas se expõem a perder os “atributos obrigatórios da feminilidade” e põem em questão o direito natural dos homens às posições de poder; se elas agem como mulheres, parecem incapazes e inadaptadas à situação. Para o autor, essa contraditória combinação de fechamento e abertura, é tão mais difícil de realizar quanto mais estiver submetida apreciação dos homens.

A violência de certas reações emocionais dos homens contra a entrada das mulheres em determinados esportes ou profissões, pode ser pensada a partir da noção de que as posições sociais são sexuadas e sexualizantes, e, os homens ao “protegerem” seu espaço da feminilização estão pretendendo proteger a legitimidade de ser e estar nesses espaços, redutos nos quais depositam sua estima, a virilidade.

³⁹ Duplo Vínculo (do inglês Double bind) é um conceito da psicologia para se referir a relacionamentos contraditórios onde são expressados comportamentos de afeto e agressão simultaneamente, onde ambas pessoas estão fortemente envolvidas emocionalmente e não conseguem se desvincular uma da outra (BATESON, G. et al. 1962).

O mundo social funciona como um mercado de bens simbólicos dominado pela visão masculina, ou seja, por um olhar marcado pelas categorias de percepção e análise de cunho masculino. Nesse âmbito, ser feminina é essencialmente evitar todas as práticas que podem funcionar como sinais de virilidade, e sobretudo, dizer que uma mulher é muito feminina, não é mais que um modo sutil de lhe negar qualquer direito ao poder, atributo caracteristicamente masculino (BOURDIEU, 2007b).

Até o presente momento construímos a partir da teoria de Pierre Bourdieu, o embasamento teórico que vai subsidiar a análise dos dados apresentada no capítulo IV. No capítulo que segue, apresentamos uma breve história do futebol feminino entre os anos de 1980 – ano da revogação do decreto que proibia as mulheres da prática do futebol – até o ano de 2010.

3. UMA HISTÓRIA DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL (1980-2010)

A história da mulher no futebol brasileiro é um reflexo de quatro possibilidades: futebol de areia, futebol de campo, futebol *society* e futebol de salão. Fato que denota a falta de equipes exclusivas em cada uma destas manifestações, pois as mulheres praticantes circulavam entre as tais modalidades aparentadas entre si. Nesta perspectiva, a mesma mulher que jogava nos campos, também estava nas areias e nas quadras (MOREL; SALES, 2006).

Mesmo concordando e compreendendo a posição dos autores de que essa história não pode ser retratada apenas em uma das manifestações da modalidade, o presente capítulo visa descrever especificamente sobre o futebol feminino adulto de campo. Tais especificações são decorrentes da definição do nosso objeto de estudo, a equipe adulta do NMFC.

Visando construir a história do futebol feminino⁴⁰ no presente capítulo, nossos esforços se concentraram em reunir diferentes fontes para dar conta de conhecer minimamente a modalidade nos âmbitos nacional, estadual e regional, ou em termos de Brasil, Paraná e Curitiba.

Como fonte de dados no âmbito nacional, utilizamos a revista Placar entre os anos de 1980 até 2010. Tal revista foi selecionada por abordar a temática esporte e posteriormente se especializar na veiculação de informações sobre futebol. Destacamos que essas alterações na linha editorial serão comentadas no corpo do texto. Com relação aos campeonatos disputados pela Seleção Brasileira, vamos tratar somente de Jogos Olímpicos e das Copas do Mundo de futebol feminino, tendo em vista que são considerados os dois eventos mais importantes e relevantes para o futebol feminino.⁴¹

⁴⁰ Quando nos referimos ao futebol feminino, estamos tratando do futebol feminino de campo. Desse modo toda a vez que futebol feminino aparecer no texto está tratando da modalidade praticada nos gramados.

⁴¹ Contudo, destacamos alguns títulos que não serão abordados no corpo do texto. Dentre eles, o Campeonato Sul-Americano Feminino de 1991, 1995, 1998, 2003 e 2010. Medalha de ouro no Universíada de 2001 e 2005. Medalhas de ouro nos Jogos Pan Americanos em 2003 e 2007. Torneio Internacional da Cidade de São Paulo em 2009 e medalha de ouro nos Jogos Mundiais Militares em 2011.

A fim de conhecer a história do futebol feminino no Paraná e no NMFC fizemos uso do método de história oral, melhor descrito anteriormente. Desse modo, quatro entrevistas foram realizadas, dentre elas, três com dirigentes diretamente envolvidos com a equipe feminina do NMFC e uma com um agente considerado um dos pioneiros na organização de campeonatos e na veiculação de informações sobre o futebol feminino em Curitiba – PR. Para preservar o nome dos agentes informantes, utilizaremos as iniciais dos nomes de modo aleatório.

Como forma de agregar dados a essa construção histórica paranaense que nos propomos a fazer, temos cópias das atas de reuniões – denominadas arbitrais – do departamento de futebol feminino da Federação Paranaense de Futebol (FPF). As quais registram a partir do ano de 1994 até início de 2010, assuntos relacionados à organização e realização de campeonatos.

Selecionamos também, matérias que abordem o futebol feminino – mais propriamente o NMFC – em jornais que circulam em Curitiba, como Gazeta do Povo, Tribuna do Paraná e do extinto Diário Popular.

Frente a essas informações, no capítulo a seguir vamos investigar como se deram algumas rupturas, que serão apresentados em três sub-capítulos o organizadas por ciclos de 10 anos.

O primeiro item vai tratar da década de 1980 até 1990. Escolhemos a década de 1980 para o início das investigações em detrimento à revogação do Decreto que proibia a prática do futebol pelas mulheres, no ano de 1979. Entendemos que embora houvesse tal proibição, existiam equipes, ou grupos de mulheres que praticavam o futebol, como demonstram Morel e Salles (2006). Contudo, nosso recorte histórico se justifica por considerarmos a revogação desse Decreto um marco histórico para o início legalizado dessa prática.

O segundo item diz respeito aos anos 1990 até os anos 2000, e o terceiro item abordará questões relacionadas à primeira década dos anos 2000 (2000 até 2010). Em cada sub-capítulo constarão informações nacionais, estaduais e do NMFC.

3.1 FUTEBOL FEMININO: UMA PRÁTICA AUTORIZADA (1980 – 1990)

Curitiba – PR, 20 de março de 1930. Em assembléia realizada na presente data foi lançada a semente para a futura fundação de um dos mais antigos clubes que ainda militam na suburbana⁴² (MULFORD, 2004), o NMFC. Paralelamente aos campeonatos da divisão de honra em Curitiba,⁴³ inúmeras competições eram (e continuam sendo) disputadas. Essas equipes amadoras formadas por jogadores que atuavam com “verdadeiro amor à camisa” – no sentido de não receber para representar seus bairros – foram então, nomeadas de equipes suburbanas (MULFORD, 2003).

Conforme informações da FPF, a equipe do bairro Novo Mundo⁴⁴ teve origem no dia 10 de julho de 1930 com o nome de Novo Mundo Futebol Clube. A agremiação, que adotou as cores vermelha e branca, ficou apenas participando de amistosos em festivais esportivos e fazia algumas excursões por cidades vizinhas no interior paranaense. A filiação junto à FPF aconteceu no dia 27 de abril de 1952 e o clube passou a disputar campeonatos oficiais na antiga 3.^a divisão de amadores (MULFORD, 2004).

As instalações eram precárias contando apenas com o campo, sem arquibancadas ou infraestrutura para os vestiários. Somente existiam times masculinos e as poucas mulheres que compareciam aos jogos eram espectadoras. Fato até certo ponto compreensível, tendo em vista que o Decreto-lei 3.199 que proibia as mulheres de práticas esportivas que não fossem condizentes com sua natureza, ainda estava em vigor.

⁴² Suburbana remete às equipes de futebol amador dos bairros da cidade de Curitiba – PR. Juntamente com o Iguazu e o Ipiranga, o Novo Mundo forma o trio de clubes mais antigos da Suburbana.

⁴³ Informações a respeito da capital paranaense, Curitiba, ver o site da prefeitura. Disponível em: <http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/perfil-da-cidade-de-curitiba/174>. Acesso em: 07 jul. 2011. Maiores especificações sobre o bairro, Novo Mundo, disponível em: http://ippucweb.ippuc.org.br/Bancodedados/Curitibaemdados/Curitiba_em_dados_Pesquisa.htm. Acesso em: 07 jul. 2011.

⁴⁴ O bairro Novo Mundo se localiza ao sul da cidade de Curitiba, no estado do Paraná. De acordo com dados do ano de 2010 fornecidos pela prefeitura municipal, a população do bairro é de 44.063 habitantes, com maioria do sexo feminino. Sua área corresponde a 1,39% da área da cidade (que é de 434,967 km²) e a principal atividade econômica é o comércio seguido pelos serviços. Com relação aos espaços de lazer, em 2005 o bairro não apresentava nenhum dos equipamentos (academia, ginásio, piscina, quadras, entre outros espaços) da Secretaria do Esporte e Lazer da Prefeitura Municipal de Curitiba.

Mais do que isso, em plena ditadura militar no ano de 1965, tal decreto-lei foi implementado pelo Conselho Nacional de Desportes, passando assim, a proibir a prática feminina de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, *rugby*, halterofilismo e *baseball*. Coincidentemente, no mesmo ano, o NMFC apresentou sua melhor campanha desde a fundação, o vice-campeonato na categoria amador.

A revogação do decreto aconteceu no ano de 1979, entretanto, os valores culturais incorporados e reproduzidos sobre a perda ou a diminuição da feminilidade das mulheres que praticam a modalidade, que perduraram durante praticamente 40 anos, não foram “instantaneamente” revogados. Como é possível observar por meio das publicações da revista Placar, que elucidam em suas reportagens aspectos que remetam ao papel da mulher enquanto portadora de atributos de beleza também no espaço do futebol.

Fundada no início dos anos 1970 com o escopo de divulgar matérias de diferentes modalidades esportivas, tiragem semanal e circulação nacional, a revista Placar tinha uma sessão dedicada à opinião dos leitores. Recebia nessa época – final dos anos 1970 e início dos anos 1980 – alguns comentários de mulheres simpatizantes ou praticantes de esportes considerados como “não femininos”. As falas invariavelmente abordavam questões relacionadas à proibição da prática do futebol, bem como, meninas procurando locais onde treinar ou com o ensejo de montar equipes, como podemos visualizar no trecho extraído da revista Placar de 5 de setembro de 1980, p. 66:

FIGURA 1 – RECORTE DA REVISTA PLACAR

● **Aqui no Brasil ainda acham que lugar de mulher é na casa, cuidando dos filhos. Mas estamos em 1980! Não acham que está na hora de se montar um campeonato feminino? Sugiro, portanto, que Placar faça uma campanha em defesa do futebol feminino, mostrando que a mulher sabe gingar com o pé na bola.**

Kátia Maria Fernandes, São Paulo SP.

FONTE: Revista Placar de 5 de setembro de 1980

Nessa mesma sessão, na edição número 594 de 2 outubro de 1981 foi lançada uma enquete com duas questões: “Você é a favor do futebol feminino?” e “Você chegaria mais cedo ao estádio só para ver uma preliminar⁴⁵ entre dois times de mulheres?” Essa enquete (ilustrada a baixo) foi veiculada nas edições de 25 de setembro e 2 de outubro de 1981.

FIGURA 2 – RECORTE DA REVISTA PLACAR

FALA, LEITOR!

PLACAR quer que você também participe desta discussão.
Responda às duas perguntas abaixo, destaque o cupom e o endereço
para Rua do Curtume, 635, caixa postal 2372, CEP 01000, São Paulo, SP

Você é a favor do futebol feminino?
☐ SIM ☐ NÃO

***Você chegaria mais cedo ao estádio
só para ver uma preliminar entre dois times de mulheres?***
☐ SIM ☐ NÃO

Nome
sexo idade

FONTE: Revista Placar de 25 de setembro de 1981

A edição de 2 de outubro de 1981 já apresentava algumas respostas a enquete, fomentando a participação de uma grande maioria de mulheres, as quais,

⁴⁵ Prática comum aos times femininos, a preliminar corresponde ao jogo de abertura realizado pelas mulheres para anteceder as partidas masculinas.

levantaram a bandeira em defesa da sexualidade e feminilidade das futebolistas. Como mostra o recorte a seguir:

FIGURA 3 - RECORTE DA REVISTA PLACAR



FONTE: Revista Placar de 2 de outubro de 1981.

Ainda que não houvesse nada explícito no corpo da revista, elementos que ligavam o futebol à “perda” da feminilidade vinham sendo impregnados na cultura e nas ações práticas dos agentes desde o princípio da década de 1940, fato que se materializava nas publicações esportivas. Percebemos também que a revista custou a divulgar explicitamente os “novos” rumos do futebol feminino no Brasil, e quando os fez, vinculou a figura da futebolista à feminilidade, como verificaremos na sequência.

Nesse mesmo período histórico e de acordo com o depoimento do radialista esportivo e pioneiro na organização de campeonatos de futebol feminino em Curitiba e região, D.L.R., logo após a revogação do decreto a equipe esportiva do extinto jornal curitibano Diário Popular também conhecida como “equipe Leônidas Dias”, organizou o primeiro campeonato de futebol feminino que aconteceu na capital. Tal feito se deu no ano de 1980, assim que a equipe teve acesso a revogação do decreto que proibia a prática do futebol pelas mulheres.

D.L.R. nos relata que, esse campeonato envolveu 23 equipes de diferentes cidades como: Curitiba e região metropolitana, cidades próximas tal qual, Antonina, Paranaguá, Morretes, São José, Ponta Grossa e até de outro estado, Joinville – SC. Dentre essas equipes, a maioria não era anteriormente organizada, mas montaram seus times após tomar conhecimento pelo jornal e pela rádio da existência de um campeonato de futebol exclusivo para as mulheres.

Juntamente com as partidas esse campeonato promovia a escolha da rainha e a jogadora que melhor “chutava a gol”. D.L.R. relata que os uniformes usados pelas integrantes eram idênticos aos uniformes masculinos, se não, os próprios uniformes dos clubes masculinos, que nesse momento estavam sendo representados por equipes femininas, como é o caso das equipes profissionais da época: Coritiba e Paraná Clube.

Segundo D.L.R., entre as pessoas que incentivaram a realização do primeiro campeonato de Curitiba, talvez do Paraná, podemos citar, professores de Educação Física, alguns políticos, pessoas que gostavam da modalidade e poucos representantes da mídia. Salientou – por fazer parte da equipe esportiva do jornal Diário Popular – que os meios de comunicação, nesse momento, não acreditavam que o futebol feminino realmente pudesse existir.

Muitas pessoas prestigiaram o evento esportivo, que foi oficialmente “aberto” pelo então prefeito Maurício Roslindo Fruet, que na ocasião cobrou uma penalidade e deu início a competição entre Juventus (Paranaguá) x Pinheiros (Curitiba).

A duração das partidas nesse campeonato era de 20 minutos, diferindo dos campeonatos masculinos, como também, das determinações do Conselho Nacional de Desportos (CND), pois o futebol feminino oficializado pelo CND apresenta novas orientações no regulamento em detrimento ao já praticado em conotação masculina.

Dentre as novas orientações está a proibição das trocas de camisas entre as jogadoras e o uso de chuteiras com travas metálicas; os jogos terão duração de 70 minutos com 20 minutos de intervalo; as bolas serão mais leves e as dimensões do campo menores. Com relação às categorias, o CND estabeleceu a existência de duas categorias: juvenil, de 14 a 18 anos, e adulta, acima de 18. Exceto pelo número de substituições – as meninas poderão trocar três jogadoras durante a partida – o restante das regras permanece as mesmas adotadas para os homens (PLACAR, 8 de abril de 1983a, p. 68).

Para D.L.R., as jogadoras – em primeiro plano – tiveram que enfrentar um tabu terrível, “[...] e eu, como coordenador e homem de imprensa, tive que mandar recado feio para muita gente”. Pois, lembra que durante as partidas ouviam-se gritos vindos da platéia de “vai lavar a louça”, acrescido de adjetivos pejorativos, ou, “sapatão! Isso não é time de menina é time de sapatão”. Tais afrontas perduraram aproximadamente 10 edições do campeonato. Nas palavras de D.L.R. “Terrível situação desairosa para as meninas que abriram o futebol feminino do Paraná”.

As mulheres que participaram da primeira edição do campeonato, intitulado em anos posteriores de Campeonato Metropolitano, eram em sua maioria solteiras e com idade por volta dos 30 anos. D.L.R. afirma que, “a idade das jogadoras era mais elevada do que a gente vê hoje no futebol feminino, porque na época era um ‘misturadão’ e era novidade, todas queriam participar”. Com o passar das edições, a faixa etária das jogadoras diminuiu.

Embora campeonatos regionais e estaduais já viessem sendo disputados desde 1981, como o evento paranaense descrito acima, ou o evento carioca de 1983, primeiro campeonato de futebol feminino organizado pela Federação de Futebol do Rio de Janeiro nas categorias juvenil e adulto (FERNANDES, 1991), a veiculação de informações diretamente ligadas a modalidade em sua instância feminina, era bastante reduzida. Vale destacar que para a revista Placar o Decreto só foi revogado no ano de 1981 e não em 1979 como provam os documentos oficiais, fato que pode fundamentar, de certa forma, o atraso na divulgação do futebol feminino.

Mesmo com o atraso da divulgação da liberação da prática do futebol feminino no Brasil pelos meios de comunicação, a popularização da modalidade e especialmente a fundação e desempenho da equipe do Esporte Clube Radar – ilustrado na próxima página –, promoveram a divulgação de matérias a respeito do futebol feminino.

FIGURA 4 - EQUIPE DO ESPORTE CLUBE RADAR



Fonte: Revista Placar de 1º de fevereiro de 1985

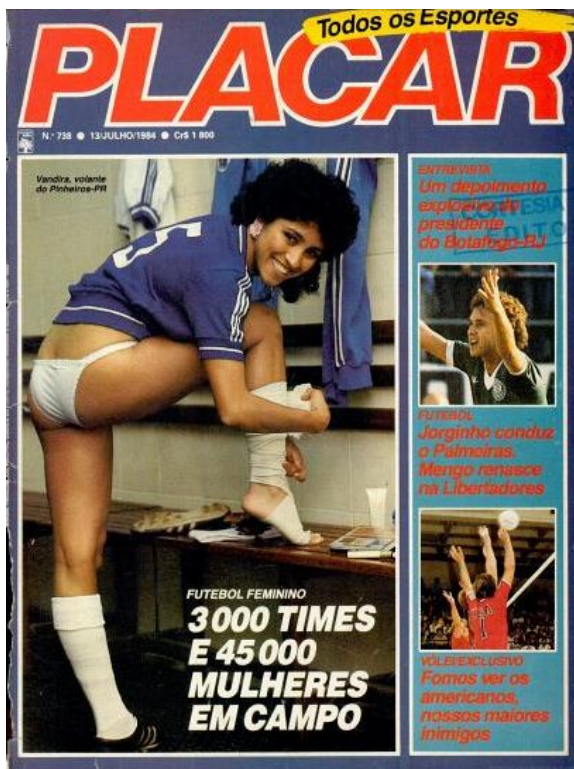
O Esporte Clube Radar, um clube de praia de Copacabana, foi fundado em 1932 e em 1981 foi criada a equipe feminina. Inicialmente jogando nas quadras, depois na areia e finalmente no campo, onde teve maior êxito e foi considerado o mais importante clube de futebol feminino (CARMONA; POLL, 2006). O empresário Eurico Lira, fundador da equipe feminina, destaca que juntamente à equipe nasceu a ideia de organização dos times com relação ao treinamento e ao pagamento de salários, bem como, a luta para tornar a modalidade oficial (PLACAR, 1984, p. 24).

Desse modo, no ano de 1984⁴⁶ uma matéria de importância, ou melhor, de capa sobre o futebol feminino brasileiro foi publicada⁴⁷ na revista Placar. Tratando dos principais clubes do país dessa época, a capa da edição nº 738 de 13 de julho de 1984 trazia a volante do, atualmente extinto, Pinheiros – PR. A jogadora Vandira trajava a camisa do clube e uma calcinha e a matéria tinha o seguinte chamado: “Futebol Feminino: 3.000 times e 45.000 mulheres em campo”, como podemos observar na imagem a seguir:

⁴⁶ Houve representativa veiculação de reportagens referentes ao futebol feminino no ano de 1984. Além da Revista Placar, a qual estamos abordando com maior detalhamento, a Revista Veja também dedicou duas páginas de sua publicação nº 811 de 21 de março de 1984, para tratar do Esporte Clube Radar.

⁴⁷ Na edição nº 509 de 1º de fevereiro de 1980 p 34-36, a Revista Placar dedicou três páginas para falar sobre o futebol feminino na Alemanha. A matéria intitulada “ACREDITE SE QUISER: FUTEBOL É PARA MULHER”, foi escrita por Sílvia Rochenback. Vale lembrar que na década de 1970 nos Estados Unidos e na Europa foram criadas ligas de futebol feminino (CARMONA; POLL, 2006, p.140). Salientamos também que na edição nº 673 do dia 15 de abril de 1983, Bete Mendes, atriz e deputada federal pelo PT escreve uma página sobre a liberação do futebol para mulheres num comparativo com a luta das atrizes também para se estabelecerem no espaço que anseiam.

FIGURA 5 - CAPA DA REVISTA PLACAR



FONTE: Revista Placar de 13 de julho de 1984

Mesmo sem menções explícitas de combate à possível “masculinização” da mulher futebolista, nos é possível entender que a imagem “fala por si só”, no sentido de induzir o leitor a ler o que “deve” ser lido, ver o que “deve” ser visto e pensar de acordo com as informações fornecidas. Essa relação entre pensamento e velocidade, ou o que Bourdieu (1997 p. 40) chamou de *fast-thinkers*, “pensadores que pensam mais rápido que sua sombra”, se justifica quando o autor aborda que a resposta a esse pensamento rápido são as ideias feitas, “aceitas por todo mundo, convencionais comuns”, desse modo, quando essas ideias são compradas pelos leitores é como se o problema estivesse resolvido, numa falsa comunicação, pois ela de fato não existe, sendo que na maioria dos casos mensagem é vendida, comprada e reproduzida sem maiores questionamentos. Essa “venda de ideias” no presente caso, vem reforçar a normatividade de gênero das jogadoras que acabam de ingressar em uma área até então proibida por lei e carregada de preconceitos que se materializavam no questionamento da sexualidade das jogadoras.

A matéria interna da presente edição escrita por Regina Echeverria e intitulada: “O *charme* vai a campo”, retrata que a modalidade “[...] já é uma definitivamente uma *graciosa* realidade no país do futebol”. A reportagem também

tem o intuito de mostrar a existência de equidade entre os gêneros, “[...] como qualquer marmanjo que corra atrás de uma bola, as meninas do futebol recebem vaias, aplausos e muitas cartas, mas também assovios e algumas exclamações de espanto” (PLACAR, 1984, p. 24).⁴⁸

A necessidade de atrelar a feminilidade normatizada ao mundo do futebol está na escolha das palavras tanto na chamada quanto no corpo da matéria. Em “a *graciosa* realidade” ou em “o *charme* vai a campo” fica perceptível o intento de transpor palavras que remetem à graça e a sedução feminina a esse novo espaço esportivo. Em se tratando da construção dos corpos femininos Goellner (2003b, p. 4) ressalta como atributos de corpos *feminis*, a graciosidade, a harmonia das formas, a beleza, a sensualidade e a delicadeza.

Outro elemento instigante nessa reportagem é que raramente vislumbramos em partidas de futebol masculino assovios e exclamações de espanto, fato que demonstra que embora houvesse um avanço, mascarar as dificuldades e preconceitos ainda era de “primeira necessidade”.

Do mesmo modo, apresenta de forma relativizada e superada a questão do preconceito quanto à sexualidade das atletas: “[...] as meninas já aprenderam a desligar os ouvidos dos teimosos berros de sapatão, sapatão” (PLACAR, 1984, p. 24). Situação recorrente, tendo em vista o depoimento de D.L.R a respeito do futebol feminino no Paraná.

Além dos temas já abordados pela revista Placar, a revista Veja trouxe à baila um tema que permeia o universo futebolístico desde que as mulheres praticam a modalidade, o homossexualismo. Deveras, com muita descrição e nos parágrafos finais da matéria é mencionado que:

Um tipo de comentário costuma aborrecer a garotas do Radar: o de que o futebol masculiniza a mulher. ‘Nenhuma de nós quer se masculinizar’, garante a goleira Margareth. ‘Queremos continuar a ser mulheres e é como mulheres que temos levado as pessoas aos estádios.’ Mais enfática, a quarto-zagueira Jurema Henrique da Silva, 31 anos, deixa claro que, embora nenhuma das atletas do Radar seja casada, três delas tem noivo e a maioria está namorando. ‘Há casos de homossexualismo no futebol feminino’, admite, ‘mas, afinal, onde não há?’ (VEJA, 21 de março de 1984, p. 78).

⁴⁸ Grifo nosso.

As jogadoras explicitam (ao explicar sua sexualidade) que estão dentro dos padrões que a normatividade heterossexual impõe para que tanto os jogos quanto as jogadoras sejam atraentes para a mídia. Com relação à veiculação midiática dos jogos, Darido (2002) relata que os jogos realizados pelas equipes femininas eram (nos anos 1980 e continuam sendo atualmente 2011) transmitidos pela Rede Bandeirantes de Televisão.⁴⁹ Para a autora, a emissora teve papel decisivo no fortalecimento e divulgação desta modalidade no Brasil, e menos na tentativa de romper com o reforço e a reprodução de valores sexistas e discriminadores, e mais pela predominância de interesses econômicos.

Outra demonstração da então inserção do futebol feminino no contexto mercadológico (tendo em vista o – mesmo que breve – aumento na demanda de praticantes do futebol) é a criação de uma chuteira especialmente feminina, tanto nos detalhes ergonômicos quanto estéticos. Para tanto, em 1984 a jogadora Bel do Internacional conhecida pela beleza física junto a sua colega de equipe, Malu, fizeram a publicidade do produto fabricado ao público feminino (PLACAR, 24 de fevereiro de 1984), como mostra a imagem:

FIGURA 6 - PUBLICIDADE DE CHUTEIRAS



FONTE: Revista Placar de 24 de fevereiro de 1984

⁴⁹ Luciano do Valle, locutor esportivo da atual Band e antiga TV Bandeirantes, foi e é conhecido no meio futebolístico como grande fomentador do futebol feminino. Atualmente ele apoia e patrocina a equipe de Foz do Iguaçu – PR (Foz Cataratas) que encerrou o ano de 2011 vencendo o Campeonato Paranaense e a Copa do Brasil. Essa equipe conta com jogadoras que já estiveram no NMFC e foram em busca de melhores condições financeiras e de treinamento. A J.Cocco Sport Marketing, em parceria com Luciano do Valle, promovem desde 2007 um programa de incentivo ou futebol feminino intitulado: Futebol Mulher - A nova paixão brasileira. Mais informações estão disponíveis em: <http://www.lucianodovalle.com.br/Releases/FutebolMulherRelease001.asp?P=acesso> em: 02 ago. 2011.

Com exceção do uniforme que teve seu *design* modificado com o passar dos anos, curiosamente, não encontramos relatos da criação de outros produtos especiais para as mulheres, fato que nos leva a crer que não haveria necessidade de oferta, tendo em vista que a demanda também era restrita. É necessário lembrar, para que ocorram transformações nas práticas e consumos esportivos é preciso que ocorram transformações tanto da oferta quanto da demanda, que se baseiam em diferentes lutas. As transformações da oferta estão vinculadas às práticas esportivas legítimas e pela conquista de diferentes clientes, já as transformações da demanda, estão diretamente ligadas às transformações no estilo de vida (BOURDIEU, 1983a).

Nesse contexto ao analisarmos as transformações necessárias para a alteração da oferta, o futebol feminino ainda não era (e não tem dado indícios mesmo atualmente que é) uma prática legítima, fator que influencia negativamente a conquista de uma nova clientela. Já as transformações da demanda, são um tanto quanto mais complexas, pois estão estreitamente relacionadas ao *habitus* das agentes praticantes ou futuras praticantes do futebol feminino, trazendo a tona todo o emaranhado de significados e significações que a modalidade esboça no Brasil na década de 1980.

Outro elemento importante reforçado pela mídia, é que na década de 1980 a beleza física e a sensualidade, enquanto atributos femininos estavam mais atrelados ao futebol do que a habilidade esportiva propriamente dita. Sendo assim, tecnologias específicas que visassem melhor desempenho não obtinham êxito com esse público.

Num sentido compensatório entre futebol e beleza ou beleza e futebol, a matéria alude que: “de currículo futebolístico pouco mais de medíocre, o Internacional, de Porto Alegre, é indiscutivelmente o campeão nacional de beleza” (PLACAR, 1984, p. 24). Ou seja, a beleza física supre a falta de habilidade. Ainda em se tratando de clubes gaúchos, esses assumiam características diferenciadas com relação às suas jogadoras, não ofertavam nem salários e nem auxílio com os custos que as jogadoras tinham para se deslocar até o local de treinamento.

Situação diferente já se encontrava em equipes de São Paulo (SAAD, São Paulo), do Rio de Janeiro (Bangu, Vasco, Radar), do Paraná (Pinheiros, Colorado), da Bahia (Clube Baiano de Tênis) e também de Minas Gerais (América, Atlético Mineiro), nas quais, as jogadoras recebiam – ao menos – uma ajuda de custo para o

transporte até o clube ou salários. É importante destacar o anseio do Esporte Clube Radar em assumir uma postura mais profissional ao tratar da gestão do futebol feminino no clube.

Frente a esse panorama e de acordo com a revista Placar, as jogadoras demonstravam grande interesse em participar do “possível” Campeonato Mundial de Futebol Feminino a ser realizado pela FIFA no ano de 1987 no Japão.⁵⁰ Especialmente as meninas do Esporte Clube Radar, que em 1982 foram as primeiras mulheres latino-americanas a pisarem em campos de futebol europeus.

Embora o Esporte Clube Radar se diferenciasse – em termos de organização e gestão esportiva – dos outros clubes brasileiros, os salários ainda eram inferiores ao valor pago para as “Globetes”, nome do time formado por atrizes da Rede Globo. Na edição de 8 de abril de 1988, a revista Placar apresentou uma pequena sessão dedicada a Isadora Ribeiro, a “garota da abertura do fantástico”, globete há dois anos. “Com a bola nos pés, ela é uma negação completa. [...] ninguém vaia quando ela erra um passe ou perde um gol. [...] As globetes se preocupam apenas em dar um autêntico show de beleza no gramado” (PLACAR, 8 de abril de 1988, p. 53). A foto a seguir evidencia a sensualidade feminina vinculada à bola de futebol, bem como, a propaganda do time impressa na camisa da globete, que não lembra em nada as camisas dos uniformes esportivos.

⁵⁰ Com base no site da FIFA, o Mundial de Futebol Feminino de 1987 previsto para ser realizado no Japão não ocorreu.

FIGURA 7 - GLOBETE



FONTE: Revista Placar de 8 de abril de 1988

A revista Placar (1984, p. 27) retrata que as “Globetes” foram convidadas pela Presidência da República para inaugurar o campo de futebol da Granja do Torto, mas “são ruins de bola, cruzaram com o Radar uma vez e perderam de 12X0”. Ainda nesse ano a revista Placar destinou quatro páginas ao futebol feminino, com destaque para a equipe do Esporte Clube Radar. Nessa edição (de nº 744), com matéria intitulada “Futebol Feminino: O *Charme*⁵¹ da Conquista” abordou questões relacionadas ao processo de “feminilização” antes dos jogos.

Rosa, Margarete e Valerinha, do Radar, ficam horas diante do espelho quando vão entrar em campo. [...] Vavi, do São Paulo, usa fitinha no cabelo e faz questão de se maquiar no vestiário. As garotas do Internacional fazem fila diante do espelho e disputam pentes e escovas de cabelo com a mesma disposição com que vão numa dividida. [...] Quase todas as artistas da bola, incluindo as meninas do Atlético Mineiro – que usam uniforme igual ao dos jogadores, até com sunga –, não curtem muito a ideia de jogar com sutiã, como manda a lei (PLACAR, 24 de fevereiro de 1984, p. 42).

⁵¹ Assim como retratamos anteriormente, a escolha das palavras remete a um contexto feminino. Tendo em vista a construção cultural e histórica dos gêneros pautado nos papéis e nas disposições para a ação no contexto social.

Evidenciamos nesse momento que embora a temática, beleza e feminilidade estivessem permeando a matéria de modo geral, as fotos veiculadas nesse momento são de situações de jogo/treino ou de demonstrações de habilidade das futebolistas com a bola e principalmente a possibilidade de profissionalizar o futebol feminino, desejo suscitado devido à excelente campanha do Esporte Clube Radar.

Após aproximadamente um ano, mais uma publicação sobre o futebol feminino circulava em território nacional. No dia 1º de fevereiro de 1985 a edição nº 767 da revista Placar reservou três páginas para escrever sobre o Esporte Clube Radar. “As Invencíveis: O Radar, um time que só perdeu dois jogos na vida, quer agora ser campeão do mundo”. Nessa ocasião foram apresentadas as 11 jogadoras do clube, incluindo a idade, o peso, a altura, o número da chuteira, o tamanho do busto, a posição em campo, a principal característica de jogo e o salário. A presente matéria abordou também, a qualidade técnica e principalmente o preparo físico das jogadoras, enfatizando que estavam treinando em regime de concentração há um ano na Casa do Marinheiro, e costumavam fazer coletivos contra um time de marujos. Ficou perceptível nessa edição que a atenção principal foi voltada para a veiculação das informações relacionadas às habilidades da modalidade em detrimento aos atributos físicos na conotação estética ou feminina.

Darido (2002) assinala que as vitórias do Esporte Clube Radar estimularam o nascimento de novos times e, em 1987, a CBF já havia cadastrado 2 mil clubes e 40 mil jogadoras. Considerada – disparada – a equipe destaque na década de 1980, o Esporte Clube Radar colecionou títulos nacionais e internacionais.

Até paralisar suas atividades no ano de 1988, o Esporte Clube Radar realizou mais de 300 partidas, sendo 71 delas no exterior, obtendo 66 vitórias, 03 empates e 2 derrotas. Tendo como performances nos principais eventos: Campeão da Divisão Feminina do Rio de Janeiro de 1983 a 1988; Campeão Brasileiro de 1984 a 1988; Campeão do I Torneio Brasileiro de Clubes; Terceiro colocado no I Torneio Internacional de Futebol Feminino na cidade de Cabo Frio; Campeão do *Women Cup Of Spain*; e 3º lugar representando o Brasil no I Torneio Internacional de Futebol Feminino na China (FERNANDES, 1991).

O campeonato de 1988 foi o último disputado pelo Esporte Clube Radar, fato que marcou a decadência da equipe, como também, a do futebol feminino brasileiro de modo geral. Dentre as principais equipes que durante toda a década de 1980

investiram em times fortes, algumas “fecharam as portas” e outras desistiram de apoiar o futebol feminino (DARIDO, 2002). Contudo, Valporto (2006) afirma que mesmo com escasso incentivo, as ligas amadoras continuaram existindo.

Como marca dessa década, na qual o futebol feminino foi “presenteado” com permissão documental da prática, temos o curto ciclo de existência do Esporte Clube Radar, que ficou historicamente conhecido pela campanha de vitórias. Ao lado desse acontecimento, sublinhamos o anseio da mídia em veicular o futebol feminino sempre associado ao ser feminino enquanto construção social de gênero pautado na sexualidade. Mesmo que de forma discreta ou mascarada por fotos sensuais ou por ações “femininas” como usar maquiagem, a homossexualidade era tema recorrente. Entendemos que por ser recente a permissibilidade oficial da prática do futebol pelas mulheres, ainda apresentava uma grande quantidade de resquícios da proibição e da associação da mulher futebolista ao homossexualismo. Desse modo, o investimento se deu em circular informações e representações que relacionassem a imagem das futebolistas aos ideais de feminilidade, visando desmistificar a polêmica homossexual que rondava a prática do futebol feminino no Brasil.

3.2 NOTORIEDADE MUNDIAL E VISIBILIDADE LOCAL (1990 – 2000)

De acordo com Carmona e Poll (2006), em 1990 a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) passou a apoiar o futebol feminino, mas ainda assim, os campeonatos estaduais e regionais diminuíram consideravelmente. Nessa época, o regulamento para as mulheres era o mesmo do futebol masculino.

Enquanto as mulheres representariam a Seleção Brasileira de Futebol pela primeira vez, a equipe masculina do NMFC conquistara o seu – até então (2011) – último título: campeões da categoria amador do ano de 1991. Valporto (2006, p. 248) relata que em 1991 a FIFA anunciou a realização da primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino a ser realizada na China. Como não existiam mais clubes estruturados em atividade, a CBF “recrutou” jogadoras do já extinto Esporte Clube Radar para endossar a equipe que defenderia o Brasil. Em sua estréia na Copa do

Mundo, a Seleção Brasileira⁵² venceu o Japão (1x0), sofreu uma goleada (0x5) dos Estados Unidos e perdeu para a Suécia (0x2), sendo assim, eliminada na primeira fase e terminando em 9º lugar na classificação geral.

Entre os anos de 1991 e 1994 não houve campeonatos nacionais. Entretanto, algumas equipes continuaram suas atividades e campeonatos de menor porte foram realizados. Agora, com o sonho da profissionalização suscitado na década anterior, um pouco mais distante.

O Campeonato Brasileiro que teve sua última edição do ano de 1988 voltou a ser disputado em 1994. Essa versão do Campeonato Brasileiro de futebol feminino foi realizada entre os anos de 1994 até 2001, tendo como times campeões: o Vasco, em 1994, 1995 e 1998; o SAAD, em 1996; o São Paulo, em 1997; a Portuguesa em 1999 e 2000; e o Santa Isabel, em 2001 (CARMONA; POLL, 2006). Observamos que todos os campeões representam os estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Além disso, a organização e a manutenção das equipes paulistas vêm tendo reflexos no futebol atual, especialmente em se tratando do Santos em 2010-2011, que possui estrutura que mais aproxima o futebol feminino ao profissionalismo e consequentemente conquistando títulos.

No ano de 1994, mesmo ano em que o Campeonato Brasileiro voltou a ser disputado, a FPF organiza o primeiro Campeonato Feminino da região de Curitiba. No entanto, outros torneios e campeonatos continuaram sendo realizados de modo simultâneo.

De acordo com o arbitral⁵³ (anexo 01), cinco diretores de clubes participaram da reunião inicial na sede da FPF, e decidiram que o campeonato de futebol feminino seria realizado em turno e retorno e em pontos corridos. Os mesmos critérios já adotados pela FPF em outras competições e que a premiação seria troféu. No ano seguinte, oito equipes se inscreveram para o então denominado Campeonato Feminino que deveria ocorrer de acordo com as mesmas prerrogativas do ano anterior.

⁵² O “time-base” era formado por: Meg, Rosa Lima, Elane e Marcia Silva; Fanta, Adriana, Cenira e Márcia Taffarel; Roseli e Doralice. Sob o comando do técnico Fernando Pires. A equipe estadunidense conquistou o título. (CARMONA ;POLL, 2006, p. 147).

⁵³ São realizados em média 5 arbitrais que antecedem o início oficial até o término do campeonato. Nos quais, são discutidos valores para arbitragem, questões relativas às equipes que não se inscreveram no prazo, o funcionamento e organização do campeonato, o sorteio da ordem da disputa entre os clubes, dentre outras questões de regulamento que devem ser discutidas conjuntamente com todos os envolvidos.

No ano de 1995, aconteceu a segunda Copa do Mundo de Futebol Feminino realizada na Suécia. Novamente o Brasil foi eliminado na primeira fase. Venceu a Suécia na estréia (1x0), perdeu para o Japão (1x2) e para a Alemanha (1x6). A Noruega ficou com o título. O time base do Brasil era: Meg, Solange, Elane e Ieda Maria; Fanta, Cenira, Suzy e Sissi; Pretinha e Roseli, sob o comando do técnico Ademar Fonseca (CARMONA; POLL, 2006).

A revista Placar de agosto de 1995 aborda a eliminação da Seleção Brasileira como resultado da falta de organização e evidencia o amadorismo da modalidade, como mostra o título da matéria: “Esquema amador: quando o assunto é desorganização, as meninas não devem nada aos homens” (PLACAR, agosto de 1995, p. 34). A imagem (FIGURA – 8) foi selecionada pela revista para elucidar o futebol feminino brasileiro durante o mundial, e tem como legenda: “O Brasil na Copa: campanha fraca e nono lugar”.

FIGURA 8 - SELEÇÃO BRASILEIRA



FONTE: Revista Placar de agosto de 1995

Ainda nesse ano, acontecia simultaneamente e sem vínculo com a FPF, o campeonato de futebol do jornal Diário Popular. De acordo com o Diário Popular de 13 de junho de 1995, “o Campeonato Feminino é sucesso”. Entretanto, a matéria

que endossa esse título destaca o campeonato de embaixadas e anuncia que na edição seguinte dará ênfase a disputa para eleger a rainha do campeonato, realizado paralelamente aos jogos de futebol. Nessa mesma reportagem são elencados patrocinadores ou “apoiaadores” deste campeonato, assim:

[...] com a presença de cinco clubes, especialmente convidados para a competição, ocorreu abertura de mais uma edição do campeonato feminino de futebol Tuli Sport/Algaci Tulio, na promoção do Diário Popular e Radio Atalaia, na organização da Equipe Leônidas Dias e apoio no setor de divulgação ainda da folha de Tamandaré, Paraná Esportivo, Gazeta do Povo, Rolando a Bola e as rádios Cultura, Clube, Iguaçu e Independência. (DIÁRIO POPULAR, 13 de junho de 1995).

Observando os organizadores e empresas que apoiam ou patrocinam o evento, podemos vislumbrar que a mídia nessa fase do futebol feminino no Paraná se encontra mais envolvida com a modalidade. Entretanto, se observarmos a quantidade de envolvidos para a realização do campeonato imaginamos que os investimentos individuais foram reduzidos.

Com o objetivo de reunir equipes do interior e da capital para posteriormente eleger um representante para o Campeonato Brasileiro, no final do ano de 1995 foi realizada a Taça Paraná. A equipe do União Ahú (campeã do Campeonato Paranaense) representou o Paraná no Campeonato Brasileiro de 1995, visto, inclusive que, a Taça Paraná ainda não tinha sido realizada.

Embora o futebol feminino tenha evoluído dentro do limiar possível e permissível da realidade histórica brasileira, a preleção que envolve as adjetivações normativas de gênero impressas no corpo das futebolistas se manteve presente. Como forma de mascarar ou de vender outra imagem do futebol feminino foram criados nos anos 1990 equipes de futebol feminino formadas por modelos. Podemos entender que segue a mesma lógica das “Globetes”, ou seja, saem de cena as “Globetes” e entram as modelos que “desfilam” futebol. Em se tratando de times de modelos era expressamente proibido que jogadoras federadas, embora esteticamente belas, fizessem parte das equipes, pois, o futebol era menos importante do que a espetacularização dos corpos.

Em se tratando da espetacularização dos corpos femininos no esporte, Goellner assinala que essa prática é

[...] aceita e incentivada em determinados locais sociais, é colocada sob suspeição em outros, tais como o campo de futebol ou as arenas de lutas, uma vez que estes espaços colocam à prova uma representação de feminilidade construída e ancorada na exacerbação a determinados atributos tidos como femininos, tais como a graciosidade, a harmonia das formas, a beleza, a sensualidade e a delicadeza (GOELLNER, 2003b, s/p).

Corroborando essas informações, as edições de agosto de 1995 e setembro de 1996 da revista *placar* publicaram capas com fotos de um futebol feminino que pouco lembra a realidade dos campos de futebol em campeonatos nacionais ou internacionais, como é possível visualizar nas imagens a seguir que se apresentam na mesma ordem cronológica de veiculação:

FIGURA 9 - CAPA DA REVISTA PLACAR



FONTE: Revista Placar de agosto de 1995.

FIGURA 10 - CAPA DA REVISTA PLACAR



FONTE: Revista Placar de setembro de 1996.

A “logística” dessa nova modalidade de futebol, o futebol de modelos, foi descrita na matéria “Adoráveis Pernas de Pau” (PLACAR, novembro de 1995, p.24). Os times idealizados por um dos donos da casa noturna paulista Limelight, são formados por modelos ex-capas da revista Playboy. Além da apresentação em quadra a exibição das modelos inclui uma festa promovida por algum empresário local, essas duas “tarefas” (o jogo e a festa) tinham no ano de 1996 um custo médio de R\$ 15 mil para dois dias.

Nessa esteira de espetacularização dos corpos, as jogadoras de futebol sejam federadas ou modelos também apareciam em uma sessão da revista Placar chamada “Deusa”, uma foto de duas páginas da jogadora eleita pelos editores da revista. Dentre as jogadoras federadas que pousaram para essa sessão podemos citar Duda, do Internacional de Porto Alegre e Suzana Werner, atriz, modelo e jogadora do Fluminense. A então jogadora da equipe do fluminense, “[...] quer distância das colegas que transformam o gramado numa passarela”. E diz: “[...] este é um time de competição”. Embora expresse que existe diferença entre as equipes de modelos e a equipe do fluminense que tem jogadoras bonitas, “[...] o patrocínio

foi colocado na região das jogadoras mais valorizada pela torcida: o bumbum” (PLACAR, setembro de 1996, p.42).

Em se tratando do contexto paranaense, no Campeonato Feminino realizado pelo jornal Diário Popular não existiam modelos mas, a beleza feminina também era evidenciada nos concursos para a escolha da Rainha do Campeonato, no qual a jogadora eleita como a mais bela recebia um troféu assim como a equipe vencedora das disputas em campo.

Seguindo nessa abordagem, enfatizamos que a revista Placar⁵⁴ assume uma nova linha editorial a partir da década de 1990, mais propriamente no ano de 1995 que tem como *slogan* “Futebol, Sexo e Rock’n roll”⁵⁵ e é destinada ao público masculino.⁵⁶ Nessa nova fase, a temática futebol feminino é abordada de diferentes formas, separando jogadoras esteticamente bonitas, ou as modelos das jogadoras com melhor desempenho esportivo ou ainda assuntos sobre a Seleção Feminina de Futebol.

Tais apontamentos nos remetem ao entendimento de que as ações reais, cotidianas, fora do contexto da revista também se utilizavam dessa separação para entender o futebol feminino da época, ou seja, beleza e habilidade física eram vistas como dicotômicas no espaço do futebol feminino.

Outra evidência subentendida dessa dicotomia no espaço do futebol feminino pode ser identificada na edição nº 1106 de agosto de 1995 e visualizada a seguir:

⁵⁴ No início dos anos 1990, a revista passou de semanal para mensal e, o enfoque em diferentes esportes foi direcionado unicamente ao futebol. Para maiores informações a respeito das reproduções do futebol moderno veiculadas na Revista Placar, ver: SALDANHA, R. M. *Placar e a produção de uma representação de futebol moderno*. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁵⁵ Em abril de 1995, a revista renovou o foco, formato, slogan e pela primeira vez em sua história a Placar vendeu assinaturas. “Futebol, sexo e rock’n roll” era o novo slogan da revista, que apostava na tentativa de conquistar um público ainda maior e abranger o maior número de leitores. A primeira edição da nova fase vendeu 237 mil exemplares, um recorde. Mas, a tática aos poucos foi sendo notada como uma frustração e não inovação. Um ano depois a revista fez nova mudança sendo a principal o tamanho, que voltou a ser como antes. Esse padrão foi mantido até meados de 2000, quando a revista completou 30 anos de existência. O slogan é retirado e o foco voltou a ser o futebol brasileiro e mundial. DIAS, Kadu. Placar. Mundo das Marcas: um blog que fala de brands. 10 de agosto de 2007. Disponível em: <<http://mundodasmarcas.blogspot.com/2007/08/placar-templo-do-futebol-brasileiro.html>>. Acesso em: 15 ago. 2011.

⁵⁶ Os homens representam 88% dos leitores da Placar. Para maiores descrições do público de leitores ver: <http://publicidade.abril.com.br/marcas/placar/revista/informacoes-gerais>

FIGURA 11 - REPORTAGEM



FONTE: Revista Placar de agosto de 1995

Podemos observar nessa imagem que as modelos vestem um micro uniforme com as cores da Seleção Brasileira e fazem poses sensuais que deixam a mostra seus corpos. Tais características não refletem a realidade dos campos de futebol brasileiros, inicialmente por se tratarem unicamente de modelos, em seguida por vestirem um uniforme que não é condizente com o uniforme real da Seleção. Embora tenha as mesmas cores, as poses executadas nessa fotografia não são comuns às poses oficiais ou tiradas durante uma partida de futebol feminino, dessa forma, mesmo que tacitamente, as poses, as modelos, o tamanho das roupas, reforçam a distinção entre beleza e sensualidade das modelos, ou das mulheres não futebolistas, e as reais jogadoras de futebol feminino no Brasil, reforçando o estigma de que mulheres que jogam futebol são descuidadas da aparência, tal qual, reforça a noção de violência simbólica de cunho sexista, pois, as mulheres, embora livres para exibirem seus corpos, estão sob a apreciação do olhar masculino (BOURDIEU, 2007b).

Com o título de: “homens, chegamos!” a matéria inicia desenvolvendo a ideia de que as mulheres deixaram o preconceito para trás e já montam times pelo país. Com base em informações desse recorte, questionamos: que mulheres são essas que deixaram o preconceito para trás e montam times pelo país? As “mulheres da fotografia” que veem no futebol uma possibilidade de esculpir os corpos e de

diversão, ou as mulheres que desejam fazer do futebol uma profissão e vivenciam a modalidade em sua conotação técnica?

A própria revista nos sugere a resposta, quando numa espécie de “ruptura nas reportagens” trata do futebol feminino de maneiras diferenciadas. Inicialmente aborda o fato de as mulheres estarem adentrando um espaço até então proibido para elas e da espetacularização desses corpos, que vem a provar que a mulher é jogadora e sexy. A segunda parte das matérias evidencia o quanto o país ainda está atrasado com relação a organização tanto em termos de gestão esportiva quanto de investimento. “Não existe futebol feminino organizado no Brasil. Os campeonatos são esporádicos e as poucas atletas profissionais ganham mal” (PLACAR, agosto de 1995, p. 34). Destacamos que nessa esfera do futebol não são ilustradas aproximações entre beleza física e qualidade técnica.

A fim de esboçar os apontamentos acima em se tratando de investimento e trabalho, bem como, a realidade profissional das futebolistas citamos o exemplo do Saad, equipe do Estado de São Paulo que pode ser mencionada (na década de 1990) como a única equipe permanente do país. “Muitos clubes investem para um único torneio” explica Romeu Carvalho de Castro, vice-presidente do SAAD (PLACAR, agosto de 1995, p. 34).

Embora a fala acima ilustre a realidade dos anos 1990, evidenciamos que o investimento para um único torneio também é realidade do NMFC desde que começou a participar de competições de nível nacional, como a Copa do Brasil em 2007. Ainda que seja uma equipe que treina o ano todo, na temporada que antecede as competições, atletas de fora são contratadas para endossar o elenco *novo-mundense*. Acabando o campeonato essas atletas ficam “desempregadas” ou retornam aos seus estados de origem para disputarem outros campeonatos de cunho regional ou estadual. A maioria das jogadoras que são contratadas temporariamente pelo NMFC são do Estado de São Paulo, fato que vem reforçar a observação que fizemos anteriormente a respeito do desenvolvimento do futebol paulista frente aos outros Estados. Evidenciamos também que, embora o futebol feminino esteja mais organizado, ainda assim as atletas precisam sair do seu Estado para jogarem, fato que denota que mesmo em locais onde a modalidade é melhor organizada, as jogadoras não encontram espaço suficiente nas equipes.

Assim como a questão da falta de incentivo financeiro, outro tema recorrente ao analisar e discutir o futebol feminino é o debate fundamentado na diferenciação fisiológica entre os sexos, principal argumento que fomentou a proibição nos anos 1940. Esse “embate fisiológico” foi tema da revista Placar de agosto de 1995, edição nº 1106 p. 35. Na reportagem de capa, “Disputa no Corpo a Corpo”, a revista alega que “[...] na guerra dos sexos, as garotas perdem em alguns itens, mas já estão equilibrando o jogo”. É urdida uma espécie de comparativo entre as capacidades fisiológicas entre homens e mulheres, para o chute, impulsão, força, entre outros. Bem como, questões relacionadas unicamente às mulheres, como TPM, a queima de gordura corporal associada aos cuidados estéticos e proporcionada pelo futebol e o cuidado com os seios. Embasado nessa lógica, o sexo feminino apresenta-se em desvantagem com relação ao masculino.

Mesmo em meio a tantas barreiras apresentadas até então, o ano de 1996 pode ser considerado um marco para a modalidade. No Paraná, o ano é marcante no sentido de ser o último ano no qual existiam campeonatos promovidos pela FPF e também por grupos não vinculados ao Estado.

Com a chamada “Futebol feminino em destaque”, o Diário Popular de 19 de setembro de 1996 ilustra as premiações em honra ao encerramento do 17º (e último) campeonato metropolitano de futebol feminino realizado pelo jornal Diário Popular e a equipe Leônidas Dias. As premiações foram para a goleira menos vazada, a artilheira, a rainha, as princesas e equipe mais vibrante. Desse modo, a partir de 1996, somente campeonatos organizados pela FPF seriam disputados na capital. A Taça Paraná não foi mais mencionada nos arbitrais, o que nos leva a compreender que equipes do interior e da capital passaram a disputar o Campeonato Paranaense de Futebol.

O mesmo ano acaba se tornando importante para o NMFC, pois Ypiranga, (grupo de jogadoras) que anos depois formaram a equipe feminina do NMFC, participou pela primeira vez do Campeonato Paranaense. Além de todos os acontecimentos marcantes em caráter estadual, num âmbito mundial, pela primeira vez o futebol feminino é enquadrado na categoria de esporte Olímpico.

Retornando ao acervo de revistas Placar da década anterior, mais precisamente de 24 de agosto de 1984, encontramos uma entrevista com então presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), Juan Antonio Samaranch. Ao ser

questionado a respeito de quais esportes poderão entrar na programação Olímpica no futuro, mais diretamente, o futebol feminino, ele respondeu: “Não, nunca pensamos em torná-lo um esporte olímpico” (PLACAR, 1984 p. 27). E dessa forma permaneceu. Somente 12 anos depois é que o futebol feminino fez parte dos Jogos Olímpicos, em Atlanta.

Em se tratando de Jogos Olímpicos,

A seleção feminina do Brasil [...] perdeu a vaga no campo, mas recuperou-a nos meandros do regulamento do COI. [...] O pior é que a Seleção caiu no grupo da Noruega, atual campeã mundial, e da Alemanha, que surrou as brasileiras no Mundial do ano passado por 6x1. Os jogos servirão como vingança. Ou como confirmação do fracasso. (PLACAR, maio de 1996, p.69).

Mesmo com anúncio enfático que constrói um abismo entre a vitória ou a derrota nos Jogos Olímpicos, a classificação da Seleção promoveu aumento significativo na delegação feminina brasileira (VALPORTO, 2006).

Com a conquista do 4º lugar, a instabilidade futura vem à tona: “Valeu Meninas! E agora?” (PLACAR, setembro de 1996). Juntamente ao questionamento que remete a realidade do futebol feminino no país, essa edição “desmascara” assuntos polêmicos que envolvem desde a CBF até a sexualidade das jogadoras.

A reportagem inicia dizendo que “Para a CBF, futebol é um esporte de macho”, até porque, a entidade repassou para a empresa *Sport Promotion* os direitos de cuidar e explorar a modalidade até 1999, ano do Campeonato Mundial. Após a – não esperada – conquista do quarto lugar Olímpico, indícios de que um novo fôlego retorna ao futebol feminino, que visam organizar a modalidade e, especialmente, retomar os campeonatos estaduais que esmoreceram.

Esse novo “fôlego” ou nova fase do futebol feminino também aparece na sessão de esportes da edição nº 1468 de 30 de outubro de 1996 da revista *Veja*. Na mesma linha da revista *Placar*, dedica duas páginas para falar sobre o novo futebol feminino brasileiro. “Flores do Campo: meninas de classe média aderem ao futebol que agora exige beleza além de talento”. A matéria assinada por Maurício Cardoso traz uma foto da Milene Domingues – rainha das embaixadinhas – e uma menor da Seleção Brasileira olímpica desse mesmo ano. Ao afirmar que após a conquista do

quarto lugar em Atlanta uma nova era começou para o futebol feminino, Cardoso salienta que:

[...] há cada vez mais meninas de classe média chutando a bola [...]. No jogo das mulheres, ao contrário do dos homens isso (competência dos jogadores) não é suficiente. Os clubes estão exigindo que além de saber bater sua bolinha as jogadoras sejam bonitas (CARDOSO, 1996, p. 72).

As equipes que se destacam pela beleza – além do talento – ou seja, que seguem o projeto de marketing do Saad, são: o Fluminense, o Grêmio e o Corinthians. A cartilha recomenda que “o grupo de jogadoras obedecerá ao *novo perfil* da modalidade, de atletas jovens e, sempre que possível, atraentes” (CARDOSO, 1996, p. 72, grifo nosso).

Quanto aos estados que já realizam campeonatos estaduais, estão: Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Entretanto, a empresa Sport Promotion, a mesma que patrocinou a Seleção na Olimpíada de Atlanta, estava desenvolvendo um projeto ambicioso em São Paulo.

Programado para acontecer a partir de março do ano que vem (1997), o Campeonato Paulista terá participação dos grandes times de São Paulo, patrocinadores próprios e transmissão pela televisão. Terá vida própria, independente do campeonato masculino. ‘fazemos questão de não disputar partidas nas preliminares dos jogos dos homens’ diz José Francisco Coelho Leal, o Kiko, da Sport Promotion. o campeonato feminino vai ter horários diferenciados e estádios próprios. (CARDOSO, 1996, p. 73).

Além de Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Santos e Portuguesa, os cinco clubes grandes do futebol paulista, três equipes universitárias representarão a USP, o Mackenzie e o São Judas Tadeu. “Nosso interesse é mais acadêmico que competitivo [...] Queremos estudar o modelo técnico da mulher no futebol”, diz o diretor do clube esportivo da USP (CARDOSO, 1996, p. 73).

Embora o foco nesse momento esteja numa provável nova organização em termos de campeonatos, não se desvinculou das prerrogativas anteriores que visa atrelar a beleza física à jogadora de futebol de modo imperativo, no sentido de desmistificar questões a respeito da sexualidade das jogadoras. Apresentando-se em campo de acordo com as prerrogativas culturalmente construídas de gênero, especulações que em anos anteriores pairavam sobre a sexualidade das jogadoras, tenderão a esmorecer.

Além de atrelar a beleza física às jogadoras, essa nova fase objetiva vincular elementos relacionados ao capital econômico e cultural, como demonstração de que para essas novas – e bem-queridas – jogadoras, o futebol não é profissão, e sim, diversão. Nesse sentido, o futebol praticado por mulheres passa a ser “aceito” tendo em vista que se aproxima de uma prática com sinais de distinção, pois as jogadoras em questão não almejam sobreviver desse esporte, o fazem por uma prática esportiva de lazer e de cuidados com o corpo, fato que reafirma a distinção ao se apresentarem nos locais de treino ou jogo em conformidade com as noções naturalizadas de feminilidade, não tão comuns ao espaço do futebol. Dessa maneira, a oposição principal entre os gostos de luxo e os gostos de necessidade se materializa nas diferentes maneiras de afirmar a distinção (BOURDIEU, 2008).

Nas palavras do vice-presidente do Saad e assessor da *Sport Promotion*, “[...] garotas altas, fortes, de classe média estão substituindo as meninas que aprenderam a jogar bola na rua com os irmãos” (PLACAR, setembro de 1996, p. 47). Duda, jogadora do Internacional de Porto Alegre, complementa: “[...] o que não falta hoje é garota bonita jogando futebol”. Como forma de legitimar a fala da jogadora, a revista assegura: “[...] com seus cabelos loiros e um corpo bem torneado, ela é uma boa prova da tese que defende” (PLACAR, setembro de 1996, p. 47).

A revista Placar traça um novo – possível ou esperado – perfil das então novas jogadoras. Juntamente à questão da beleza, apresentam a possibilidade de intercâmbios com universidades dos Estados Unidos e enfatizam a questão econômica.

No começo da década de 80, as pioneiras do futebol eram de origem humilde [...]. Esse perfil vem mudando. Nas escolas de futebol, as patricinhas de classe média aderiam em peso ao esporte e já formam uma fatia significativa entre as praticantes do futebol (PLACAR, setembro de 1996, p. 50).

A mesma forma de vislumbrar essa “nova jogadora” também pairava no Paraná. Como exemplo temos o jornal Diário Popular de 19 de setembro de 1996, que apresenta o título: “artilheira e engenheira”, matéria sobre Lico, jogadora do Coritiba F.C destacando que: “[...] atletas cultas e inteligentes, já consagradas inclusive em atividades profissionais, compõem o quadro de atletas futebolistas, em especial, na nova geração”.

A “nova geração” de jogadoras agora agrega a figura da futebolista além da beleza física, o desempenho intelectual e a situação econômica. O futebol feminino ganha *status* de distinto entre as praticantes que são munidas desses adjetivos e que praticam o futebol nas escolinhas ou em clubes, principalmente por não dependerem financeiramente da modalidade, e sim, pela prática como uma forma de entretenimento ou exercício físico sem anseios profissionais.

A privação feminina dos espaços sociais também pode ser constatada na privação de apoio financeiro para que ocorra permanência dos times. O Campeonato Paranaense de 1997 ilustra essas considerações. O campeonato iniciou-se com apenas sete equipes,

o pequeno número de participantes deve-se principalmente à falta de patrocínio. Clubes de tradição como o Londrina, Campo Mourão, Cianorte (que foi duas vezes campeão), deixaram de participar por falta de recurso. (CORREIA, 1998).

De acordo com informações da FPF que constam no arbitral nº 01/98 (anexo 02) no ano de 1998, houve uma reformulação no calendário e na organização dos campeonatos com a criação do Campeonato Metropolitano.⁵⁷ Nesse campeonato, que veio a agregar o restrito calendário das equipes femininas, disputariam equipes de Curitiba e região metropolitana. Os jogos deveriam acontecer nos domingos entre 13:30 e 15:30 iniciando em abril e com previsão de término em agosto do mesmo ano. Esse campeonato sofreu algumas alterações no regulamento, mas continua acontecendo atualmente no mesmo período e horário.

O Campeonato Paranaense⁵⁸ se inicia na sequência, ou seja, assim que o Campeonato Metropolitano encerrar acontece os jogos correspondentes ao Campeonato Paranaense. Esse campeonato se organiza em duas fases, sendo que a equipe que se classificar em primeiro lugar na primeira fase, terá um ponto extra para a segunda fase.

⁵⁷ Os campeonatos realizados pelo jornal Diário Popular e pela Equipe Leônidas Dias anteriormente à federação assumir sua organização, também se chamavam Metropolitano. Entretanto, nós estamos considerando como Campeonato Metropolitano, o organizado pela FPF a partir do ano de 1998. Data que o mesmo aparece pela primeira vez em um arbitral.

⁵⁸ Para maiores esclarecimentos sobre o Campeonato Paranaense ver regulamento disponível em: <<http://www.federacaopr.com.br/v2011/regulamentos.php?id=5125>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

Encerrando a década em que o futebol feminino se inseriu no cenário de eventos internacionais, temos o Mundial de Futebol Feminino realizado nos Estados Unidos em 1999. Valporto (2006, p. 251) salienta que “[...] dessa vez as brasileiras sentiam-se mais preparadas para enfrentar as adversárias. Formavam uma equipe renovada – algumas veteranas comandavam a maioria de jovens.” O Brasil conquistou o terceiro lugar no pódio. “Com medalhas de bronze no pescoço, as brasileiras sentiam uma nova emoção” (VALPORTO, 2006, p 251).

Retornando ao Brasil a realidade era outra. A revista Placar de agosto de 1999 descreve que os cartolas do futebol avisaram que a missão da seleção feminina era fazer uma boa apresentação e conseguir a vaga para os Jogos Olímpicos, pois, caso contrário não teria muito futuro no país do futebol. A jogadora Kátia argumenta, “[...] nós conseguimos tudo, mas os dirigentes não estão fazendo a parte deles” (PLACAR, agosto de 1999, p. 24). A parte dos dirigentes seria continuar promovendo campeonatos estaduais, principalmente o Paulistana, tendo em vista que das 22 jogadoras que foram para o Mundial, 20 jogam em São Paulo. A reportagem encerra trazendo a tona a noção de persistência – frente ao contexto de dificuldades – que as jogadoras brasileiras despertam, “[...] a única certeza é que quando o Brasil precisar, elas estarão lá”.

3.3 PROFISSIONALIZAÇÃO: UM SONHO DISTANTE? (2000-2010)

Desde o ano de 1996 o futebol feminino passa a ter dois grandes eventos internacionais. A Copa do Mundo de Futebol Feminino e os Jogos Olímpicos. Desse modo, a cada três anos a modalidade atrai a atenção dos meios de comunicação, em menor escala do que o futebol masculino, mas com maior aparição do que o restante dos anos.⁵⁹

⁵⁹ A escassez de informações sobre o futebol feminino nos meios de comunicação foi tema de alguns artigos. Dentre eles, destacamos SOUZA, J. S. S. KNIJNIK, J. D. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 21, n. 1, 2007, p.35-48. E MOURÃO, L.; MOREL, M. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 26, 2005, p. 73-86.

No início dos anos 2000 a falta de um calendário de campeonatos e clubes que não mantém os times o ano inteiro ainda é a realidade do futebol feminino brasileiro. As competições de nível mundial são entendidas pelas próprias jogadoras, e também divulgadas pelos meios de comunicação, como uma possibilidade de mudança no panorama, em que a conquista desses títulos assume o poder de alavancar o futebol feminino, do mesmo modo que a derrota pode provocar um descaso ainda maior.

Assim como nas duas décadas anteriores, a sexualidade e a feminilização das jogadoras aparece como assunto “reincidente”, pois em ano de Jogos Olímpicos essa temática é veiculada de maneira tão relevante quanto a habilidade esportiva. Para ilustrar esses apontamentos, visualizamos na sequência as imagens extraídas da revista Placar de maio de 2000 em uma sessão dedicada aos Jogos Olímpicos de Sydney, que menciona: “As meninas da Seleção lutam por sua feminilidade e comemoram conquistas impensáveis, como uniformes sob medida” (PLACAR, 2000 p. 55). Abaixo de cada foto – como forma de localizar acontecimentos cronologicamente – está escrito: “As garotas fazem coletivo, depois de ouvir as orientações de Zé Duarte; na folga, experimentam batom em loja de cosméticos”. O corpo do texto compara a conquista do uniforme sob medida para as mulheres à conquista do terceiro lugar do Mundial nos Estados Unidos e é considerado um dos símbolos da *nova fase* do futebol feminino.

FIGURA 12 - JOGOS OLÍMPICOS DE SYDNEY



FONTE: Revista Placar de maio de 2000.

Abordando a evolução histórica com relação à superação do preconceito de gênero, a mesma matéria traz o depoimento de jogadoras de diferentes épocas. “Marisa (33 anos) começou a jogar quando o futebol era associado ao

homossexualismo”. Já Dani Alves (16 anos) “é de outra geração, em que o esporte já é praticado normalmente nas aulas de Educação Física”. Com 17 anos, “Renatinha desfila nos cabelos loiros e compridos e nos olhos claros uma outra transição importante na Seleção, em relação às veteranas, está em paz com a feminilidade”.

[...] as novatas, como Renatinha, dão duro no gramado, mas tentam, ainda sem muito método, se manter ‘mocinhas’ dentro e fora dele. ‘Ser mocinha’ não indica a opção sexual das jogadoras. Aponta a disposição de adotar o jeitão dos homens, até agora senhores absolutos dos gramados. A ideia antes era parecer ao máximo com os colegas do sexo oposto, para se sentirem menos invasoras (PLACAR, maio de 2000, p. 57).

Se a “ideia antes era parecer ao máximo com os colegas do sexo oposto” agora o que vemos é o processo inverso. A legitimação do espaço do futebol pelas mulheres se deposita na sua construção corporal enquanto vitrine de suas escolhas e disposições que as aproxime da noção dicotômica construída culturalmente para os gêneros. O fato de “tentar ainda sem muito método, se manter mocinhas dentro e fora dos gramados” reproduz o “enigma” histórico e cultural que existe no nosso país em atrelar o futebol à feminilidade normativa depositado na expectativa e pautado na construção da crença de um *habitus* “feminino universal”. Sem perder de vista que, tanto o corpo físico quanto o “corpo moral” – *hexis* – incorporam disposições políticas para a ação que, por sua vez, se tornam maneiras duráveis de se portar, de falar, de andar, e, dessa maneira, de sentir e de pensar (BOURDIEU, 2009).

A complexa faculdade de administrar elementos essencialistas de gênero construídos social e culturalmente do que é entendido como ser feminina e de ser jogadora de futebol é suscitada no discurso de Priscila, atacante do Palmeiras: “Eu acho que tem que ser mocinha, sim. [...] Não pode ter frescura pra jogar, mas isso ninguém aqui tem. Agora, fora dos gramados, sou mocinha” (PLACAR, maio de 2000, p. 57). Depoimento que remonta à noção de feminilidade no espaço do futebol, promovendo o que Goellner (2003b; 2010) vem a chamar de um espaço de ambiguidades, que fomenta a possibilidade de vislumbrar esse campo, como um campo onde se representam diferentes feminilidades, embora permaneçam ancoradas em uma visão dicotômica de gênero.

A incorporação de elementos entendidos culturalmente como femininos pode promover a diminuição, ou quiçá, a extinção de preconceito de gênero na modalidade. Knijnik (2006) constatou em sua tese de doutorado que o preconceito é a principal fonte de stress no futebol feminino, de modo que as jogadoras com faixa etária entre 16 e 21 anos, ao responder pergunta sobre como elas acham que os outros as enxergam enquanto jogadoras de futebol, 42,31% disseram ter apoio da família. Por outro lado, entre as atletas dos 22 aos 27 anos, 46,67% indicaram o preconceito como visão principal sobre elas. Em detrimento dos resultados, pode afirmar que as esportistas mais jovens mostram uma melhor perspectiva em relação à participação feminina no futebol.

Tais constatações podem ser ilustradas no depoimento da jogadora Nildinha: “Acho que o preconceito não vai acabar nunca. E isso é um saco. [...] está nos pés das novas jogadoras a sorte do futebol feminino. A elas, cabe fazer a transição e ficar nos gramados” (PLACAR, maio de 2000, p. 57).

Assim como a maneira de enfrentar ou vivenciar preconceitos de gênero foram modificados ao longo dos anos, também é interessante perceber a transição entre as jogadoras federadas e de Seleção Brasileira da década anterior – onde a habilidade esportiva superava largamente os atributos físicos de feminilidade – com a “renovação” presente na seleção dos anos 2000. Para essa nova roupagem também as jogadoras federadas e de Seleção deveriam se preocupar em vender a imagem de feminilidade, agora juntamente com as habilidades de jogo.

Nos Jogos Olímpicos de Sydney, a Seleção Brasileira disputou a medalha de bronze contra a Alemanha, perdendo por 2x0 terminando em 4º lugar. A medalha de ouro ficou com a Noruega e a de prata com os Estados Unidos.

As brasileiras voltaram novamente em quarto lugar, mas tiveram a mesma recepção de 1996. O Brasil reconhecia o esforço do futebol feminino – principalmente na comparação com o fiasco do time masculino que, comandado por Vanderlei Luxemburgo, fora eliminado por Camarões nas quartas-de-final, apesar de ter dois homens a mais no campo. A recepção, dessa vez, não reduziu a frustração. A medalha em Sidney seria importante para o futebol feminino que, naquele momento, parecia andar para trás no país. Os times estavam desaparecendo e as competições escasseavam (VALPORTO, 2006, p. 253).

No embalo do Mundial e dos Jogos Olímpicos, os Estados Unidos realizaram em 2001 o primeiro campeonato de futebol profissional, a “salvação” para as

jogadoras da Seleção que não tinham clubes no Brasil e participaram desse evento, são elas: Sissi, Kátia Cilene, Pretinha e Roseli. (PLACAR, 17 de abril de 2001). Também nesse ano, encontramos o primeiro registro da participação do NMFC, nos arbitrais.

Seguindo na esteira dos eventos internacionais, em 2003 os Estados Unidos sediaram novamente o Mundial de Futebol Feminino, pois, a China que era cotada para ser a sede inicial passava por uma epidemia de gripe H1N1, e em detrimento às preocupações o torneio foi transferido para se manter dentro das datas programadas. Nesse torneio, a Alemanha conquistou o título após disputar a final contra a Suécia.

De acordo com dados da FIFA, “A competição, originalmente programada para a China, bateu recordes em todos os sentidos e apresentou jovens promissoras como a brasileira Marta”. Ainda em se tratando da jogadora, foi mencionada como uma das “sete estrelas em ascensão”. A brasileira Marta, com 17 anos, também causou ótima impressão. O excelente domínio de bola e o posicionamento preciso lhe renderam um elogio de Ma Liangxing, técnico Chinês: “O modo como ela joga mostra o futuro do futebol”.

A jogadora Marta também recebeu menções da mídia nacional, “baixinha arretada: a alagoana Marta é a nova estrela da Seleção Brasileira feminina” (PLACAR, outubro de 2003). O texto de uma página conta rapidamente a trajetória da jogadora no futebol.

Além do destaque mundial concedido à Marta, decorrente apresentação, outro fato chamou a atenção da mídia nacional ao abordar o futebol feminino. Trata-se da escalação de última hora da “rainha das embaixadas” e então esposa do jogador Ronaldo, Milene Domingues. A revista Placar de dezembro de 2003 (p. 16) veicula essa escalação com a seguinte provocação: “você já viu falar de um meia-atacante roubar a vaga de um lateral-direito?” Soa estanho, não é? Mas não na Seleção Brasileira Feminina”.

O mesmo fato causou repercussão negativa também entre as jogadoras, conforme descreve Valporto (2006, p. 266):

As jogadoras reclamaram da convocação de Milene Domingues [...] articulada pela direção da CBF para dar visibilidade ao time. A estratégia funcionou em parte: a seleção feminina ganhou mais espaço nos meios de

comunicação. Entretanto, a própria Milene abriu nova crise na seleção ao servir como porta-voz de parte do grupo, que criticava os métodos do treinador Paulo Gonçalves.

No ano seguinte (2004), mais um recorde para as esportistas brasileiras, a Vila Olímpica de Atenas reunia a maior concentração de mulheres da história dos Jogos Olímpicos (VALPORTO, 2006). Atenas foi o palco de uma das melhores atuações da Seleção Brasileira, a medalha de prata e o reconhecimento mundial. A mídia nacional veiculou maior número de informações a respeito das “meninas da seleção”. De acordo com Martins e Moraes (2007) que avaliaram a exposição do futebol feminino na mídia impressa em dois jornais de grande circulação nacional durante três meses, houve um aumento de 2.000% no número de inserções na medida em que transcorriam os Jogos Olímpicos.

Tais fatos reportam por sua vez, a análise de Mourão e Morel (2005) sobre o “efeito sanfona” na história do futebol feminino, pois quando a Seleção Brasileira está disputando uma competição de nível internacional o número informações veiculadas pelos meios de comunicação aumenta, favorecendo então o registro dessas informações que vem fazer parte da história da modalidade. Em contrapartida, a quantidade de informações a respeito do futebol feminino esmorece ao término das partidas oficiais, causando esquecimento da modalidade.

Mesmo com os sucessos recentes conquistados pela Seleção, a dura realidade das jogadoras não modifica. “Jogar futebol no Brasil não é fácil. Não tem salário, tem ajuda de custo” diz Grazielle Nascimento, 26 anos, que joga no Botucatu – SP; “[...] experiência eu tenho. Só não tenho dinheiro” fala Renata Diniz que há 4 anos já faz parte do elenco da Seleção (PLACAR, junho de 2007). Em outro relato da falta de oportunidade e incentivo em solo brasileiro, a jogadora Cristiane anuncia que está indo para a Europa jogar futebol, salientando que a modalidade aqui “[...] engatinha e ainda falta muito para a gente ser reconhecida” (PLACAR, janeiro de 2008, p. 22).

Tendo em vista o reconhecimento midiático – e não financeiro – o futebol feminino brasileiro recebeu destaque na mídia local e mundial em decorrência de um talento individual, Marta. Eleita a jogadora do ano da FIFA de 2006 e Chuteira e Bola de Ouro Adidas no ano de 2007 pelo seu excelente desempenho no Mundial de

Futebol Feminino de 2007, Marta foi premiada como melhor jogadora do ano FIFA por mais 4 vezes consecutivas.

Atualmente Marta é um símbolo do futebol feminino. Além de possuir um pequeno memorial no Estádio Rei Pelé em Alagoas, seu estado natal, o seu nome também assume um papel político ao mediar com chefes de governo pedidos de investimento e atenção ao futebol feminino,⁶⁰ tal como podemos visualizar na imagem a seguir, na qual Marta oferece à presidente Dilma – primeira mulher presidente no Brasil – uma camisa do Santos Futebol Clube, equipe que defendeu durante suas “férias” no Brasil:

FIGURA 13 - MARTA E DILMA



FONTE: Portal G1: Política (20/07/11)

De acordo com informações do site da FIFA, um dos pontos altos da Copa do Mundo Feminina de 2007 foi o poder ofensivo de uma Seleção Brasileira liderada pela atacante Marta. Embora a falta de experiência talvez tenha custado o título mundial ao Brasil, o empolgante futebol apresentado pela Seleção mereceu aplausos de torcedores e especialistas.

⁶⁰ Marta teve um encontro com a presidente Dilma, o ministro do Esporte, Orlando Silva, e o presidente do Santos, Luís Álvaro de Oliveira, no dia 24 de janeiro de 2011 no Palácio do Planalto. A presidente prometeu maior atenção ao futebol feminino. Para maiores informações: PASSARINHO, Nathalia. Dilma recebe Marta e promete maior 'atenção' ao futebol feminino. G1. 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2011/01/dilma-recebe-marta-e-promete-maior-atencao-ao-futebol-feminino.html>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

Em termos nacionais, somente em 2007 um novo campeonato veio a agregar o calendário das futebolistas campeãs do Campeonato Paranaense, a Copa do Brasil.

O evento organizado e patrocinado pela CBF reunirá os principais times da categoria no país – com 31 participantes de cinco regiões. A competição seguirá o modelo mata-mata da versão masculina, ou seja, em duas partidas eliminatórias (uma em casa e outra como visitante), a equipe de pior desempenho cai fora do torneio (GAZETA DO POVO, 21 de outubro de 2007, p. 6).

“Sacolinha amiga põe Paraná no mapa” intitula a reportagem da sessão de esportes do jornal Gazeta do Povo de 21 de outubro de 2007, na qual, o presidente – da equipe de São José dos Pinhais – time que vai representar o Paraná na Copa do Brasil relata que, “arrecadou” jogadoras de equipes de Curitiba para melhorar seu quadro e poder competir de maneira “mais” igual com as demais equipes. “[...] Tudo na base da camaradagem, sem envolver dinheiro – artigo de luxo na dura realidade da modalidade” (VICELLI, 2007, p. 6).

Nuances que refletem a falta de incentivo e de condições financeiras para a manutenção das equipes demonstram a situação comum ao futebol feminino brasileiro que acaba “perdendo” suas jogadoras para países da Europa ou dos Estados Unidos, ou encontrando maneiras alternativas para apresentar-se da melhor forma em campeonatos nacionais.

Retomando ao cenário internacional por meio das informações veiculadas pela revista Placar, reparamos um nuance de cobrança de resultado à Seleção, em especial à jogadora Marta: “está na hora da seleção feminina liderada por Marta chegar ao topo” (PLACAR de dezembro de 2007). O topo que a revista se refere é o *podium* nos Jogos Olímpicos de Pequim. Contudo, Freitas (2008) relata que mesmo melhor em grande parte da decisão contra os Estados Unidos, a seleção feminina de futebol não soube traduzir em gols a imensa superioridade técnica na partida. Com o mesmo desfecho dos Jogos Olímpicos de Atenas há quatro anos, o Brasil perde na final por 1x0 na prorrogação. “Do ouro, apenas a sensação doída de ter chegado mais uma vez muito perto” (FREITAS, 2008).

No ano de 2010 o panorama do futebol feminino paranaense sofreu uma alteração que se justifica pelo fato da FPF não conhecer o número de equipes

participantes, dificultando a realização de um planejamento anual. Tendo em vista essa dificuldade, no ano de 2010 (e 2011) o Campeonato Metropolitano passou a se chamar Campeonato Metropolitano de Futebol Feminino Aberto. Com o intuito de atrair mais equipes, essa nova “roupagem” do campeonato permite a participação de equipes que não sejam federadas, mesmo que seja a federação a responsável pela organização do mesmo.

A década que abrange os anos 2000 até 2010 é marcada por eventos esportivos de cunho internacional que retratam a situação do futebol feminino no Brasil; o pouco investimento e o anseio por resultado. Contudo, sem o investimento local a aspiração do ouro a nível nacional, ou mesmo a profissionalização do futebol feminino, tem se tornado uma realidade distante.

O modo singular como a feminilidade foi atrelada ao futebol nas duas décadas anteriores (formando equipes que visassem somente a espetacularização do corpo feminino e descartando as habilidades esportivas) sofre significativa mudança nessa década. Como já apresentamos anteriormente, nesse momento histórico as características que remetem ao cuidado com o corpo ou a exaltação de atributos que remetam a feminilidade enquanto construção social são apresentadas pelas próprias jogadoras federadas e de Seleção Brasileira como uma regra incorporada e não institucionalizada. Ou seja, os dirigentes pedem para que as atletas deixem seus cabelos compridos, apresentem-se bem cuidadas e na medida do possível, que se apresentem aos jogos “feminilizadas”. As próprias jogadoras entenderam e são cúmplices da lógica midiática de veicularem informações que atrelem o cuidado corporal no sentido da dicotomia gênero ao futebol.

Outra tentativa de aproximação entre futebol e feminilidade da mulher brasileira pode ser visualizada no calendário e no desfile de biquínis em comemoração ao centenário do Santos F.C. lançado em abril de 2011. Onde, as próprias jogadoras, também conhecidas como “sereias da vila” ilustram as páginas do calendário e desfilam a coleção de moda praia do clube.

4 O FUTEBOL FEMININO NO NOVO MUNDO FUTEBOL CLUBE

Nesse capítulo vamos explorar o material empírico produzido a partir de entrevistas com o presidente, o diretor esportivo e uma ex jogadora no MNFC, bem como, com observações e entrevistas realizadas com quatro jogadoras deste clube. Para tanto, o mesmo se desenha abordando inicialmente aspectos históricos do clube construídos a partir de três entrevistas, e, na sequência, os primeiros contatos estabelecidos com a equipe do NMFC ainda no ano de 2010. A seguir, apresentamos as informações coletadas nas entrevistas com as jogadoras, essas informações estão organizadas em três subcapítulos, intitulados: a formação do *habitus* futebolístico; estratégias de reprodução de um *habitus* feminino em um espaço de dominação masculina; e guerreiras de chuteiras na luta pelo reconhecimento.

Com base nos relatos das jogadoras de como foi o início de suas carreiras no futebol, o apoio familiar, as dificuldades, dentre outras informações conjuntamente com os subsídios teóricos, identificamos a formação do *habitus* futebolístico gerado ainda na infância. No item seguinte, tratamos do espaço do futebol como reprodutor de masculinidades, ou de disposições para a ação que estejam em conformidade com o gênero masculino. Frente a esse panorama, trazemos à tona estratégias apresentadas pelas entrevistadas para manter o *habitus* feminino nesse espaço de reprodução e dominação masculina. Finalizando o capítulo, apresentamos questões que na opinião das jogadoras, são obstáculos para que a modalidade se desenvolva no Brasil. Salientamos que todos os tópicos recuperam dados empíricos e elementos teóricos e históricos, que já foram apresentados nos capítulos anteriores.

4.1 O NOVO MUNDO FUTEBOL CLUBE⁶¹

Um fato comum em se tratar do futebol feminino no Estado do Paraná é a existência de pessoas – e não clubes – que são “donas” de equipes. Ou seja, essa equipe pode representar em um ano um clube e no outro ano, um clube diferente. Em função disso, o diretor responsável pelo futebol feminino na FPF alega a impossibilidade de computar quantas são as jogadoras federadas no Paraná, pois, em cada campeonato que a jogadora for participar, recebe uma carteirinha com validade de um ano, e desse modo, a cada oportunidade que houve troca de clubes independente do prazo de validade da carteirinha, uma nova credencial é gerada pelo sistema, chamado de Boletim Informativo Diário (B.I.D.).

Dentre as equipes que mantém uma estrutura “semi” profissional está o NMFC, haja vista que, apresenta estrutura física para o treinamento e jogos, como também em termos de gestão administrativa, tem um diretor responsável especificamente pelo futebol feminino.

De acordo com informações do atual presidente do NMFC, C.R.M., a equipe feminina de futebol começou suas atividades entre o ano de 1999 e 2000. Segundo ele:

O presidente na época se chamava José Pedroso, popular ‘barriga’ e o meu irmão cuidava de um grupo que gostava de futebol feminino, mas não tinham local para jogar e nem disputavam campeonatos oficiais. Então, procuraram o presidente e ele concordou em acolher o futebol feminino no NMFC

O “irmão” de C.R.M., C.L.C. descreve que estava trabalhando com o time júnior quando um técnico de futebol, I.M, bastante conhecido no meio futebolístico pediu para trabalhar no NMFC com a equipe júnior. Mas, como já havia sido contratado outro técnico, I.M. sugeriu que ficasse de auxiliar. O atual diretor do futebol feminino do NMFC aceitou e nos conta:

[...] até então eu não sabia da existência do futebol feminino, daí passou uns dias, e o I.M. me falou que tinha um time de futebol

⁶¹ O presente sub-capítulo vai tratar somente da equipe feminina adulta do NMFC, deixando de fora as equipes masculina adulta, juniores masculino e sub-17 feminino.

feminino que treinava no Ypiranga e que não tinha onde treinar e pediu se podia vim jogar aqui, eu disse pode. Então fizeram um amistoso entre o time do Ypiranga, mas com as camisas do NMFC contra um time da Fazenda Rio Grande, o Novo Mundo venceu por 17x0.

Nesse início, poucos diretores prestigiaram o time feminino. C.L.C. relembra que “de diretores viemos só três pra ver o jogo”. Nos próximos domingos, outros jogos foram sendo realizados.

Durante a semana os outros diretores perguntavam, como tinha sido o jogo das gurias no domingo. Sabem jogar bola? Eu disse: sabem. Jogo é bom? É bom! E nos outros dias foram vindo assistir, e começaram a gostar e assim foi indo (C.L.C., 2011).

O primeiro time do NMFC era formado em média por 25 mulheres jovens que não trabalhavam fora de casa. No início eram as jogadoras que buscavam o clube para treinar. Hoje a procura diminuiu e é o clube que busca jogadoras mais qualificadas para disputar os campeonatos. C.L.C. relembra que no início “[...] ninguém recebia nada, o treinador vinha porque gostava. Treinavam no sábado pra jogar no domingo, hoje elas querem ganhar para jogar”. Algumas jogadoras recebiam auxílio como vales-transporte que eram pagos com recursos dos próprios diretores do NMFC. Entretanto, C.L.C. destaca que “[...] quando iam disputar campeonatos em outras cidades, a gente procurava patrocínio, o que não era fácil de conseguir, quando conseguia.”

No ano de 2001 o NMFC participou da primeira competição oficial, o Campeonato Metropolitano. A equipe venceu não só essa edição como todas as outras seguintes que participaram, ou seja, até o atual ano (2011) o NMFC é campeão absoluto desse campeonato, totalizando 11 títulos (as reportagens coletadas do Jornal Tribuna do Paraná que abordam as vitórias do NMFC no Campeonato Metropolitano estão em anexo).

Além dos títulos metropolitanos, o NMFC conquistou 5 títulos paranaenses e participou de competições Sul-Brasileiras (a qual foi duas vezes vice campeã e uma campeã) e nacionais como a Copa do Brasil, entre outras de menor nível técnico. Como prêmio, as equipes amadoras, tanto femininas quanto masculinas ganham somente troféus e o *status* de campeão.

C.R.M. nos conta que “hoje, o futebol feminino é a principal preocupação da diretoria do NMFC”. Menciona também que existem as equipes do adulto masculino, juniores masculino e também o sub-17 feminino. E segue dizendo, “o grande interesse da diretoria e do clube em termos de crescimento e mídia, envolve o futebol feminino”.

Embora o clube tenha sido fundado com raízes no futebol masculino e o campeonato masculino seja obrigatório pela FPF, desde meados de 2000 o “carro chefe” é o futebol feminino. Sobre isso o presidente alega que “[...] a diretoria fica dividida, entre os que apóiam o futebol feminino e os que apóiam o masculino”. E segue dizendo: “como presidente tenho que atender os dois”, entretanto nos relata que “em um jogo masculino vai no máximo uns 4 diretores, e somos em 43. Se for do feminino todos vão”.

A dedicação ao futebol feminino se deve – na visão do presidente – ao comprometimento das atletas:

[...] eles [os diretores] acham que é mais fácil de trabalhar com as mulheres, porque elas são mais dedicadas, são mais competentes, com relação ao trabalho do futebol. Porque você marca treino e elas estão todas ali, no dia do jogo não precisa estar preocupado porque elas dão um jeitinho e estão no campo. Com o masculino é diferente, tem que estar correndo atrás, o cara fala que vai e não vai, deixam você na mão. Além do que, querem ganhar um pouco mais que as mulheres e o campeonato deles não dá mídia que dá o feminino. E o clube só cresceu em patrimônio e forma de mídia por causa do feminino, então tem que valorizar.

Ficam evidentes no discurso acima elementos que atrelam as mulheres à características de docilidade e submissão (anteriormente mencionadas tanto pelo sociólogo francês, Pierre Bourdieu, quanto pela pesquisadora da temática do esporte feminino, Silvana Goellner), bem como, que comparam as ações e reações enfrentadas com a equipe feminina e a equipe masculina.

Um exemplo disso é o patrocínio atual do clube (a empresa de rolamentos automotivos, industriais e agrícolas, a GIRHO'S⁶²) que é exclusivo para o futebol feminino, pois “atrai mais mídia e traz mais títulos” disse C.R.M. De acordo com C.L.C. o patrocínio foi sendo angariado aos poucos. Ele informa que “[...] eu pedia

⁶² O patrocínio para o futebol feminino aparece na página inicial da empresa, juntamente à outros esportes patrocinados. Para maiores detalhes, ver: <http://www.girhos.com.br/brasil/futebol.php>. Acesso em:

de um jogo de camisas e em troca levava o jornal ou alguma foto que tivesse saído na mídia para mostrar que a marca tinha aparecido”. Para chegar ao patrocínio que o NMFC tem hoje, foram em torno de cinco anos de “negociações”.

Desse modo, C.R.M. observa que “foi em função do crescimento do futebol feminino que houve o crescimento até do patrimônio do NMFC”, e diz que as modificações estruturais são perceptíveis, pois:

[...] não tinha alambrado, não tinha vestiário descente, não tinha cabine para a imprensa, era vergonhoso de chegar lá, tinha lixo, portões caídos [...] hoje temos uma das melhores estruturas dos clubes da ‘suburbana’, o Novo Mundo pensa em iluminar e ampliar a área do campo, por causa da Copa do Brasil que exige sede própria estruturada, em termos de vestiários separados, banheiros, arquibancadas seguras e adequadas, e exige também que o campo seja iluminado, e nós já estamos providenciando a iluminação.

O diretor do futebol feminino da FPF nos informou que por diversos motivos (não declarados) no ano de 2009 não aconteceu o Campeonato Paranaense. Como a agenda de competições é escassa e ainda mais com a ausência desse campeonato, somado à dificuldade de patrocínio para manter as jogadoras e a estrutura, a direção do NMFC pensou em cessar suas atividades para o ano de 2010.

Essa decisão teve repercussão no jornal Tribuna do Paraná de 20 de agosto de 2010 na página 20, onde o jornalista Jorge Luiz da Silva anuncia: “Novo Mundo fecha as portas”, como podemos observar na imagem a seguir:

FIGURA 14 - NOVO MUNDO



FONTE: Jornal A Tribuna do Paraná

Em entrevista que nos foi concedida, C.R.M. “explica” o possível abandono ao futebol feminino:

Ficamos aborrecidos com algumas situações que houveram com a federação, alguns times aventureiros aí, mas isso aí passou, a gente tinha até pensado em parar mas o pessoal não concordou. Houve um patrocínio, algum trabalho e a gente voltou e voltou com aquela a mesma disposição de sempre de tocar o futebol feminino perdemos algumas atletas, buscamos outras.

O patrocínio ao qual o presidente se refere é da empresa GIRHO'S que já contribuía com a equipe, mas não de forma sistemática e mensal. Contudo, a partir do ano de 2010 até dezembro de 2011 um contrato foi assinado e a empresa se comprometeu a enviar ao clube uma quantia mensal em dinheiro, que é utilizado para pagar o salário das jogadoras, conservar e melhorar a estrutura do clube, bem como, para arcar com despesas de viagens para jogos e dos campeonatos. É importante ressaltar que foi o clube que buscou ajuda financeira e não a empresa que se antecipou nesse sentido, pois a procura por patrocínio é constante na realidade nos clubes. Frente a essa situação C.R.M. relata que “[...] a FPF não apresentou, até então, patrocinadores para os campeonatos femininos”.

Passado impulso de desistir do futebol feminino, a presidência acredita e trabalha para que a cada ano a equipe esteja mais bem preparada tanto tecnicamente quanto em estrutura para que a participação na Copa do Brasil seja mais uma vez realidade, assim como foi em 2009, ano em que o NMFC teve grande visibilidade das mídias de modo geral e foi “vitrine” das jogadoras que depois disso foram convocadas para defenderem a Seleção Brasileira. Como mostra o depoimento de T.M.A. para Ribeiro (2011): “Naquela partida, o Kleiton [Lima, técnico do Santos e da seleção feminina] me viu jogando e depois passei a ser convocada”, conta a atleta.

Também foi graças ao jogo do NMFC contra o Santos F.C. no estádio Couto Pereira em Curitiba - PR, pela Copa do Brasil com público aproximado de 10 mil pessoas, que a GIHRO'S, vislumbrando o alcance midiático do evento, decidiu patrocinar a equipe de modo mais incisivo.

C.L.C. nos conta que desde o primeiro campeonato houve a preocupação em ter um uniforme específico para a equipe feminina, embora com o mesmo corte do masculino, mas, no ano de 2009, o uniforme do NMFC assumia outras proporções. Ao invés de camisas grandes do “jogo de camisas masculino”, camisas mais ajustadas e calções menores que favoreciam a mobilidade em campo e também deixavam as atletas mais femininas. C.R.M. nos conta que as próprias jogadoras tomaram iniciativa de reivindicar o novo uniforme, bem como, escolheram as cores e o modelo. Os agasalhos usados antes dos jogos e dos treinos são da cor branca e com detalhes em vermelho, ao contrário do usado pelos homens. Segundo C.R.M. “as mulheres são mais caprichosas e *tem obrigação* de manter o agasalho limpo”.

Mais uma vez o discurso do presidente deixa transparecer fundamentos ocultos de dominação masculina baseados em princípios antagônicos da identidade masculina/feminina se inscrevem sob a forma de se servir do corpo, ou de manter a postura (BOURDIEU, 2007b). Ao mesmo tempo em que o presidente dedica seu tempo para o clube, e dessa forma incentiva a prática do futebol feminino esporte que traz nuances históricas de representações de masculinidade, demonstra a visão de que as mulheres devem seguir sua “função de mulher⁶³” ao dizer que as

⁶³ Como “funções de mulher” estamos entendendo as funções relacionadas ao cuidado com os afazeres da casa, da família, o asseio e cuidados com as vestimentas de modo explícito e facilmente identificado frente aos demais.

jogadoras “tem a obrigação de manter o agasalho limpo”. Ao observarmos essa incoerência no discurso acima proferido, trazemos a tona novamente a noção de violência simbólica, que não é evidente, e sim camuflada, a tal ponto que muitas vezes os que a sofrem – as próprias jogadoras – não a percebem de forma evidente (BOURDIEU, 1997).

Outra reflexão que nos cabe frente a essa situação aqui instaurada, é o fato de que mesmo investindo em um esporte que não tem tradição em ser feminino, o presidente clama por ações que estejam dentro de uma normatividade feminina, deixando transparecer – mesmo sem ter consciência – que a gestão desse clube tem raízes nos fundamentos ocultos de dominação masculina.

Em 2009 foi fundada a categoria de base do futebol feminino no NMFC, iniciativa pouco comum com relação as equipes femininas de futebol. Tal iniciativa foi matéria do jornal Tribuna do Paraná, como mostra a imagem na sequência:

FIGURA 15 - NOVO MUNDO FAZ SELETIVA



FONTE: Jornal A Tribuna do Paraná

G.R.N., ex-jogadora do NMFC e que atualmente atua voluntariamente em diferentes frentes relacionadas ao futebol feminino no clube nos informa que,

[...] o Novo Mundo é um clube que conseguiu há dois anos (2009 e 2010) fazer uma categoria de base que deu muito resultado. Infelizmente hoje não tem a categoria de base por falta de condições financeiras, por não existir um calendário pras categorias de base [...] tem uma no ano e olha lá, o número de equipes pra essa categoria é mais difícil ainda, uma competição dá dois ou três times.

G.R.N. descreve como surgiu e se desenvolveu essa iniciativa:

Em 2009 nós estreamos a categoria de base, fizemos uma coletiva onde participamos eu a T.M.A. e a F.V.. De 100 meninas que participaram tiramos 30 pra fazer a categoria de base sub-17, mas tinham muitas meninas de 15 a 20 anos que queriam, e nós não tínhamos como abraçar todo mundo, então resolvemos abrir a escolinha, que durou um ano, eu tive que sair por motivo de trabalho, a F.V. e a T.M.A. também. Se você analisar, hoje a categoria de base do Novo Mundo é o time do Colombo. [...] a escolinha motivava a menina a ir pro sub-17, o sub17 pro sub-20 e o sub-20 motivava pra ir pro adulto, e todo mundo queria jogar no time adulto

Quanto à metodologia de trabalho, G.R.N. expõe que havia sequência e linearidade, sempre no sentido de preparar essas meninas mais jovens para a equipe adulta, ou nas palavras dela “[...] a gente tinha uma metodologia de trabalho que a gente fazia desde a escolinha até o alto nível, até o adulto. Tudo que a gente trabalhava era dando uma sequência de trabalho pra menina chegar preparada no adulto”. A ex-jogadora e também participante desse projeto finaliza essa abordagem trazendo à tona a realidade da escassez financeira que vive a modalidade:

[...] por falta de condições financeiras a gente teve que parar, por que não dá pra sobreviver do esporte e a gente precisa ter outros trabalhos. Para fazer uma coisa organizada e planejada a gente precisa de tempo.

Seguindo nessa esteira de análise da falta de incentivo financeiro para o desenvolvimento do futebol feminino no NMFC, e também na grande maioria dos times, G.R.N. relata a motivação que a fez e faz continuar engajada na modalidade, mesmo após encerrar sua carreira de jogadora:

Hoje eu sou voluntária na parte do esporte por amor as meninas mesmo, por amor ao esporte, por amor a educação física, por ser educadora. A gente faz isso pra ver a alegria de uma menina, a gente tem experiência de várias meninas que começaram comigo com 14 anos de idade e puderam chegar até uma Seleção Brasileira, então de ver a alegria delas e de poder estar ajudando, isso me faz não desistir, mas várias vezes já tive vontade de jogar a toalha.

O trabalho desenvolvido na escolinha e nas categorias de base era um diferencial importante para o NMFC, inicialmente por proporcionar as jovens jogadoras um local adequado e organizado de treinos, e como consequência, teria “na sua própria casa” o desenvolvimento de atletas que viriam a endossar a equipe principal, diminuindo a busca por atletas de fora durante fases de campeonatos.

Outro fator interessante que podemos constatar é a quantidade de meninas que procuraram essa oportunidade de aperfeiçoamento na modalidade, fator que vem a corroborar com a tese de Knijnik (2006) de que as meninas mais jovens demonstram melhor perspectiva com relação a prática do futebol feminino, como já mencionamos anteriormente.

Mesmo com a realidade da falta de incentivo, entendemos que a equipe feminina do NMFC pelos títulos conquistados, pela história, pela estrutura física, construiu certa tradição no meio futebolístico local, especialmente por fazer boas atuações em campeonatos de nível nacional, fato que possibilitou o reconhecimento em diferentes Estados como, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Contudo, C.R.M. admite que “se a equipe do NMFC tivesse uma condição mais profissional de preparo físico e trabalho grande estaria no mesmo nível do Santos, ou até melhor. Mas com o tempo vamos melhorando”.

O presidente segue dizendo que “[...] a meta para esse ano [2011] é disputar o Campeonato Paranaense e a Copa do Brasil”. Para o Paranaense foram contratadas três atletas de São Paulo, uma da França e uma brasileira que jogava na França. Essas novas contratações temporárias só foram possíveis com a busca de novos patrocínios, também temporários.

Algo que acontece com frequência no futebol feminino é o investimento em contratações pré-campeonatos, como já foi mencionado anteriormente nas reportagens da revista Placar. Nesse caso podemos dizer que existe um time base que é reforçado nessas “épocas especiais”.

Ao abordar a dificuldade que é montar e manter uma equipe, bem como trabalhar com seriedade e comprometimento, C.R.M. aponta “tem gente que acha que às vezes monta uma equipe feminina partindo da areia e da pelada e participa de campeonatos, mas não consegue levar até o fim”.

Remetendo-se a um fato ocorrido em uma partida do campeonato Metropolitano de 2010 onde as jogadoras forjavam quedas (o famoso cai-cai na gíria do futebol) a fim de provar impossibilidade de continuar a partida a qual perdiam, o presidente diz: “[...] isso não é bom pro *[sic]* futebol feminino, eu acho que a equipe que vai disputar um campeonato os dirigentes tem que ter responsabilidade, o jogo tem que terminar, não importa qual seja o resultado”. Ele encerra o caso deixando claro sua posição: “[...] o Novo Mundo não aceita esse tipo de situação, tanto que

nós denunciarmos esse acontecimento para a FPF. Quem quer participar de campeonatos federados tem que ter competência e comprometimento”.

Tal relato que demonstra a diferença técnica entre as equipes que disputam o Campeonato Metropolitano e o Paranaense ou a Copa do Brasil. O NMFC é campeão de todas as edições do Metropolitano que participou, embora, atualmente para jogar o Paranaense e posteriormente a Copa do Brasil necessite reforçar a equipe com jogadoras de diferentes estados ou clubes. *Grosso modo*, para Curitiba e região a equipe é destaque, mas para outros campeonatos a realidade se difere.

Fortalecendo esse argumento, temos a escassez de equipes de futebol feminino na capital paranaense, C.R.M. relata que “[...] muitas surgem em um ano, participam do campeonato Metropolitano e no ano seguinte já não existem mais”. Outras mais antigas se extinguíram ou deixaram de participar decorrentes da falta de apoio financeiro, como a equipe do Jaborá e do São José. No Metropolitano de 2011, destacamos a presença da equipe do Colombo, que em fusão com a equipe do Foz fez uma boa campanha e a equipe do Vila Fanny, que já existia mesmo antes do NMFC no futebol feminino e que retomou as atividades no ano de 2010. Essa “não” continuidade das equipes se reflete nos resultados finais das partidas, com placares altamente discrepantes⁶⁴.

Frente à realidade dos clubes amadores de Curitiba e como forma de sugestão – ou de cobrança – a FPF C.R.M. se manifesta da seguinte forma:

Se a federação chamasse os clubes, trabalhasse mais em cima dos clubes, se talvez obrigasse a montar o departamento feminino. Se eles (a federação) quiserem eles obrigam e o clube vai montar e vai aparecer jogadoras, vai aparecer um campeonato mais competitivo e organizado.

Frente a esse contexto G.R.N enfatiza que, “[...] o futebol feminino brasileiro não é uma coisa totalmente organizada para ser de fato reconhecido como futebol feminino”. Ao abordar a realidade da modalidade no nosso país ela ressalta:

[...] a importância que tem a categoria de base dentro dos clubes, a importância de a CBF conversar com os clubes e as federações dos estados e organizar, exigindo que cada clube nos estados e federações tenha uma competição que envolva os clubes profissionais masculinos,

⁶⁴ Os placares de todos os jogos do Campeonato Metropolitano Feminino Adulto estão disponíveis em: <<http://www.federacaopr.com.br/v2011/tabela.php?ct=158&cc=1>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

assim como existe hoje o juniores, juvenil, infantil, deveria ser uma exigência da CBF.

O mesmo discurso é proferido pelas atletas, quando sugerem que cada time grande deveria ser obrigado pela CBF a ter um time feminino, que além de viabilizar novas equipes e, por conseguinte, ampliar os campeonatos, poderia articular espaço midiático. Pelos depoimentos, vemos que a realidade de divulgação do futebol feminino paranaense nos meios de comunicação de massa, como a televisão, é escassa, como relata C.R.M.,

A gente tinha sempre a cobertura do canal 9, TV Educativa que é do Estado. E eles sempre estavam cobrindo, transmitindo as finais pelo menos. A federação deu uma “travada” no canal 9, querendo cobrar um preço altíssimo para transmitir. O que aconteceu? A televisão parou de cobrir.

Um fator interessante ao se tratar de veiculação midiática e por consequência, patrocínios, seria sua relação com a noção tradicional de feminilidade. Muitas vezes elementos que remetem a questões esteticamente femininas são mais consideradas que o próprio futebol. Como reforça o discurso do próprio presidente do NMFC ao abordar a imagem das jogadoras “[...] eu acho que tem que tá com o cabelo bem arrumadinho, um batonzinho, unha pintadinha, dá outra imagem pra ela e pro *[sic]* clube”.

Seguindo nessa esteira, C.R.M assume que se preocupa com a imagem que as atletas estão transmitindo em campo,

[...] eu sempre digo para elas que vocês são mulheres, tanto que o vestiário que elas usam tá reformado tem todas as condições pra que elas tenham um espaço adequado pra elas tomar seu banho, pra não misturar com o treinador.

Com relação ao estigma da homossexualidade no futebol, “a atleta está numa equipe feminina, logo, deve se portar como uma mulher. A opção sexual é dela, nós (a diretoria e o clube) não interferimos em nada e não existe preconceito” O presidente deixa bem claro que o que deve existir entre todas as atletas, diretores e treinadores é o respeito. G.R.N. relata que “se você entrar no vestiário antes de um jogo vai ver menina se maquiando” e prossegue dizendo, “é importante cuidar da parte visual, tem que ser assim”.

Após esse breve apanhado sobre a trajetória da equipe do NMFC, nos cabe refletir sobre a seguinte colocação de G.R.N.:

Quando a equipe vai melhorando, vai melhorando a parte estrutural, mas tem muita coisa pra se melhorar em todos os aspectos, porque até a pessoa sair do amadorismo e entrar num planejamento de profissionalismo, tem que mudar a cabeça das pessoas primeiramente. [...] não se pode fazer uma equipe de alto rendimento para representar o estado do Paraná ou até mesmo do Brasil, com mentalidade de amadorismo.

Tal relato exalta a realidade na hierarquia das comissões ou federações que orientam e organizam o futebol feminino brasileiro. Em se tratando do futebol feminino, não existem mulheres assumindo cargos relevantes nas federações e poucas assumem o comando dos times. Ao invés disso, a maioria dos técnicos, preparadores físicos, auxiliares são homens, assim como são do sexo masculino a maior parte de gestores esportivos, ou como no caso do NMFC, onde não existe nenhuma mulher que faça parte da diretoria.

Essa escassa participação feminina em cargos administrativos, ou até políticos relacionados ao esporte, se apresenta como um resquício de quando as mulheres eram proibidas de participarem da vida pública e dedicavam-se a feitos menos importantes socialmente, como cuidar dos afazeres domésticos. Essa mesma engrenagem pode ser aplicada à realidade do futebol feminino brasileiro, pois os homens ocupam locais de destaque nas federações e coordenações das equipes femininas, contudo, os investimentos e melhorias para essa categoria – historicamente envolvida com afazeres menos importantes – são rasos. Outro fator histórico que precisamos considerar ao refletir a cerca dessa ausência feminina na hierarquia esportiva brasileira, é que o esporte – em especial o futebol –, como bem mostrou Dunning e Maguire (1997) é um reduto masculino, praticado e organizado pelos agentes dominantes nesse subcampo.

Embora os homens estejam movimentando o futebol feminino por assumirem cargos que lhes possibilitam tal feito, o que transparece dessa gestão é que a estrutura, ou a engrenagem que move o futebol feminino, será “eternamente” amadora, e ironicamente nos faz pensar que o que os dirigentes esportivos ofertam ao público feminino em termos de competições e incentivo à prática é suficiente,

tendo em vista que estamos falando de um futebol praticado por mulheres, no “país do futebol” dos homens.

4.2 “VEIO PRA JOGAR?” NOTAS SOBRE O PRIMEIRO CONTATO COM A EQUIPE

Os trâmites iniciais em busca de algum contato que pudessem nos levar até as jogadoras, ou presidente ou algum membro da diretoria, começaram efetivamente no final de maio de 2010. O primeiro contato (que de fato se efetivou) se deu através de uma acadêmica de Educação Física da UFPR que prontamente forneceu o telefone de uma ex jogadora da equipe que continuava atuando no futebol feminino com outras funções, G.R.N.⁶⁵.

O contato com G.R.N. foi efetuado por telefone no início de junho do mesmo ano, no qual, ela me informou que os treinamentos aconteciam nos sábados pela manhã entre 10:30 até meio dia e durante a noite nas quartas-feiras⁶⁶, e que eu poderia assistir aos treinamentos sem impedimentos, mas sugeriu que eu ligasse para ela antes de ir até o local, pois se estivesse chovendo não haveria treino. Desse modo, no sábado pela manhã, antes de ir, liguei para G.R.N. que sugeriu que eu não fosse, tendo em vista que o clima estava incerto, e eu “corria o risco” de chegar lá e não ter ninguém.

Na outra semana, mesmo sem ligar, fui sozinha até o campo do NMFC. Ao chegar observei que estava acontecendo um jogo masculino e que o treino feminino ainda não havia começado (ou talvez já terminado) tendo em vista que as várias jovens mulheres (as jogadoras) estavam sentadas sem uniforme nas arquibancadas, e alguns homens (que após algum tempo identifiquei como sendo da diretoria) nos arredores das arquibancadas. Dirigi-me até eles e perguntei se eu poderia ver o treino feminino, expliquei que havia falado com G.R.N. e ela me informara o horário. De imediato me disseram que eu poderia ver o treino, porém ficaram curiosos e perguntaram: “veio pra jogar?”, eu respondi que não, mas que gostava muito e que estava estudando o futebol feminino, por isso eu estava ali. Fui

⁶⁵ Abreviatura que corresponde à mesma informante já apresentada no capítulo 3, na página 97.

⁶⁶ No ano de 2011 os treinamentos foram realizados somente aos sábados. Ou pela manhã entre 10:30 e meio dia ou à tarde entre 14h e 16h.

até as arquibancadas e sentei ao lado de uma moça⁶⁷. Ela estava resfriada, e me chamou a atenção o modo como assoou o nariz: com os dedos, gesto típico de homens que assoam o nariz andando na rua, sem quaisquer apetrecho para absorver a secreção. Ela usava um casaco e uma calça de agasalho e um chinelo de tiras. Supus que ela pudesse talvez conversar comigo porque estava sentada sozinha, enquanto as demais pessoas na arquibancada já estavam conversando entre elas. Após uns instantes, puxei assunto com ela, “você joga?” Respondeu que sim, e fez a mesma pergunta para mim, eu disse que não, mas que gostava muito. Comentei com ela a respeito do horário do treino, ela disse que estava atrasado por causa do jogo masculino – que estava acontecendo durante o nosso diálogo e que ela atentamente assistia e murmurava alguns sons de aprovação ou reprovação de acordo com a jogada. Numa última tentativa de contato, perguntei se ela conhecia G.R.N. e se poderia fazer o favor de me mostrar quando chegasse, me disse que sim, e assim o fez quando G.R.N. chegou. Apresentei-me para G.R.N. agradecendo a atenção e as informações, que perguntou o que eu queria estudar, contei a ela que eu queria conhecer a história das meninas que jogavam no time, como tinham começado a jogar, quanto tempo jogavam, mas não entrei em maiores detalhes, foi então que ela chamou F.V. e nos apresentou, disse a mim que eu poderia falar com ela e a ela o que eu estava fazendo lá. Extremamente simpática e voluntariosa F.V. se pôs à disposição no que eu precisasse a respeito da equipe, agradei e peguei o contato dela. As meninas se foram para o vestiário e logo após o término do jogo masculino, ocuparam o campo, às 11:30 da manhã. Restaram nas arquibancadas duas meninas e eu. Uma delas trajava agasalho esportivo e tênis, tinha cabelos longos e bem cuidados e usava um grande brinco de argolas. A outra, com casaco de moletom e calça jeans, brincos com penduricalhos e o cabelo preso. Tentei contato, perguntando se elas jogavam, uma me disse que jogava, mas que no momento havia feito uma cirurgia, pois se machucara num jogo, e a outra, somente disse que não. A jogadora perguntou se eu jogava, respondi que não, imediatamente a outra menina proferiu: “dá pra ver que não joga” (Diário de campo nº1 19/06/2010).

“Dá pra ver que não joga”. Essa frase ficou “martelando” na minha cabeça e de súbito rememorei o conceito de *habitus* em Bourdieu e de o quanto estava inscrito em minha *hexis* corporal e nas minhas ações que eu não tinha o sentido do jogo e que não pertencia àquele espaço. Embora eu estivesse vestida da mesma forma que a menina que proferiu essa frase, o *habitus*, o sentido do jogo vai além das vestimentas e abarca outras esferas. Nas palavras de Bourdieu (1996) “o agente que tem o sentido do jogo, tem o jogo incorporado e se incorpora a ele”.

Sentada na arquibancada, diagnostiquei que para que eu pudesse minimamente fazer parte daquele contexto, um “esquema de aproximação” teria que ser montado. Frente a esse panorama, mesmo de forma preliminar, foi possível constatar a existência de um *habitus* do futebol feminino, o qual, eu não possuía.

⁶⁷ Essa jogadora ficou no NMFC até o final da temporada de 2010, dessa forma, não participou das entrevistas. Sendo assim, nosso contato ficou restrito ao primeiro dia de visita ao clube.

Acompanhei mais um treino no mês de junho e outro no mês de julho de 2010. Como eu já conhecia duas pessoas importantes e de referência para a equipe, e elas me apresentaram como uma estudante que iria fazer uma pesquisa sobre o futebol feminino, algumas jogadoras me cumprimentavam nas arquibancadas, ou quando eu chegava. Contudo, a maioria ignorava a minha presença, mesmo quando eu estava sentada ao lado da G.R.N., cumprimentando somente ela.

Na segunda vez que fui ao clube, conversei com o diretor do futebol feminino C.L.C.⁶⁸, pedindo autorização para assistir aos treinos, ele demonstrou satisfação em eu estar estudando o clube, e me levou para ver a sala de troféus, um quarto onde dormiam duas jogadoras que eram do estado da Paraíba, e o restante da estrutura da sede, que consistia em um espaço para confraternização com cozinha e uma sala com mesas e cadeiras. Mesmo tendo explicado para ele qual era meu objetivo com a equipe, ele me chamava de “jornalista” ou de “menina”.

Nesse mesmo dia, ao final do treino o presidente chegou ao clube, C.L.C. apresentou-me e novamente pedi – verbalmente – autorização para estar ali, e justifiquei que gostaria de voltar em 2011. Prontamente permitiu minha presença, e disse que o que eu precisasse poderia falar com C.L.C., ou com a G.R.N. ou com a F.V., felizmente, pessoas com as quais eu já havia estabelecido contato.

Nesse mesmo dia, com a ajuda da F.V. e da G.R.N., identifiquei quais eram as jogadoras – dentro dos parâmetros já mencionados na metodologia – que poderiam em um outro momento me conceder a entrevista. Gentilmente me passaram os contatos das jogadoras, com as quais, eu fui falar somente no final do mês de novembro para então marcar a entrevista para o final de dezembro e início do ano seguinte.⁶⁹

Voltei ao clube em março de 2011 quando os treinos retomaram. Da equipe do ano anterior restavam poucas jogadoras, o treinador também havia mudado e agora contavam também com um preparador físico. Como eu já conhecia algumas pessoas, já havia entrevistado duas jogadoras e já conhecia aquele espaço no ano anterior, me senti mais confortável em ficar assistindo aos treinos, sempre da arquibancada.

⁶⁸ Abreviatura que corresponde a mesma pessoa mencionada pela primeira vez no capítulo 3, p. 101.

⁶⁹ O modelo das autorizações assinadas pelas jogadoras encontra-se no apêndice 5.

Nesse ano algumas jogadoras e dirigentes que me conheciam do ano anterior me cumprimentavam, mas mesmo eu me sentindo mais à vontade, ainda era excluída dos assuntos que remetiam a equipe fora dos gramados, almoços, jantares, pagodes. Bem como, embora eu tivesse sentada ao lado das jogadoras antigas que assistiam aos treinos eventualmente, as conversas eram “codificadas”, para que eu não compreendesse o que estavam falando.

Essa codificação na fala ocorria quando se tratavam de parceiras. A homossexualidade era tratada nos bastidores, não ficava à mostra no local de treino, sendo assim, eu não pude constatar manifestações diferenciadas que chamassem a atenção por não estar dentro da normatividade esperada de gênero. Desse modo, justificamos que não vamos abordar em profundidade a questão da homossexualidade no futebol, e sim, questões relativas à construção do corpo – o gênero.

4.3 DISPOSIÇÕES INICIAIS PARA A PRÁTICA: A FORMAÇÃO DE UM *HABITUS* FUTEBOLÍSTICO

Os relatos que remetem à história das meninas do NMFC sobre o seu início no futebol são muito parecidos com aqueles proferidos por Pretinha e Marta – jogadoras conhecidas nacionalmente – e apresentados por Valporto (2006). Tanto as jogadoras acima mencionadas, quanto as nossas entrevistadas, iniciaram a prática na infância, jogavam em equipes masculinas nas escolinhas ou, nas brincadeiras da escola e da rua eram as únicas meninas a participarem do jogo de futebol. A fim de ilustrar essa afirmação, o autor traz a fala de Pretinha: “no começo achavam estranho porque eu era a única menina no meio da molecada. Mas depois todo mundo se acostumou” (VALPORTO, 2006, p. 247).

Essa passagem esboça o espaço do futebol no Brasil, espaço de lutas, que de acordo com Marchi Júnior. (2004) visam transformar ou conservar um campo, sua estrutura. Em se tratando do futebol, entendido pela nossa cultura como um espaço de reprodução de significados de masculinidade, as mulheres que desejam fazer parte desse espaço se utilizam o que Bourdieu (1983a) chama de estratégias de

subversão ou heresia, que iniciam na infância quando as meninas tentam participar das atividades dos meninos, se prolonga pela adolescência quando buscam escolinhas para treinar e permanecem na vida adulta no futebol de alto rendimento, revestido pela falta de incentivo. Essas estratégias, para a entrada e consolidação nesse espaço, conflitam com os agentes dominantes, estabelecidos que monopolizam o capital específico e apresentam estratégias de conservação, dificultando ou impedindo a entrada de novos (nesse caso de novas) agentes. Veremos na sequência nos depoimentos das jogadoras que a luta por uma posição legítima nesse subcampo é constante.

Em se tratando das jogadoras do NMFC, as quatro entrevistadas contam que começaram como uma brincadeira ainda na infância, e que, embora não fossem explicitamente incentivadas e motivadas a praticarem o futebol, tiveram o apoio de pelo menos um membro da família, o que foi decisivo para que continuassem na carreira esportiva. Nesse contexto elucidamos o entendimento de que o *habitus* é produto de uma história individual, de experiências formadas na infância; é a história coletiva da família (BOURDIEU, 1999a), que nos leva a entender que a formação de um *habitus* futebolístico inicia nessa fase.

Bourdieu (1999a) salienta que é no universo familiar que acontece a reprodução das práticas. Essa reprodução pode ser vislumbrada na história das jogadoras que tem entre os seus familiares praticantes do futebol, na maioria das vezes homens, fato que demonstra a soberania masculina nessa modalidade e que por muito tempo promoveu entre as praticantes de futebol a imitação de disposições dos dominantes desse subcampo.

O formato do futebol praticado pelas mulheres passou por um processo de modificação na aparência física dessas agentes. Remetendo-nos à história da modalidade, as jogadoras que possuíam habilidade física não apresentavam grandes cuidados com a aparência, ou, as que apresentavam grandes cuidados com a aparência, não possuíam habilidades físicas. Em meados dos anos 2000, a Seleção Brasileira de Futebol apresentou-se nos Jogos Olímpicos de Atlanta trajando um novo uniforme, mais ajustado e adaptado ao corpo feminino, assim como, era reduzido o número de jogadoras que tinham cabelo curto ou raspado, outra evidência da feminilização (normativa) do futebol feminino. Frente a essas modificações alegamos que na atualidade, o futebol praticado por mulheres assume

uma característica que nega a masculinização e prega que se mantenha – dentro das possibilidades do jogo – o *habitus* feminino brasileiro⁷⁰.

Nessa esteira, o sentido do jogo que nasce com essas agentes e se intensifica no decorrer dos anos, é decisivo para legitimar a participação delas em um espaço de domínio masculino. Por na maioria das vezes terem brincado ou jogado com meninos, as entrevistadas contam que desenvolveram algumas estratégias de entrada nesse grupo, e por conseguinte, de entrada no futebol.

A prática do futebol iniciado na infância apareceu na vida de W.C. e F.V. como sendo uma segunda opção nas brincadeiras, tendo em vista o que lhes era ofertado naquele momento para brincar. F.V. atribui às brincadeiras com os primos o primeiro contato com o futebol, e assim nos conta:

[...] eu sempre tive muitos primos, a maioria homens, e poucas mulheres e a maioria das brincadeiras eram voltadas para os meninos, e era sempre futebol, futebol, futebol e como eu queria brincar, acabava brincando de futebol e de polícia pega ladrão pela rua, pela falta de opção de brincadeiras. Eu tinha uns 15 primos e 3 primas, e sempre era mais interessante as brincadeiras deles. E eu acabei gostando, e aí que eu fui ganhando habilidade de jogo, comecei a saber um pouquinho mais.

Prosseguindo nessa esteira, W.C. relata que:

[...] No começo eu não gostava de futebol, porque meu pai ficava assistindo na televisão e eu queria ver outra coisa. Mas, como ele continuava assistindo, eu comecei a assistir junto e depois do jogo pegava a bola e saía para brincar, tentava fazer embaixadinhas. Teve uma vez que eu tirei a cabeça de uma boneca para fazer de bola.

Frente a esse discurso, trazemos à tona que entre os irmãos somente W.C. sabia jogar, bem como, o consumo esportivo do pai (que já foi jogador) teve influência direta nas brincadeiras da filha, e podemos notar a menção à boneca como brinquedo classificado como divertimento feminino e que nesse contexto assume um papel de rompimento com os estereótipos de gênero ao trocar a boneca pela bola, ou principalmente pela cabeça da boneca que assumiria a função de uma bola.

⁷⁰ Entendemos por *habitus* feminino brasileiro um conjunto de características culturalmente construídas, incorporadas e aceitas socialmente do que se espera das ações práticas de uma mulher em termos de papéis que variam com relação à forma de como utiliza seu corpo, seus gestos, o modo como fala.

Assim como a brincadeira com bonecas, o “brincar de casinha” também faz parte do “rol” de brincadeiras estimuladas às meninas, enquanto o futebol aparece como uma atividade não incentivada a esse público e muito praticada pelo público masculino, como elucidou F.V. Dessa maneira, evidenciamos a recusa desse estereótipo feminino nas práticas infantis na fala da T.M.A.:

Na realidade eu nunca brinquei de casinha, eu nunca gostei de brincar, meu esporte preferido era estar com uma bola, eu brincava muito com os meninos, *a minha base motora foi muito brincar com os meninos*, então assim, eu brincava demais de esconde-esconde, de queima, sempre com os meninos, eu tinha mais contatos com os meninos do que com as meninas, sempre gostei disso e até hoje é assim.

T.M.A. enfatiza que sua “base motora foi muito brincar com os meninos”, e nos subentende que as brincadeiras “de meninas” são mais estáticas, com movimentação reduzida. Esse depoimento promove um possível entendimento à falta de habilidade feminina em esportes entendidos como vigorosos, tendo em vista o pouco, ou reduzido, incentivo nas brincadeiras infantis.

Ainda que a modalidade estivesse presente na vida dessas meninas desde tenra idade (por volta dos 7 anos), o apoio familiar, assim como a apreensão que pairava sob essa prática, veio de diferentes frentes. J.S. relembra que com 6 ou 7 anos acompanhava sua avó nos jogos dos seus tios, que eram jogadores de futebol profissional, e que as práticas esportivas eram recorrentes em sua família, contudo, nos diz:

[...] meus tios falavam no começo que futebol era pra menino, e minha avó falou não, se ela gosta de futebol ela tem que jogar. Então a minha avó sempre me acompanhou, me levava nas pracinhas, me levava nos jogos, então eu digo que quem me ajudou sempre foi a minha avó.

As entrevistadas vivenciaram em suas infâncias o futebol feminino do início/metade dos anos 1990, período onde a sexualidade feminina era (e continua sendo, em menor proporção) posta à prova pelo desenho dos seus corpos e principalmente pela escolha da prática esportiva. Tendo em vista tais elementos, da mesma forma que os tios da J.S., a mãe da W.C. também era contra a filha praticar o futebol, pois ela acreditava que o futebol masculinizaria seu corpo e suas práticas,

alegando que as jogadoras de futebol eram homossexuais. Nas palavras de W.C., “[...] minha mãe tinha preconceito, ela achava que futebol era coisa pra homem.

Dentre tantos fatores de cunho cultural que endossam o preconceito contra as mulheres que jogam futebol, podemos citar os questionamentos sobre a sexualidade dessas atletas. Como já apresentamos anteriormente, o futebol feminino no Brasil tem em sua história marcas nas quais a beleza física e a habilidade de jogo, nem sempre andavam lado a lado, dessa maneira, por não apresentarem em seus corpos o *habitus* feminino, ou apresentarem um *habitus* diferente ao estereótipo de feminilidade, a sexualidade dessas atletas era (e muitas vezes ainda é) posta à prova, pois, quando o padrão de corpo é rompido, tem-se a sexualidade questionada.

Mesmo frente esse panorama de questionamentos, F.V. fala que seus pais sempre lhe deram liberdade para escolher e praticar qualquer modalidade esportiva sem interferir e nem incentivar suas preferências.

Meus pais sempre me apoiaram muito, sempre deixaram fazer o que eu queria, nunca foram contra, tanto que minha mãe que foi comigo me ajudar procurar uma escolinha. Mas assim, você ta fazendo por que você quer, não eram aqueles pais que vinham aos jogos, não eram aqueles pais motivadores. Eu fazia por que eu gostar, por gosto da prática, mas eles nunca me impediram.

T.M.A. enfatiza o apoio familiar que sempre recebeu para ingressar e permanecer no futebol:

[...] minha família foi muito importante, a minha estrutura de família foi muito importante, meu pai sempre me apoiou. [...] Eu sempre gostei, minha família sempre gostou e as coisas foram acontecendo. Eu comecei em Iretama interior do Paraná, comecei brincando com meninas sem treinamento, sem base nenhuma. Quando eu descobri que eu gostava de jogar futebol, surgiu uma escolinha chamada de Escolinha do Zico em Campo Mourão, uma escolinha só pra homens. Na época eu tinha 13 anos e meu pai olhou pra mim e disse assim: por que você não vai atrás dessa escolinha? Eu disse: ah pai, mas é longe, mas ele disse: vai lá ver como é que é.

Além do apoio familiar para a prática do futebol outra questão comum ronda a história dessas (e de tantas outras) meninas futebolistas, o fato de adentrarem em um espaço tipicamente masculino e lutarem, no sentido de serem aceitas de forma legítima no grupo, seja nas brincadeiras de rua ou nas escolinhas de futebol. Tendo

em vista que cada campo impõe um preço de entrada tácita e que determinados elementos desse jogo só tem valor pra quem está no jogo (BOURDIEU, 1996), discorreremos a seguir depoimentos das jogadoras que expressam ações, ou estratégias que expressam o sentimento de legitimação nesse subcampo.

F.V. relembra os tempos de escola e de como ocorreu o processo de identificação com o espaço do futebol em sua trajetória:

Nosso time (no primeiro ano do ensino médio) era muito bom no colégio, tinha menina que jogava na Seleção Brasileira, outras que já tinham passagem pela Seleção, a gente jogava os jogos colegiais e ganhava de 28x0, de 22x0, e com isso minha *identidade com o futebol* foi ficando mais forte. Daí nisso eu falei, vou procurar uma escolinha, quero jogar futebol, quero jogar futebol, era louca por bola, eu sempre jogava em praças.

Ela incita uma questão muito interessante: a identificação com a modalidade, ou em suas palavras, “minha identidade com o futebol foi ficando mais forte”. O sentimento de pertencimento ao espaço futebolístico pode ser vislumbrado na fala a seguir:

Escolinha não tinha muito na época, sempre jogava em Rua da Cidadania junto com meninos, mas *como eu tinha um destaque um pouquinho mais, eu não era a menina que ficava excluída, eu tinha a opção*, como acontece com muitas meninas que gostam e que às vezes não tem oportunidade de jogar.

Essa declaração deixa transparecer que a habilidade esportiva aparece como grande ferramenta legitimadora da entrada feminina no futebol, contudo, não minimiza os obstáculos enfrentados para prosseguir na carreira esportiva. No discurso da T.M.A. podemos observar o quão difícil era uma menina praticar futebol de modo sistematizado em uma escolinha, ainda mais em se tratando de cidades pequenas do interior:

[...] E eu embarquei no ônibus com um dinheirinho na bolsa, não sabia como descia do ônibus, nunca tinha andado de ônibus, davam 120 km ida e volta. E eu cheguei lá, [...] só tinham meninos, tinha uma mulher, eu cheguei muito humildemente, quietinha ainda, e perguntei: tem pra mulher? Ai a mulher demorou um tempo, foi lá dentro e quando ela voltou, ela perguntou: é pra você? Eu falei é. Você quer se inscrever? Mas é só pra menino que tem. Eu disse: quero sim, fiz minha inscrição.

Ela ressalta que não tinha benefícios por ser menina e treinar com os meninos, e conta também que outras meninas procuraram a escolinha, mas não se adaptavam, ou nas palavras da entrevistada, não “aguentavam” os treinamentos:

[...] os professores não faziam diferença, isso foi muito bom na época, porque eu não me senti privilegiada de estar treinando, eu simplesmente treinava o que eu conseguia, e normalmente conseguia tudo. Então eu não tinha diferenciação, eu tinha sim, respeito de todos os meninos. Todo mundo que entrava na escolinha os professores não deixavam nenhum me desrespeitar. Eu treinava assim com o juvenil, infantil e juniores, categorias muito maiores do que eu, mas que eu me *adequava*. [...] um ano depois que eu tava lá dentro como eu era a única menina e eu comecei a ser referência pras outras meninas entrarem, elas entravam, mas não aguentavam muito, porque o treino do masculino é muito mais puxado que o do feminino, mas como eu já tava acostumada, pra mim já tava muito fácil.

A adequação elucidada por T.M.A. ressalta a noção de que a mulher é fisiologicamente mais fraca que os homens e que deve se adequar ao treinamento, nos dando a impressão de que os meninos – embora sem preparo físico – já estivessem automaticamente adequados ao treinamento do futebol, pelo simples fato de serem do sexo masculino. Nesse caso, em termos hierárquicos dentro do futebol, rememoramos a passagem em que Bourdieu (2007a) alega que, a biologia nos dá a impressão de estar na ordem das coisas.

Esse recorte deixa claro que embora ela fosse do sexo feminino, possuía características essenciais para o jogo, a persistência, o condicionamento físico, o combate e que se adequara àquela situação comum ao público masculino, legitimando-a enquanto jogadora na escolinha.

Outro estigma que revisita o espaço do futebol feminino com frequência é o do contato físico ou o da característica de combate. Considerando que o futebol feminino praticado em países da Europa ou nos Estados Unidos obedece às mesmas regras do praticado no Brasil, levantamos alguns subsídios hipotéticos para entender o discurso que alega o contato físico como fator limitador dessa prática ao público feminino.

O momento histórico (político e econômico) que o nosso país passava no início do século XX depositava na mulher o anseio pela renovação populacional por meio da gestação e da manutenção da família. Os governantes disseminaram por meio do decreto 3.199 que o contato físico dos esportes (dentre eles o futebol) era

uma ameaça à saúde feminina, logo, uma ameaça ao bom funcionamento da família e do Estado.

Como subsídio para entendermos a censura do futebol praticado pelas mulheres, remontamos à noção de lutas dentro desse subcampo, lutas entre classes sociais e pela prática legítima para cada estrato social, pela a legitimidade do corpo feminino e de suas práticas esportivas legítimas, salientando que foram por quase 40 anos uma questão de Estado. Hoje, podemos arriscar que se trata de uma questão de mercado, do mesmo modo que continua sendo uma questão cultural.

Nesse mesmo período, o futebol deixava de ser um entretenimento aristocrático e começava a fazer parte da preferência esportiva dos operários, promovendo a perda da distinção dessa prática. Ao passar do amadorismo – prática desinteressada e de lazer – para uma opção de trabalho, a modalidade perde o *status* e o prestígio dentre os agentes com maior capital econômico, e caracteriza-se como um gosto de classe popular isento de distinção, principalmente pelo contato corporal que assume.

Para Bourdieu (1999a) a relação com o corpo embasa a escolha das práticas esportivas, pois, o envolvimento com o corpo se concatena a uma posição social e a uma experiência originária do mundo físico e social. Desse modo as práticas mais distintivas são aquelas que asseguram maior distância com o adversário, as mais estetizadas, aquelas nas quais a violência é menor ou inexistente, e aquelas em que a forma e as formalidades sobressaem sobre a força e a função. Somado a tais caracterizações, classificamos o futebol como uma prática não distintiva, ainda mais se praticada por mulheres, poderíamos classificá-la como uma prática duplamente dominada: 1) pela relação com o próprio corpo e o contato com o adversário; e 2) por exigir das atletas ações práticas no espaço do futebol opostas aquelas incentivadas e esperadas à *hexis* feminina.

Ao fazer parte de um espaço historicamente marcado pela dominação masculina em uma sociedade patriarcal, a mulher passa a agregar à sua imagem, elementos da cultura considerada como masculina, ou nas palavras de Bourdieu, agrega ao seu *habitus* algumas disposições para a ação do *habitus* masculino, pois, os agentes dominantes do espaço do futebol no Brasil são os homens. Embora ocorra essa incorporação ela não necessariamente atua modificando a sexualidade das futebolistas, contudo, ao assumir uma postura de gênero mais distante da

central e posições de poder em uma estrutura não familiar aos seus pares, causam aos dominantes desse subcampo, um olhar de reprovação e o questionamento da sexualidade dessas mulheres.

Bourdieu (2007a) nos ajuda a pensar esse repúdio dos homens contra a entrada das mulheres em determinados esportes, no caso brasileiro destacamos o futebol, como uma maneira de protegerem o “seu” espaço da feminilização, tendo em vista que as posições sociais são sexuadas e sexualizantes.

Em termos de oportunidade, o futebol assume tamanha discrepância ao separarmos os gêneros, exigindo dessas “novas” agentes um esforço dobrado na busca por novas perspectivas no futebol. A luta de T.M.A. por um espaço junto as oportunidades que o futebol oferecia aos meninos, ainda na sua adolescência é apresentada na sequência:

Um dia eu vi um cartaz “clínica do Palmeiras” (clínicas são testes que são feitos pros meninos) então um professor do Palmeiras vinha e fazia um teste, isso foi numa cidade chamada de Terra Roxa. Eu vi esse cartaz e eu fiquei sabendo logo em seguida que os meninos de Iretama iam, aí eu fui, aonde tinha gente eu fui, revirei a cidade de Iretama pra ir junto, no teste nós fomos no outro dia, com eles, e cheguei lá de novo com a mesma pergunta, posso fazer teste? Ele disse, só tem pra menino, quer fazer? Falei, quero, claro que sim. Dos 7 meninos que foram com a gente na Kombi só eu passei, essa foi a primeira clínica que eu fiz, depois e fiz mais 4, a primeira eu paguei, as outras eu não pagava mais, eu era a *atração*, uma menina pra chamar as outras meninas, eu deixei de pagar e eles pagavam pra mim as passagens pra ir pras clínicas deles. Fizem quatro no Paraná e as 4 eu fui junto com ele, era um senhor de idade, quando deu um ano que eu fiz as clínicas com ele, ele disse: agora ta na hora de te levar pra jogar em São Paulo.

Diferente de T.M.A., F.V., J.S. e W.C. começaram a treinar em escolinhas que tinham equipes femininas, mas cada qual com sua particularidade. “Fui procurar uma escolinha eu tinha uns 14 anos e achei o São Paulo Center, a JB, só que era sintético daí foi a minha primeira escolinha [...] Entrei com 15 anos, todas as meninas mais velhas que já jogavam já tinham experiência maior do que eu”, diz F.V. J.S. relembra que:

[...] era sempre aquela mistura, tinha uma ou duas meninas, mas era muito difícil, sempre eu de menina, jogava na rua na praça eu nunca fiz escolinha quando era pequenininha eu sempre joguei com os meninos e fui pro time de menina com 12 anos, mas eu não podia jogar campeonatos por causa da idade.

Embora W.C. treinasse em escolinhas desde os 7 anos de idade, sua mãe não se posicionava a favor da prática, pois, para ela o futebol tinha função “masculinizadora”, no entanto, “ela passou a me incentivar quando eu comecei a ter benefícios com o futebol”, e nos conta:

[...]consegui muitas coisas com o futebol. Bolsa de estudos numa escola da cidade onde eu morava para jogar futsal para a escola, depois foi chamada para jogar no time de São José que hoje não existe mais, aí fui convidada para vir pra Curitiba jogar no Novo Mundo, também joguei futsal em Curitiba e ganhei uma bolsa para a faculdade de Ed. Física.

F.V. também ressalta as oportunidades advindas com o futebol, em especial a bolsa de estudos para a graduação em Educação Física, assim como, a mudança que esses benefícios proporcionados pelo futebol influenciaram no apoio e na credibilidade dos seus pais frente a essa prática:

É o que você gosta? Então pode fazer. Mas não vinham me trazer, aqueles pais participativos, não eram. Mas depois que eles começaram ver, eu não sei se eles não acreditavam muito, “ah minha filha vai jogar futebol”, mas quando eles viram que as coisas começaram. Pra mim o futebol me deu muitos frutos, não sei se eu que soube aproveitar isso, porque eu sei que meninas tem oportunidade de estar jogando numa faculdade e não acabam estudando. Eu fui lá, eu estudei, eu busquei, eu trabalhei. [...] então o futebol posso dizer que me deu muitas coisas, eu vivi um ou dois anos só de futebol, eu jogava e trabalhava, então eu não posso dizer que o futebol não me trouxe nada, trouxe muita coisa, muita coisa boa. Depois que os meus pais foram vendo que eu fui ganhando nome, talvez, posso dizer isso, ganhando nome no espaço do futebol, eles começaram a participar mais, hoje em dia meu pai é super participativo e super orgulhoso. Hoje eles participam bastante acham isso uma coisa bem legal, porque eles viram que eu conquistei aquilo, mas não era uma coisa que eles mais adoravam.

T.M.A., assim como F.V., agrega ao futebol a oportunidade de se formar na universidade e a chance de conhecer outros lugares do mundo, e relata,

[...] viajei países da Europa, da América Latina, do Brasil porque eu jogo futebol. Talvez se eu não tivesse jogado futebol eu não teria as oportunidades que o futebol oferece, indiretamente uma faculdade que já me formei, não sei se eu teria condições de fazer essa faculdade se eu não fosse jogadora.

Em se tratando de carreira esportiva, entendemos de acordo com Bourdieu (1983a), que é uma prática excluída do campo das trajetórias admissíveis a uma

criança da burguesia – exceto esportes elitistas –, em contrapartida, representa uma forma de ascensão social para crianças de classes dominadas, como vimos nos relatos apresentados acima.

Assim como anteriormente apresentamos a fala da T.M.A. sobre o empenho que teve para poder treinar, juntamente às declarações sobre os ganhos com o esporte, remetemo-nos ao que Bourdieu (2008) identifica sobre os gostos de classe, que estes se refletem nas práticas esportivas que por sua vez exteriorizam as disposições incorporadas ao longo da vida, especialmente na infância.

Enquanto para as crianças o capital social e físico era imprescindível para a permissão e estabelecimento das meninas nas brincadeiras na rua ou na escola, conforme o corpo feminino fora se desenvolvendo, as questões relacionadas à *hexis*, um corpo que incorpora as características socialmente e culturalmente aceitas para o seu gênero, assumiram grande importância conjuntamente a noção da habilidade esportiva. Discorreremos sobre o anseio pela feminilização do futebol feminino no item a seguir.

4.4 ESTRATÉGIAS PARA A LEGITIMAÇÃO DE UM *HABITUS* FEMININO EM UM ESPAÇO DE DOMINAÇÃO MASCULINA

Como foi possível identificar no capítulo histórico, tanto a proibição como a retomada da prática no início dos anos 1980 se revestem de críticas e justificativas que pairam sobre o construto de corpo feminino idealizado e o futebol. A expectativa de que as estruturas de gênero interiorizadas se apresentem de modo estereotipado nas práticas esportivas nem sempre são atendidas, tendo em vista que são disposições para a ação construídas e consolidadas em outras esferas sociais que não as esportivas de alto rendimento.

Tanto o corpo físico como a forma de se portar – ou nas palavras de Bourdieu (2009a) a *hexis* corporal – das agentes no espaço dos esportes que exigem contato direto com o oponente não serão idênticos à *hexis* corporal de uma mulher não atleta, ou atleta de um esporte sem contato direto com o oponente, ou então de um esporte que vise mais a forma do que a força.

Nessa esteira de análise, alguns questionamentos incorrem: como um corpo feminino pode ser legítimo para o esporte de alto rendimento e da mesma forma para outros espaços sociais? Poderíamos tratar de corpos legítimos e usos legítimos desses corpos? Se o capital físico masculino está para o esporte assim como o capital físico feminino está para a beleza, como agir quando o esporte requer disposições de um *habitus* entendido e construído culturalmente como masculino sem perder a graciosidade dessa mesma construção ao *habitus* feminino?

Apreendendo o corpo como vitrine do *habitus*, salientamos que nas mais diversas formas de práticas esportivas os corpos estão em evidência e, em contrapartida, os uniformes, que revestem esses corpos exprimem mais do que o nome ou o número da atleta, trazem consigo a história da modalidade transmitida nas cores, formas e modelos.

No futebol feminino o uniforme apresenta as modificações de inserção no espaço do futebol que as agentes dessa estrutura foram ocupando. Como uma via de mão dupla, quanto mais femininos e ajustados se tornaram os uniformes, maior foi a *veiculação midiática*, e vice-versa. Para T.M.A., “[...] a televisão compra uma imagem bonita, não compra uma imagem feia. O torcedor vai pro *[sic]* estádio pra ver um bom futebol e pra ver mulheres bonitas também”. Sobre outros aspectos que remetam à feminilidade da jogadora de futebol, W.C. relata que “[...] a mídia quando vem fazer entrevistas perguntam quem está com a unha pintada, aí três vão lá e colocam a mão na bola para a foto, ou perguntam: por que você está usando essa faixinha no cabelo?”. Isso explicita o “pinçamento” de elementos *feminis* no espaço do futebol, como uma forma de comprovar que nesse ambiente as mulheres também são femininas, embora, futebolistas.

O uniforme mais ajustado ao corpo das atletas aparece nesse cenário como uma forma legítima de as mulheres estarem nesse local, mas, essa legitimidade se pautava em fundamentos ocultos de dominação masculina, tendo em vista que atende além da necessidade de mobilidade do jogo, a espetacularização dos corpos femininos.

Dessa maneira, elucidamos o que Bourdieu chama de cumplicidade nos antagonismos, ou seja, homens e mulheres/dominantes e dominadas fazendo o uso da espetacularização dos corpos por meio dos uniformes para o mesmo fim, embora, com objetivos diferentes. Para elas, a adequação das vestimentas de jogo

pode ser entendida – como veremos a seguir nos depoimentos – como uma vitória, a conquista de um espaço na estrutura do futebol. Para os homens, pode soar como uma permissibilidade de entrada, pois, o que está em “jogo” além das habilidades esportivas é a sensualidade, a exposição de um corpo, ou de uma *hexis*, entendida universalmente⁷¹ como feminina.

Agentes antagônicos em uma mesma estrutura visando a mesma finalidade – jogar futebol – se tornam cúmplices quando os dominantes impõem às dominadas injunções tácitas para estar nesse espaço de modo mais legítimo possível, ou dito de outra forma, mantendo o *habitus* feminino nesse espaço que é de dominação e reprodução de significados de masculinidade.

Vislumbrando a formação da jogadora de futebol como um processo, entendemos que a formação do *habitus* do futebol feminino também foi se construindo por uma sucessão de ações que visam legitimar a mulher futebolista no espaço do futebol, como também, dos esportes.

F.V. ilustra essa noção de processos e de modificações que a modalidade veio passando ao longo dos 9 anos que ela joga no NMFC ao abordar as alterações nos uniformes e na forma de como as jogadoras se portam em campo:

Olha hoje em dia ta mudando, agora ta começando a mudar. Sempre era assim, o feminino era a sombra do masculino, então a gente pode dizer que os uniformes eram todos masculinos. Se você tinha uma equipe feminina você ia pedir um uniforme pra ela, ia ser o mesmo corte, a mesma coisa que o masculino, tanto que a gente tem uma série de uniformes ali (no NMFC) que também são grandes. Com o passar do tempo isso foi mudando, ficando mais feminino, então hoje em dia eu posso dizer se você olhar os campeonatos hoje, se você for olhar as equipes que jogam hoje já tem o seu modelo exclusivo. Então eu acredito que foi do espaço que o futebol feminino criou, porque eu acho que antigamente era muito masculinizado também por que as próprias meninas se portavam como se fosse uma forma masculina. Então foi mudando isso, *muitas meninas usavam cabelo curto, boné virado para trás, essas coisas*, então eu acho que isso foi dando características masculinas. *Depois foram vindo meninas que tavam [sic] ali jogando, mas deixavam o lado feminino falar também, que vinham jogar com o cabelo preso, bonitinho, não ficavam largadas, eu acho que isso começou a criar uma identidade diferente, que as meninas começaram a reclamar “eu não quero jogar com esse uniforme grande, quero jogar com um bonitinho” então acho que agora o futebol feminino começou a ganhar identidade*, dificilmente você vai ver uma equipe feminina jogando com os uniformes grandões. Então eu acho que esse foi um espaço que o futebol feminino conseguiu.

⁷¹ Ao utilizarmos o termo “universalmente” estamos nos referindo à sociedade brasileira e não mundial, ou em uma tradução literal do termo, universal.

O depoimento de F.V. corrobora as informações que detalhamos no capítulo histórico, tendo em vista a necessidade de atrelar a aparência física com a habilidade esportiva que teve seu auge nos anos 2000. A identidade que a entrevistada cita, é a *não* reprodução das características dos dominantes, e sim, ter uma característica própria que demarca explicitamente o gênero feminino.

A permissibilidade limitada de entrada no futebol se concretizou quando essas jogadoras incorporaram ao espaço do futebol características aceitas como femininas de outros espaços sociais, contudo, quanto mais distante da centralidade dessas características menores são a distinção e a aceitação. Para que se criassem demandas para consumir o futebol feminino, era necessário que o aproximassem de algum elemento distintivo e desmistificador de estigmas relacionados à sexualidade das atletas. Nesse contexto os uniformes e o cabelo comprido aparecem como uma estratégia de manipulação de imagens permissíveis – e desejáveis – para o espaço do futebol.

Ao falar sobre os uniformes, W.C. transparece a incorporação de um discurso que exalta a apreciação de um olhar masculino de espetacularização dos corpos, mesmo quando o ajuste dos uniformes parece ser uma conquista feminina:

Os uniformes masculinos são grandes e incomodam para se movimentar, atrapalham o movimento. Prefiro um uniforme mais feminino, até para *mostrar as* pernas que são bonitas. Se os uniformes fossem mais femininos talvez tivesse menos preconceito que as mulheres que jogam futebol são masculinas. Tanto o uniforme do Novo Mundo quanto da Seleção tem a camisa mais ajustada, “acinturada” e o calção é menor.

Ao ser questionada quanto ao uniforme feminino ser o mesmo do que o masculino, J.S. enfatiza sua posição de que devem ser diferentes, embora respeitando o conforto e a mobilidade do jogo, e diz:

Com certeza, porque os homens têm um porte físico bem diferente das meninas, e pelo fato também, futebol feminino, tem que ser mais feminino mesmo, aqueles calções muito largos, camisas muito largas, não bate, até acho que dos homens deveria ser um pouco mais apertado do que é, na Europa tem muitas equipes que a camiseta é bem coladinha, é legal diferenciado. Mas pras meninas *acho que tem que ser diferente dos homens com certeza, mas camiseta e calção, nada também de colocar aí uma saia, fica desconfortável, não adianta inventar alguma coisa pra ficar muito feminino e deixar as atletas desconfortáveis, tem que ser alguma coisa feminina e que também dê conforto.*

Nesse discurso fica explícito que nem sempre vestimentas que são usadas em um esporte se encaixariam da mesma forma em outro, como o exemplo da saia que é utilizada no tênis. Essa feminilidade exaltada no futebol é uma feminilidade própria construída a partir da permissibilidade do jogo, mas buscando a normatividade e por consequência, a distinção. Algumas autoras como Goellner (2010b) e Jaegger (2009) entendem essa feminilidade diferenciada no espaço dos esportes como um plural de feminilidades e ressaltam que do mesmo modo que o esporte se apresenta com um local de normatividade pode ser também um local de quebra desses padrões. Em detrimento a nossa escolha teórico-metodológica, entendemos que essa pluralidade na representação de feminilidades se apresenta na incorporação de disposições para a ação localizadas na centralidade, ou na normatividade do gênero. Desse modo, o *habitus* feminino que assume posição de destaque ou distinção é o que mais se aproxima da normatividade.

O anseio pela legitimidade do *habitus* feminino no espaço do futebol é elucidada por T.M.A.. Para ela, o fato de uma equipe feminina usar o mesmo uniforme de uma equipe masculina se apresenta de forma incabível, embora em seu discurso deixe transparecer que entende o futebol como “um esporte masculino”.

Eu acho ridículo, por que não tem nada a ver uma coisa com a outra, o nosso corpo, a modelagem, e o nosso biotipo é totalmente diferente do masculino, não tem porque eu jogar com um uniforme masculino. [...] a Seleção Brasileira feminina trabalha com uniforme feminino, e alguns clubes do Brasil já trabalham dessa forma também, que é a grande maioria. No Novo Mundo a gente deu uma melhorada, porque também era meio masculino. Eu sou totalmente a favor disso, eu acho que não tem porque a mulher só porque ela disputa um esporte masculino ter que usar uma roupa masculina.

Como viemos percorrendo até o presente momento, vincular a noção de feminilidade e sensualidade às jogadoras de futebol é uma prerrogativa que fomentou com a legalização e se mantém até os dias atuais. No entanto, destacamos que vem tomando diferentes formas e proporções, a exemplo desse apontamento temos as musas do futebol feminino que realmente jogam futebol. Os campeonatos mais recentes, ou os que aconteceram no corrente ano como a Copa do Mundo de futebol feminino e também no Torneio Internacional de SP, elegeram a musa do campeonato. Essa eleição aconteceu pela internet, onde os internautas

votavam na foto da jogadora que julgavam mais bonita⁷². Para as nossas entrevistadas, a criação dessas musas é uma forma de mostrar outra faceta do futebol feminino, uma faceta que por muitas vezes fica ocultada pela característica de contato e combate do jogo. J.S. diz: “[...] Acho legal mostrar um outro lado do que só pensando na bola, acho legal, acho que tem que ter”. Na opinião de T.M.A. a importância das musas recai sobre o mesmo prisma apontado por J.S., mas explicita o lado “não tão feminino” ou, o distanciamento das prerrogativas *feminis* do esporte de alto rendimento, por isso acha importante que existam as musas:

Eu acho que é uma forma de chamar a atenção, eu não acho isso ruim, não. Acho que é uma forma de chamar a atenção que existem mulheres bonitas no futebol feminino, e essas mulheres jogam, não é que elas são musas e não jogam. A mulher brasileira pode ser bonita, feminina e jogar futebol. É claro, você não vai estar linda, porque o esporte não presencia isso. Você treina debaixo de sol, treina debaixo de chuva, treina menstruada, treina mal humorada, treina chateada, você treina com o cabelo duro, você treina sem maquiagem, você treina sem perfume, porque é um esporte rude, muito contato físico, to cheia de roxo, [...] é o esporte que eu pratico, não posso ter vergonha disso que acontece, a unha do meu pé cai todo o ano por que toda hora vivem pisando, cotoveladas que você recebe no olho, já cortei o nariz, já quebrei dente com cotovelada, então é um esporte “rúdico” [sic], se você entrar pra ficar linda, isso não vai acontecer, então é importante ter essas musas.

Ao contrário das musas do futebol feminino as musas do futebol masculino sequer precisam apresentar habilidades esportivas no processo de seleção. Questionadas se acham que essas musas deveriam ser jogadoras, W.C. respondeu que “deveriam ser jogadoras, elas podem até ser musas da torcida e tal, estudam o histórico do time, pois são na maioria das vezes fanáticas, mas nem sempre jogam o futebol”. Sobre esse aspecto, as entrevistadas são unânimes em dizer que acreditam que essas musas deveriam ser jogadoras, ou estarem vinculadas com o futebol feminino, contudo, ressaltam que o “papel” delas nesse contexto de “musas” não é levantar a bandeira do futebol feminino, e sim, serem musas da torcida do futebol masculino.

⁷² A votação da musa do Torneio Internacional de São Paulo aconteceu em dois sites, no Araraquara.com e no UOL. <<http://www.araraquara.com/esportes/geral/2011/01/12/musa-do-torneio-internacional-de-futebol-feminino-vote-e-concorra-a-ingressos-para-a-final.html>> e <http://esporte.uol.com.br/album/110114musas dofutem_album.jhtm> acesso em: 30 de novembro de 2011.

Nesse panorama fica evidente que o que está em voga é a espetacularização do corpo feminino para a apreciação e julgamento masculino, e não a habilidade esportiva. Algumas características, ou melhor, disposições para a ação no espaço do futebol são destacadas por F.V., como a garra e a vontade, ao passo que as musas do futebol masculino apresentam características alheias ao espaço do futebol feminino, como a fragilidade e a delicadeza (meninas intocáveis, nas palavras dela), elementos agregados a figura feminina, percebidos por Goellner (2003; 2005) como sendo parte dos atributos entendidos sócio e culturalmente como de feminilidade. Nas palavras da jogadora:

Pelo que eu vejo, a mídia representa é a beleza e um corpo bonito, eu acho que elas carregam a musa do futebol através da beleza, mas não através da prática, elas não conciliam a prática com a beleza. Eu acredito que deveriam ser meninas que praticam e que sejam femininas. Porque isso você encontra, eu acho que eles deveriam levar pra esse lado, porque eu acredito que seja muito melhor você olhar uma menina que joga e feminina e que seja considerada musa, do que a gente pegar uma modelo e colocar ali e chamar de musa. Musa, se você for ver por causa de beleza, então você encontra qualquer menina e coloca um uniforme a menina vai ali e representa. E você procurar e olhar a menina ali fazendo uma embaixadinha, fazendo alguma habilidade com bola, alguma coisa assim teria mais valor. Fica muito fútil. *Aquelas meninas que estão lá, dão a impressão, nem todas né? De fragilidade, meninas intocáveis, que não é a realidade do futebol.* Então eu não acho que elas carreguem realmente a imagem que o futebol representa. Eu sei que tem meninas que podem carregar isso, que são femininas e que também mostram essa parte de garra, vontade.

Nessa conjuntura rememoramos o entendimento de Bourdieu (2007b) sobre a “liberdade” de uso do corpo feminino, tendo em vista que ao mesmo tempo em que as mulheres conquistaram a liberdade de usar seu corpo, ele se mantém sob a apreciação masculina promovendo constante insatisfação e insegurança ao público feminino. O autor elucida que as mulheres atletas têm a percepção de corpo diferenciado das mulheres não atletas, enquanto as atletas percebem o corpo para si, ou para o esporte, as não atletas percebem o corpo para o outro.

Considerando o apanhado histórico que trouxemos até então, juntamente à auto-percepção do corpo feminino, entendemos que não podemos delimitar de maneira rígida que a mulher atleta somente se auto-perceba de uma única forma. Tendo em vista que em determinadas situações pode haver uma “mescla” dessas

percepções, vamos trabalhar com a ideia de predomínio de percepções entre o “corpo para si” e “corpo para o outro”.

Nessa esteira, questionamos as jogadoras se existe algum tipo de preocupação em estar bonita na hora do jogo. Para W.C. é:

[...] importante parecer feminina pra tirar esse preconceito de que quem joga futebol não se cuida. Eu sou vaidosa, quando minha unha está comprida está pintada, se o cabelo ta curto jogo com faixa. *Dentro das possibilidades que a modalidade oferece eu procuro estar feminina.* [em relação ao grupo] Existem meninas que se preocupam em parecer femininas, outras que se preocupam, mas que acabam não se parecendo, pois não tem um jeito feminino. Tem também aquelas que não se preocupam, e são mais largadas mesmo, mas são minoria. Tem a questão da homossexualidade, que são poucas que são, mas do jeito que falam parece que são todas.

Quando W.C. alega “[...] existem meninas que se preocupam em parecer femininas, outras que se preocupam, mas que acabam não se parecendo, pois não tem um jeito feminino” se remete ao que entendemos como *habitus* feminino, que por sua vez se pauta em uma centralidade, em uma normatividade de gênero que compõe em suas ações a fala, os gestos, o modo de se deslocar, de agir, o desenho corporal, dentre outras exteriorizações aprendidas principalmente na infância. Quando uma agente apresenta um *habitus* mais distanciado do centro, que é tomado como referência socialmente concebida, não consegue reproduzir com a mesma eficácia determinadas manifestações, tornando-se “desacreditada” de seu papel feminino. Para Bourdieu (2007a), os agentes são dotados de *habitus* que se manifestam, se exteriorizam por meio dos corpos, de modo que um corpo socializado é o resultado de investimentos construídos e adquiridos no curso de uma experiência social situada e datada.

Nessa observação mencionada por W.C., localizamos o que Bourdieu (2008) denomina de atitudes instauradas nos corpos, proferindo que, assim como conhecemos um pintor pelos traços, conhecemos uma mulher pelo seu jeito de andar, familiarizando-nos ou não com o estilo da ação. Tendo em vista que o padrão de percepção se pauta na dicotomia entre os gêneros, quanto mais feminina for uma mulher, maior é a distinção conferida.

J.S. segue argumentando de forma parecida com W.C., alegando que ao parecer bonita, a jogadora está contribuindo para a desmistificação da modalidade, o desmistificar da masculinização das futebolistas, e diz:

Eu acho que é importante, assim, até por que o futebol sempre foi visto como um esporte masculino, eu acho que assim não é porque você está fazendo um esporte que você tem que deixar de ser o que você é, se você é feminina tem que continuar sendo feminina, e pro *[sic]* futebol feminino eu acho que todas deveriam ser muito femininas, por que é o esporte. Eu gosto assim, eu sempre gostei de passar bastante perfume pro *[sic]* jogo, antes também e sem ser o jogo também, mas eu acho que é legal, até porque as pessoas que vem ver o jogo além de ver um esporte tá vendo as mulheres que também tem a sua beleza. Acho que isso é importante.

F.V. justifica sua preocupação em parecer bonita em campo dizendo:

Porque você tá muito em evidência dentro do campo, então é torcida, são seus pais, são amigos, é como se fosse um espetáculo, a hora que você vai subir no palco, você quer tá bem, então aqui eu digo que é o nosso palco. Eu trabalho com a parte técnica aqui, e os técnicos que não se preocupam deveriam se preocupar, a gente vai muito cedo pro *[sic]* vestiário, porque cabelo é a parte mais demorada [...] as meninas têm tempo pra arrumar o cabelo, ficam meia hora arrumando o cabelo, a chuteira, tem que estar limpa. As meninas são super vaidosas, as vezes dentro de campo não sei dá pra perceber, devido a garra não fica tão evidente, mas as meninas se preocupam bastante, posso dizer isso por mim, pelas meninas que jogam com a gente, então precisa ter bastante tempo pras meninas se arrumarem, por que elas chegam aqui e querem estar bonitas.

O cuidado com os cabelos, a limpeza do uniforme e das chuteiras, o perfume, em alguns casos a maquiagem, são estratégias que as jogadoras utilizam para veicularem uma imagem em conformidade com a centralidade do que se entende socialmente como feminino, no campo de futebol. Os discursos acima proferidos demonstram que existe a preocupação do corpo para o outro, mesmo quando o corpo para si é a ferramenta principal no jogo. Ou seja, em determinados momentos existe a preocupação do corpo para o outro, principalmente em momentos onde não há o contato físico, da mesma maneira que quando ocorre a necessidade física do jogo, o combate, a garra, o corpo para si entra em cena. Essas especulações podem ser visualizadas na fala de F.V. quando diz: “[...] as meninas são super vaidosas, às vezes dentro de campo não sei se dá pra perceber, devido a garra não fica tão evidente”.

Seguindo com a noção de predomínio da percepção do corpo para o jogo observamos que, quanto mais envolvida em espaços que encaram o futebol feminino de maneira mais profissional é a jogadora, ou a sua forma de conduzir a carreira no esporte se aproxima a essas prerrogativas, maior também é a

preocupação com o corpo para o jogo do que com a aparência. Tais apontamentos ficam evidentes no discurso de T.M.A. ao ser questionada quanto a preocupação em parecer bonita no espaço de jogo:

Não nunca me preocupei, meu cabelo sempre muito bem arrumado pra que não me atrapalhe, não passo maquiagem, claro um perfume, pra sair suada não fedida. O importante é a concentração pra entrar no jogo, você entra você tem uma partida pra ganhar, tem uma equipe por trás, um patrocínio por trás. É lógico uma arrumadinha no cabelo, brinco impossível colocar, a maquiagem você pode colocar, mas você vai suar, [...] uma depilação nas pernas, uma sobrancelha bem feita, faz bem pro ego. Não me preocupo com a minha imagem de estar bonita, *eu tenho mais preocupação em jogar bem do que estar bonita.*

A estética do corpo no futebol feminino apresenta-se de forma a atender aos anseios dos atributos de feminilidade, mas apesar de demonstrarem preocupação em se apresentarem em conformidade à normatividade de gênero, a preocupação maior recai sobre um corpo apto a atender as necessidades de jogo, um corpo saudável e bem preparado fisicamente é um corpo estético no entendimento das jogadoras. J.S. acredita que

[...] o corpo tem que tá em dia, porque a partir do momento que você tá muito acima do peso, você não consegue render, então eu acho que assim é complicado eu tá 5 ou 10kg acima do meu peso porque dentro de campo eu não vou conseguir render, então eu acho que é importante sim você estar bem fisicamente, e a beleza estética vem pela sua forma física. Ai a forma de cada uma se arrumar, tirar sobrancelha essas coisas todas aí é de cada uma. Mas fisicamente eu acho que teria que ser meio que obrigatório um corpo preparado pro jogo, por que senão você não consegue render 90 minutos ou até mesmo mais, estando mal fisicamente ou fora do seu peso, isso conta mesmo. [...] É complicado dizer isso aqui no PR por que o futebol não é profissional, então não tem como estar exigindo. Mas se você tem uma estrutura profissional, você é obrigada a tá preparada fisicamente, pra você poder render mesmo senão você não consegue render.

A legitimidade da mulher adulta no futebol recai tanto sobre o desenho de seus corpos, a *hexis* feminina, quanto sobre a habilidade e o condicionamento físico exigidos para a modalidade. Se antes, na infância para adentrar o espaço do futebol era necessário o capital social – de conhecer os meninos que permitiriam a entrada no jogo – e o capital físico – que se pauta nas habilidades de jogo –, na idade adulta e nas circunstâncias sociais atuais do futebol feminino, o capital físico ou simbólico que atrele o corpo preparado para a modalidade aos atributos de feminilidade é

imprescindível. Para T.M.A. os cuidados com a aparência física no contexto do jogo são essenciais, e diz:

Acho importantíssimo. Eu vivo do meu corpo, eu gostaria de comer tudo que eu pudesse, [...] eu tenho 29 anos, e há 12 anos que eu tenho esse peso, eu olho na balança diariamente, se eu engordei se emagreci, meço percentual de gordura, então eu tenho que me cuidar. [...] seleção brasileira exige todos exames médicos, físicos, [...] é importante que por eu estar usando meu corpo, eu cuide dele. Então é alimentação, a questão da recuperação, do repouso. Eu não sou uma pessoa normal que eu possa sair todos os dias da semana.

Em se tratando da realidade do NMFC, ela argumenta:

Apesar de as atletas estarem treinando duas vezes por semana, elas teriam que estar se cuidando as outras vezes. Primeiro pela falta de estrutura que a maioria tem que trabalhar e tem que jogar. [...] Essa é a diferença do amador pro *[sic]* profissional. [...] as próprias atletas [do NMFC] não tiveram estrutura de base, elas só jogam várzea todo o final de semana, e pra elas ta bom, e se você almeja uma coisa profissional dentro do futebol feminino, mesmo que ele não seja profissional, tem que se cuidar.

De forma contraditória, W.C. diz que se preocupa com a estética do corpo quando exemplifica: “Eu por exemplo, ganho massa muscular muito fácil, então vou para a academia e prefiro fazer exercícios de resistência pra não ficar com o corpo masculinizado.” Ao mesmo tempo, se refere ao futebol como um esporte que exige de seus praticantes o enfrentamento, “[...] o futebol é um esporte de contato, e não pode jogar mole, se não quer contato tem que jogar vôlei”.

De forma resumida à noção de incorporação de características sexuadas e sexualizantes que compõe o *habitus* feminino ou masculino, Bourdieu (2007a) evoca que o trabalho de transformação dos corpos, diferenciando-os sexualmente, produz *habitus* diferenciados e diferenciadores. De modo que a masculinização do corpo masculino e a feminilização do corpo feminino, além de tarefas infundáveis, exigem um gasto considerável de tempo e de esforços que vem a determinar a somatização da relação de dominação naturalizada.

Somado a isso, temos que o corpo feminino no esporte passa por processos que visam adaptá-lo às noções “universais” de feminilidade, que nada mais é que a ação da violência simbólica pautada em fundamentos ocultos de dominação masculina. A formação de um *habitus* da mulher esportista, ou no nosso caso, a

formação do *habitus* do futebol feminino, muitas vezes se localiza às margens da estrutura da normatividade de gênero, promovendo assim, o preconceito, as inquietações com relação à sexualidade das praticantes e por subsequência, a falta de incentivo.

4.5 GUERREIRAS DE CHUTEIRAS NA LUTA PELO RECONHECIMENTO

O preconceito “nos dá impressão de estar na ordem das coisas”⁷³ quando se trata de futebol feminino brasileiro. Apesar disso, as experiências apresentadas pelas entrevistadas relatam que por mais que exista preconceito ele não é e não foi suficiente para que abandonassem a prática. W.C. enfatiza que já sofreu preconceito, e diz “[...] acho que todas as meninas que jogam já sofreram ou sofrem algum tipo de preconceito”. J.S. não sofreu preconceitos diretos, contudo, alega que “[...] já vi olhares diferentes, ah você joga futebol? Que legal, mas é diferente né? Achei que só homem que jogava”, e ressalta que existiam muitas perguntas no início de sua carreira, dentre as quais cita: “dá pra viver do futebol? Dá dinheiro? É profissional? As quais hoje tomam um novo rumo, “você conhece a Marta?”.

T.M.A. afirma que já sofreu muito preconceito, e cita um exemplo:

É complicado às vezes quando perguntam o que você faz [...] em primeiro lugar sou atleta e depois professora de Ed. Física, aí as pessoas perguntam joga o que? Futebol, “ah que legal!” Muitas vezes você ouve um que legal não muito legal, mas isso nunca afetou. Eu nem vou estender muito com relação a isso por que o preconceito é tudo aquilo que as pessoas não entendem, não sabem e não vivem.

Para ela, o preconceito sempre vai vir de pessoas que não entendem a situação e que cabe a cada um aceitar ou não, “eu nunca aceitei”, revela. “Para as minhas atletas eu sempre digo, você joga futebol feminino é um esporte que está crescendo no Brasil, mas infelizmente você vai sofrer preconceito daqueles idiotas”.

F.V. é incisiva quando diz que nunca sofreu preconceito por ser jogadora de futebol, mas diz já ter presenciado o mesmo ocorrer com outras meninas, e

⁷³ Parafraseando Bourdieu (2007b), quando fala que “a biologia parece estar na ordem das coisas”.

comenta: “tem pais que dizem, vai treinar pra que? Não vai chegar a lugar nenhum”.

Ela prossegue contando:

Eu nunca tive preconceito. Sempre me abriu muitas portas, joga futebol? Que legal! Onde você joga? Jogo no Novo Mundo, todo mundo conhece, então pra mim o fato de jogar futebol sempre foi uma coisa muito positiva. Sei de meninas que já tiveram preconceito, sei de meninas que já sofreram com isso, eu particularmente nunca tive. Sempre chegava em um ambiente, joga futebol? Ah que legal, eu como professora de Educação Física, ô professora joga futebol? Então a turma inteira amava. Pra mim sempre era um a mais,

Ao se referir aos possíveis motivos que fazem com que as pessoas tenham preconceito frente ao futebol feminino, F.V. relata que:

Jogadora de futebol nem sempre se preocupa com sua imagem fora de campo, dentro de campo tá lá jogando certinho, mas o fora é muita indisciplina. Principalmente no adulto, não muito nas categorias de base. *Sai do jogo e vai tomar cerveja, vai fumar, já coloca o boné, ‘homossexualiza’, pega na mão da menina, já tá isso e aquilo.* Se eu falar pra você que o futebol feminino não tá em evidência total, muito é por causa das atletas. [...] Não se preocupam se tem pessoas olhando, saem daqui e começam a beber [...] e acabam influenciando as mais novas que estão começando, o ambiente do futebol é muito influenciável.

Além da indisciplina dos cuidados com a saúde como fumar e/ou ingerir bebidas alcoólicas, F.V. destaca que o preconceito para com as futebolistas pode estar relacionado com a forma como as jogadoras se portam fora do espaço de jogo, e entende que ações que aproximem a mulher de uma possível masculinização podem favorecer os questionamentos quanto à sexualidade. Na opinião da jogadora, quando algumas jogadoras saem de campo e usam boné (apetrecho culturalmente entendido e normalmente usado pelo público masculino que tem a finalidade de proteger/esconder os cabelos), ou “pega na mão da menina”, se referindo aos gestos que remetem à homossexualidade, acabam por subsidiar a reprodução da ideia de que o futebol masculiniza a mulher.

Ainda nesse discurso é possível constatar que a homossexualidade no NMFC é velada e acontece fora dos momentos de jogo ou de treino, longe do olhar de grande parte do público. Observação que foi relatada no início do presente capítulo quando optamos por não trabalhar com a categoria sexualidade, tendo em vista que se haviam ações dessa natureza, as mesmas não eram explícitas no espaço onde

observávamos (o campo e as arquibancadas). Em detrimento a essas informações ou a ausência de indícios, optamos por não questioná-las quanto à orientação sexual respeitando, sobretudo, a intimidade, pois a orientação não está explicitada e não aparece como fator importante na hora do treino ou do jogo.

Em se tratando da influência que o futebol pode promover nas jogadoras mais novas, tanto a escolinha quanto a categoria de base do NMFC, trabalham com algumas regras que visam manter esse novo formato do futebol feminino brasileiro, atrelado aos preceitos de feminilidade. Dentre eles “é proibido falar palavrão, treinar de boné, a camisa do uniforme precisa ser usada dentro do short”, F.V. prossegue dizendo: “a gente fala muito das questões da vestimenta, às vezes a gente vê a menina baixa o shorts, camiseta largada. E a que joga bem, a craque é a que mais influencia as mais novas, que vão imitando”. Essa imitação vai desde a forma de jogar, até o modo de se vestir, de se comportar, de cortar os cabelos.

Sem perder de vista que o futebol no Brasil é um espaço de dominação masculina e está imbuído de valores culturais que não incentivam as mulheres a praticarem a modalidade, do mesmo modo que as mulheres que iniciaram a prática em meados dos anos 1980 não esboçavam grande empreendimento com os cuidados da aparência física, o preconceito que recai sobre a corporalidade – e por conseguinte a sexualidade – da mulher futebolista é pautado da desconstrução do estereótipo de feminilidade.

Ao “feminilizar” a aparência dos corpos e dos uniformes, o *habitus* do futebol feminino busca certa aproximação com o *habitus* feminino de outros espaços sociais, promovendo mudanças – lentas e dentro de um limiar permitido simbólica e tacitamente pelos agentes dominantes, salientando que existe uma balança de poder, pois mesmo que os dominantes assim o sejam, os dominados ainda conseguem exercer pressão – na forma de apresentação em campo, na divulgação de seus produtos, no incentivo ao consumo dessa modalidade e também na busca por incentivo financeiro – patrocínios.

Bourdieu (1983a) descreve que o princípio das transformações das práticas e dos consumos esportivos deve ser buscado na transformação da oferta e da demanda. Para que o futebol feminino pudesse ser uma prática comercializável, ou com valor de mercado, algumas prerrogativas como a masculinização das praticantes precisam ser destruídas – na medida do possível – para outras como a

feminilização, ou a adaptação da feminilidade aos campos de futebol, possam ser construídas. Ao aproximar essa prática aos preceitos da normatividade de gênero, ocorre o que Bourdieu (1983a) denomina de transformações na oferta, que diz respeito às lutas de concorrência pela imposição da prática esportiva legítima e pela conquista de clientela. Já as transformações da demanda, correspondem a transformações mais demoradas e dispendiosas, transformações no estilo de vida, fato que justifica a adesão ou não a determinadas opções esportivas. Em se tratando do futebol feminino, historicamente e culturalmente revestido de questões dúbias sejam quanto a sexualidade ou quanto a capacidade física, essa transformação tende a ser demorada, principalmente por estar sob o comando de agentes dominantes dessa estrutura.

O descrédito quanto às habilidades físicas ou a sexualidade toma outro rumo quando as atletas chegam ao alto-nível, quando representam a Seleção Brasileira de Futebol Feminino, e principalmente quando fazem do futebol a sua profissão. Tendo em vista o amadorismo do futebol feminino no nosso país, quando as atletas atingem o ponto alto na carreira esportiva, que é representar a Seleção, as pessoas que antes não acreditavam, passam a ver as jogadoras com outros olhos. Para J.S. o fato de ter jogado no exterior e também na Seleção mudou a forma de como as pessoas a viam enquanto jogadora:

As pessoas começaram a me ver sim de uma forma diferente, até porque a gente começa de uma forma e as coisas vão melhorando, você acaba chegando no alto-nível do esporte. Então isso é onde as pessoas começam a te ver completamente diferente. Quando você começou quando você tá num clube pequeno. [...] Passam a respeitar mais, passam a te ver de uma forma melhor do que te viam. Mas conta muito o jeito de ser, por que não adianta ser uma jogadora de seleção e ser uma chata, mala. Mas pras pessoas conta muito aonde você chegou

A ida para a Seleção além de “reposicionar” as jogadoras na estrutura do futebol feminino legitimam-nas no seu clube, pois, como W.C. nos contou, “passei a ganhar mais por jogo”. T.M.A. alega que estar na seleção é o que toda jogadora quer, mas que para esse feito se concretizar é preciso um investimento na modalidade, e diz:

Quando você está na seleção brasileira você passa a ser muito visada pra bom e pra ruim. Tem que estar apto a aceitar as duas situações. Há muitos

anos eu jogo então as pessoas me conhecem por que eu jogo, Às vezes as pessoas nem me conhecem, mas já ouviram falar de mim. Ai quando as pessoas vêem você na seleção oh ela conseguiu chegar. Eu luto há 15 anos com o futebol feminino. Jogo a 15 anos e a consolidação de estar na seleção se é assim que eu posso dizer, é devido a um trabalhão que eu fiz, há 10 anos, há 15 anos atrás, então é sempre o auge de todo o jogador querer estar lá. As pessoas mudam com relação a pensar: será que ela tá ganhando dinheiro? Não se ganha bastante dinheiro com o futebol feminino.

Nem todas as jogadoras que passam pela seleção conseguem fazer do futebol uma profissão e viver dele. W.C., diz ainda não ter o futebol como uma profissão, pois, “tenho outro trabalho há sete anos, mas sou liberada para os jogos. Existem algumas propostas para ter o futebol como profissão, mas ainda estou analisando”.

Já J.S. diz:

Pra [sic] mim é [uma profissão], sempre foi. Eu saí pra jogar pra fora com uns 14 ou 15 anos até os 18 eu ia pro [sic] interior de SP, só jogava final de semana e eles me pagavam. Depois que fui pro [sic] futebol de alto nível, profissional, foi meu sustento, sempre o meu trabalho foi o futebol.

T.M.A. enfatiza:

Eu considero o futebol minha profissão faz 15 anos. Eu levo meu futebol como profissão, o dia que eu deixar de levar eu paro de jogar porque ai [sic] eu não vou ter tempo de treinar todos os dias eu não vou ter tempo de manter meu corpo em ordem todos os dias, meu psicológico todos os dias bem. Então o dia que eu começar a perceber que eu comecei a ser amadora, por mais que o futebol feminino é amador no Brasil, se você tem um pensamento de amador, você nunca vai conseguir estar numa boa equipe, ou num bom clube [...] o futebol pode ser amador, você é que não pode ser.

F.V. pode dizer que tem o futebol como uma profissão, pois “trabalho com ele, recebo por ele, eu ganho pra isso hoje em dia, eu graças a Deus não jogo mais de graça, hoje em dia o futebol feminino não se joga mais de graça”. Sobremaneira, ela trás a tona a opinião de que o fato de as atletas não jogarem gratuitamente foi um avanço e ao mesmo tempo prejudicial, pois, de acordo com ela

[...] criou-se um mau costume das atletas. Então assim, as atletas não jogam se não ganhar alguma coisa, nem que seja um X-salada, alguma coisa. Isso prejudicou e foi uma evolução. Prejudicou por quê? Porque existem poucas pessoas que querem por dinheiro pra dar pras atletas,

porque não tem retorno. O empresário, ou aquela pessoa que quer investir aquele dinheiro, que bom! Então aquela equipe é boa, Novo Mundo, e os outros? Que não tem condições e tem meninas querendo jogar? Então acabavam sendo prejudicados, tanto que nosso campeonato paranaense tinha quatro equipes não porque não tenham meninas pra jogar, porque não tem incentivo, não tem uma verba pra que coloque essas meninas pra jogar. O Novo Mundo ficou elitizado, porque tinha presidente, pagavam as meninas por mês, então as melhores jogavam aqui, e os outros times que não tinham muito dinheiro acabavam não entrando porque não tinha incentivo.

O discurso de F.V. evidencia nuances da violência simbólica a qual a modalidade e as jogadoras sofrem pela falta de apoio dos agentes que ocupam posição de destaque no subcampo do futebol. A dominação masculina que é exercida pela ausência de incentivo por parte dos agentes em posição de destaque e dominantes nesse espaço, aparece de forma naturalizada quando alega que “criou-se um mau costume das atletas [...] elas não jogam se não ganhar alguma coisa”, explicitando e reproduzindo a visão masculina de que o futebol feminino é amador e não precisa de maiores incentivos. Do mesmo modo, esse relato vislumbra que para que tenham equipes suficientes para a organização de campeonatos, as jogadoras deveriam jogar sem cobrar, tendo em vista que não há incentivo financeiro por parte dos demais clubes.

Em vista da ação e incorporação da dominação, salientamos com base em Bourdieu (1996), que não são evidentes, e sim, camufladas a tal ponto que muitas vezes os que sofrem não a percebem. Como é o caso descrito acima, quando a própria jogadora, entende que as demais jogadoras não deveriam cobrar, pois assim teríamos mais equipes, e talvez, mais campeonatos.

Relembrando que a grande maioria os cargos de destaque nas federações ou na direção dos clubes são ocupados por homens, as jogadoras são unânimes em proferir que um dos maiores desafios para o futebol feminino brasileiro é a falta de incentivo. W.C. soma à falta de incentivo o preconceito como uma das grandes barreiras para o desenvolvimento da modalidade. T.M.A. segue na mesma linha de pensamento e alega: “se não tem calendário fica difícil ter patrocínio”. E segue elencando mais alguns desafios para que o futebol feminino cresça no Brasil:

Primeiro as jogadoras, que infelizmente nem todas elas tem estrutura para serem profissionais. [...] O fato da falta de estrutura do futebol feminino faz com que as jogadoras não se tornam profissionais ou não queiram se tornar profissionais por que ele não é levado muito a sério por parte de algumas,

por parte das próprias pessoas que trabalham com o futebol feminino. A maior receita hoje é que as federações, confederações do Brasil, promovam campeonatos, essa é a maior dificuldade hoje. Porque existe a demanda de meninas querendo jogar, existem meninas com técnica, existem meninas com vontade de jogar, existem boas profissionais do futebol. Às vezes os clubes não se mantêm pelos campeonatos que não tem.

A falta de incentivo para um calendário anual, também é destacado na fala de F.V.:

A falta de calendário e de competição prejudica que você tenha uma equipe jogando o ano inteiro, então as meninas acabam indo pra outros países, jogar em outros lugares porque aqui não estão sempre jogando, não estão sempre em evidência, eu acho que isso é uma dificuldade. [...] Se você é uma atleta de ponta de alto-nível, dificilmente você fica no Brasil se você tem a oportunidade de jogar fora, porque a cultura deles é diferente, e o retorno financeiro deles é muito maior, por isso a gente não consegue manter uma atleta aqui, a gente não consegue manter Marta e Cristiane aqui. Elas são super reconhecidas aqui, mas financeiramente não são reconhecidas. Maior desafio, eu vou dizer a falta de incentivo. A maioria das atletas para porque não tem incentivo, e porque chega 18 anos você tem que trabalhar e jogar. Se até os 18 anos o futebol não te deu nenhum retorno, então você tem que trabalhar.

A estrutura amadora seja nas ações das jogadoras, das confederações e federações, dos dirigentes dos clubes aparece como grande empecilho para que a modalidade se profissionalize. Ou talvez, a forma como os agentes dominantes vêem e administram a modalidade demonstrando certo descaso na gestão esportiva do futebol feminino, pois, como as entrevistadas alegaram, a falta de calendário impulsiona tantos outros problemas, como a falta de patrocínio, a dificuldade de sobreviver financeiramente do futebol, a dificuldade de manter o condicionamento físico exigido pela modalidade, e como consequência a permanência às margens da estrutura do futebol.

Com relação às melhorias ao futebol feminino, J.S. em forma de desabafo relata:

A gente não ganhando nada não melhora, A gente ganhando alguma coisa não melhora, então o desafio é saber o que precisa pra poder deslanchar. Por que pra uma Seleção que não tem apoio chegar ao segundo do mundo nas Olimpíadas, eu acho que realmente tem muito potencial, e se tiver apoio, não tem nem o que discutir. No Brasil tem muitas jogadoras boas, de qualidade mesmo, só que não tem apoio, não tem patrocínio, não tem campeonato não tem calendário, então isso deixa muita coisa pra trás, é

bem limitado. O desafio é que as coisas possam melhorar muito em termos de ajuda de campeonato.

A fim de encontrar possíveis soluções para esse “impasse”, ela profere:

Se cada clube masculino pegasse 1%, 2% e vai dar pro [sic] feminino, se cada clube tivesse um feminino você imagina como seria ótimo. Primeiro por que clubes grandes chama muito mais atenção, tem os torcedores, o público, já olhariam pras coisas diferentes. Os torcedores sempre estão nos times grandes, e os times que se destacam no feminino, não tem tanto destaque no masculino. Se cada clube montasse um time feminino, já ia ser muito mais fácil de ter patrocínio pra um Atlético, pra um São Paulo do que pra um Novo Mundo. Eu acho que ainda tem muito machismo, ai eles não abrem espaço para as mulheres [assumirem cargos nas federações].

A ausência de mulheres em cargos de destaque na gestão esportiva dos clubes é um “reflexo contextualizado” da ausência das mulheres em ambientes públicos e políticos do final do século XIX. Nessa esteira, Bourdieu (2007b) descreve que o mundo social funciona como um mercado de bens simbólicos dominado pela visão masculina, e assim, marcado pelas categorias de percepção e análise de cunho masculino. Nesse âmbito, ser feminina é evitar todas as práticas que podem funcionar como sinais de virilidade, dentre elas, principalmente cargos políticos ou administrativos no que se refere ao futebol⁷⁴.

Tomando por base todos os depoimentos descritos até aqui, instigamo-nos a conhecer qual a visão das entrevistadas sobre mulheres brasileiras que jogam futebol, a palavra chave foi “guerreira”. Essa palavra diz respeito a luta constante das agentes dominadas no subcampo do futebol pela legitimação da condição de entrada e manutenção nessa estrutura.

W.C. define a mulher brasileira que joga futebol como uma guerreira, e diz: “por tudo que a gente enfrenta para poder jogar”, F.V. complementa:

Primeira palavra é *guerreira*, porque tem muitos desafios, muitos obstáculos que tem que passar, então é muita dificuldade. Então eu acho que a mulher é guerreira tem muita força de vontade, porque não é aquele esporte que você chega e consegue tudo, que você já tem o seu reconhecimento, então você passa por muitas coisas, digamos, ruins pra você estar onde você

⁷⁴ Abrimos um parêntesis para relatar a presença de uma mulher na presidência de um dos maiores clubes de futebol (masculino) no Brasil, o Clube de Regatas do Flamengo, Patrícia Amorim. Também sublinhamos que, embora as mulheres ainda sejam minoria no subcampo do futebol, algumas mulheres vem há alguns anos ocupando esse espaço no papel de árbitras.

está. Vou falar por mim, já saí de campo com a equipe toda querendo me bater, então já tive que sair com polícia essas coisas todas, então são barreiras, são coisas que a gente enfrenta que talvez em outros esportes você não precisa se expor dessa maneira. Então te digo que a mulher é guerreira, por que ela passa por um monte de dificuldade, às vezes vai ter que viajar, ir pra campeonato tirando dinheiro do seu bolso. Então a mulher tem muita vontade, muita garra pra continuar, senão ela para. Pessoa que não tem muita personalidade pra ta aqui desistem, porque os desafios são muito grandes e dentro de tudo isso você enfrenta lesões que acontecem dentro do clube que não tem apoio do clube. Eu conheço muitas meninas que pararam por causa de lesão, então tem que ter a cabeça muito forte. É você e você. Você vem correr por conta própria, se prepara, pra que? Buscando a incerteza,

O elemento personalidade, também aparece no discurso de T.M.A.

Eu definiria como uma mulher diferente em relação a personalidade, primeiro a mulher que joga futebol já é uma *guerreira*, se é um termo que eu posso usar, por que praticar futebol feminino no Brasil, já tem que ter muito mais do que uma mulher comum, tem que ser uma mulher que busca o que quer. Nós não somos um país do futebol feminino e não seremos tão cedo, nós estamos muito atrás do masculino. Nós não nascemos num país europeu ou norte americano que as meninas começam a jogar cedo. A gente começa tardiamente, luta-se por esse espaço e de repente quando consegue, não tem calendário pra disputar. Aí somos obrigadas a sair, jogar fora.

J.S. corrobora as alegações anteriores e traz à tona a igualdade na prática dentro de campo, igualdade nas regras, mas não nas condições e incentivo à prática.

Eu defino como *guerreira*, persistente e às vezes cabeça dura. Olha a gente bate a cabeça, a gente fala: vai mudar, e não muda. Eu acho que a mulher brasileira no futebol feminino é uma mulher de talento, uma mulher que tem qualidade, que tem muita garra, porque eu conheço mulheres que tem filho, marido, e sempre arrumam um tempo pro futebol. Eu acho que a mulher brasileira é um arraso. O futebol dentro de campo a gente sabe que é a mesma coisa, mas fora é que temos essas dificuldades.

Ao se “auto-intitular” como guerreiras, as jogadoras entrevistadas deixam transparecer nos seus discursos a dificuldade ou, a “batalha” que enfrentam para se estabelecerem como jogadoras de futebol, seja na infância, quando lutavam por um espaço no time de meninos; na adolescência quando procuravam por escolinhas para se especializarem na modalidade; ou na vida adulta, quando lutam por poder viver (no sentido de ter o reconhecimento financeiro e profissional) do futebol.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No senso comum o futebol feminino brasileiro é revestido por atributos peculiares, dentre os quais podemos citar: a curiosidade, o preconceito, a desconfiança, o desconhecimento, o descrédito. Talvez possamos estar exagerando nos predicados que desconstroem a modalidade, mas a realidade que passamos a vislumbrar e a entender após a construção dessa dissertação nos mostra o quão trabalhoso e estratégico é o percurso das mulheres para adentrarem e se estabelecerem em uma área de dominação masculina tão explícita e determinante quanto o futebol.

Entendendo o subcampo do futebol como um espaço de dominação masculina somado ao apanhado histórico já apresentado, que denota a influência política e cultural restringindo as práticas esportivas femininas, dentre elas o futebol – materializado no Decreto-Lei 3.199 –, identificamos que as preocupações ou construções do que era/é socialmente e culturalmente esperado para a mulher, ou para o gênero feminino, pairavam/pairam sobre o corpo.

Com o passar do tempo a mulher foi ocupando diferentes espaços nas mais variadas estruturas sociais, entre elas e especificamente nesse trabalho, no espaço dos esportes e no subcampo do futebol. Com isso, a fronteira entre assumir um único “papel de gênero” ou um único “*habitus* feminino” foi alargada, ou, dito de outra forma, as dicotomias de gênero entre papéis sociais para homens e papéis sociais para mulheres tiveram suas fronteiras borradas. No entanto, quanto mais próximo a essa centralidade de gênero estiverem as ações práticas das mulheres/atletas, mais femininas são denominadas, classificadas, ou legitimadas.

Transportando essa discussão para o campo esportivo, onde o corpo é a peça fundamental para qualquer prática, e também para o subcampo do futebol, espaço de reprodução de significados de masculinidade, notamos que as jogadoras no decorrer da história da modalidade buscaram de diferentes estratégias para a legitimação nesse espaço.

Inicialmente, em meados dos anos 1990, as ações estratégicas visando a legitimação nesse subcampo estavam centradas em se parecer com os agentes

dominantes (homens), incorporando à estrutura do futebol feminino características do futebol praticado pelos homens, como: cabelos curtos, roupas maiores, um corpo especificamente voltado à *performance* em detrimento aos cuidados com a aparência física de acordo com as prerrogativas socialmente construídas de gênero.

Entendemos que, como as jogadoras assumiram essas disposições para a ação no subcampo do futebol, se distanciassem da centralidade dos papéis de gênero e, algumas questões referentes à sua sexualidade foram levantadas e veiculadas nos meios de comunicação, reforçando o estigma de que as jogadoras de futebol eram menos femininas, em seu gênero e em sua sexualidade.

Um segundo momento, iniciado por volta dos anos 2000, marcou uma nova fase no futebol feminino. Nesse período, as jogadoras passaram a utilizar estratégias de entrada e manutenção diferenciadas da década anterior, incorporaram à estrutura do futebol feminino atributos socialmente entendidos e aceitos como de feminilidade em outros campos, para o campo esportivo.

Os uniformes passaram a ser mais curtos e ajustados ao corpo, ao invés de cabelos curtos, as jogadoras se apresentavam em campo com cabelos longos, sempre que possível apresentavam-se de modo a reforçar os “atributos de feminilidade” sem deixar de lado a preocupação e a dedicação à *performance* esportiva.

Essa estratégia incorporada pelas jogadoras para legitimar a feminilidade no futebol, também pode ser analisada como uma estratégia de mercado ao explorar uma nova oferta: a espetacularização dos corpos femininos no futebol. Para que se consuma essa nova oferta, devemos ter em mente que uma nova demanda também precisará ser criada, sem perder de vista os aportes históricos arraigados à modalidade que, a nosso ver, dificultam esse processo.

Considerando que o futebol feminino no Novo Mundo Futebol Clube teve seu início nos anos 2000, ou seja, quando o futebol feminino nacional passava por uma nova fase, onde eram utilizadas estratégias de pertencimento que visavam atrelar a feminilidade à *performance*, recuperamos a questão central que organizou o presente estudo: *como se dá o processo de incorporação das disposições para a ação das jogadoras do Novo Mundo Futebol Clube no subcampo do futebol?*

A fim de responder a esse questionamento, organizamos as informações produzidas pelas observações, entrevistas e pela análise teórica em três principais

pontos, mais bem explorados no capítulo IV, são eles: disposições iniciais para a prática: a criação de um *habitus* futebolístico; estratégias de legitimação de um *habitus* feminino em um espaço de dominação masculina; e, guerreiras de chuteiras na luta pelo reconhecimento.

Visando entender como se dá o processo de incorporação das disposições para a ação no subcampo do futebol, com base nas informações supracitadas, inicialmente investigamos a formação de um *habitus* futebolístico que ocorre ainda na infância. As quatro jogadoras entrevistadas relatam que tiveram o primeiro contato com o futebol por intermédio de familiares homens, duas delas começaram a gostar do – até então – jogo por ser preferência esportiva do pai, ex-jogador; uma, por influência dos tios, que jogavam profissionalmente; e outra, incentivada pelos primos para poder participar das brincadeiras.

Na infância a estratégia de entrada das jogadoras entrevistadas nos times formados por meninos era a habilidade esportiva, a qual foi sendo aprimorada ao freqüentarem escolinhas de futebol. Relatam que eram escassas as escolinhas exclusivas para meninas, tendo assim, que treinar com meninas de idades mais avançadas ou com os meninos.

De acordo com as condições apresentadas pelas jogadoras do Novo Mundo Futebol Clube, alegamos que seguir carreira no futebol feminino é atribulado, pois além do calendário reduzido e do pouco apoio financeiro, as jogadoras precisam ter outros empregos para se manterem financeiramente, fato que resulta em somente um dia de treinamento por semana. Sendo assim, são as próprias atletas que organizam suas rotinas de treinamento físico fora do clube.

Mesmo com tanta dificuldade de se manter no futebol, ele aparece nesse contexto como uma “alavanca” social, proporcionando a essas jogadoras a oportunidade de cursar o ensino superior, ou quando são contratadas profissionalmente em outros países – como foi o caso de duas das entrevistadas – as oportunidades se ampliam. Desde o conhecimento de uma nova língua, viagens, bem como, o retorno financeiro.

Como já mencionamos anteriormente, na infância e na adolescência a estratégia para a entrada nos times de futebol formados por meninos era a habilidade física. Contudo, quando essas jogadoras passaram a fazer parte de equipes femininas e a disputar campeonatos, além da preocupação com a

performance, existia também, mesmo que em menor escala, a preocupação em “parecer feminina”.

As estratégias de legitimação de um *habitus* feminino em um espaço de dominação masculina são identificadas no Novo Mundo Futebol Clube de modo mais expressivo na modificação dos uniformes, nos cabelos compridos, nas unhas pintadas, no enfoque midiático que exaltava esses atributos. Esse novo perfil do futebol feminino apresentava jogadoras habilidosas e femininas, preocupadas com uma faceta mais sensual do esporte, mas, sobretudo exaltando as habilidades esportivas.

No ano de 1941 o futebol foi uma prática proibida para as mulheres por masculinizar seus corpos e funções, teve sua liberação por lei no início da década de 1980, onde passou por questionamentos severos relacionados à sexualidade das jogadoras. Marcou os anos 1990 com as participações da seleção feminina de futebol em eventos esportivos mundiais, na qual, grande parte das jogadoras tinha cabelo curto, o uniforme feminino tinha tamanho e formato muito próximo ao usado pela equipe masculina, atributos que distanciavam essas mulheres da centralidade (esperada) de gênero e fomentavam os questionamentos preconceituosos de que “o futebol masculiniza a mulher”. Na década de 2000 assumiu uma “nova fase” agregando aos elementos de jogo características socialmente entendidas como de feminilidade, ou seja, o futebol passou por um processo de exacerbação de disposições para a ação entendidas como de “feminilidade”.

Mas, mesmo após esse processo que reformulou a apresentação das jogadoras ao longo da história do futebol, nos cabe uma inquietação: se a masculinização da mulher fomentada pela prática do futebol pairava na apresentação dos corpos, como explicar o contínuo descaso para com a modalidade mesmo quando essas jogadoras incorporaram ao seu *habitus* futebolístico estratégias de um *habitus* feminino?

A dominação masculina que *tinha* como escudo a violência simbólica por meio da masculinização dos corpos femininos, – entendemos que em vista do processo de feminilização e de espetacularização dos corpos femininos no esporte e, igualmente no futebol, somente o argumento da masculinização dos corpos femininos não se sustenta – se apresenta também, nos cargos políticos que gerenciam e organizam o futebol.

A ausência de mulheres nesses cargos demonstra que a dominação masculina vai além das questões corporais generificadas materializadas nos campos de futebol e assume posição de destaque no descaso apresentado pela gestão esportiva que organiza o futebol feminino.

Os agentes dominantes do subcampo do futebol permitem que exista o futebol feminino, mas não que se desenvolva. Do mesmo modo que são esperadas grandes conquistas nos Mundiais e Jogos Olímpicos, ou mesmo nos campeonatos regionais e estaduais, sem que ocorram grandes investimentos.

Uma possível hipótese para entender esse fato recai sobre a ausência de distinção que essa modalidade confere às praticantes, da mesma forma que não podemos perder de vista que o futebol no Brasil assume um caráter identitário masculino e, que os agentes que atuam na gestão esportiva da modalidade são homens. Assim como, são homens os responsáveis pelo futebol feminino no Novo Mundo Futebol Clube, onde foi possível observar e também foi relatado pelas jogadoras, que existe o anseio pela profissionalização, mas que a gestão ainda é amadora.

Para melhor entender a realidade de luta com pouco investimento, parafraseamos uma jogadora entrevistada, quando diz: “Se a gente ganha não muda nada e, se perde também não muda”. Trazemos à tona o nosso terceiro e último tópico para responder a nossa questão norteadora: “guerreiras de chuteira na luta pelo reconhecimento”.

Dentre os três pilares que organizaram a nossa resposta para a questão norteadora, a perseverança, a força de vontade, ou nas palavras das próprias jogadoras, a “garra” que as jogadoras do Novo Mundo Futebol Clube descreveram possuir para continuarem na modalidade, foi um fator importante na constituição das disposições para a ação no subcampo do futebol. Como já mencionamos em diversas passagens, para seguir carreira no futebol feminino brasileiro é necessário que se vençam barreiras impostas por fatores generificados e impregnados à história da modalidade.

Frente ao contexto apresentado até o presente momento, identificamos que o processo de incorporação das disposições para a ação das jogadoras do Novo Mundo Futebol Clube no subcampo do futebol se inicia ainda na infância pelo gosto da prática e por enfrentar algumas situações de resistência não comuns às outras

modalidades esportivas. Na idade adulta, o processo de incorporação das disposições para a ação no subcampo do futebol sofre influência das estratégias de mercado que passa por um processo de “feminilizar” a modalidade e, por conseguinte, os corpos – *hexis* – das jogadoras. A “garra” realçada nas declarações das jogadoras apresenta-se como uma disposição inicial para a ação nesse subcampo, perpassando os momentos da infância, adolescência e da vida adulta, quando a “batalha” dessas guerreiras é fazer do futebol a sua profissão.

Tomando por base as informações apresentadas até então, reiteramos nossa hipótese de que as jogadoras assumem disposições para a ação no subcampo do futebol que as aproxime das disposições para a ação de um *habitus* entendido socialmente como feminino, mas sem abandonar ou “deixar de lado” uma postura técnica que vise a *performance* e a qualidade de jogo.

Desse modo, mesclam as disposições de um *habitus* futebolístico historicamente associado às disposições masculinas, com um *habitus* que em sua constituição apresenta disposições socialmente entendidas como femininas geradas em outros espaços sociais, que passam por adaptações e/ou adequações ao serem incorporadas ao espaço esportivo e ao subcampo do futebol. Originando assim, a individualidade do *habitus* do futebol feminino brasileiro, ou o *habitus* do futebol praticado por mulheres no Brasil.

Essas constatações nos permitem vislumbrar a possibilidade de estudos posteriores envolvendo um número maior de equipes de futebol feminino a fim de evidenciar (com base em um arcabouço maior de dados) a existência de um *habitus* feminino no futebol. Como também, em se tratando de sugestões para um estudo futuro, temos como proposta a investigação de subcampos esportivos nos quais as mulheres se apresentam como dominantes e os homens é que assumem o papel dominado na luta pela legitimidade no espaço esportivo, bem como, estudos que pudessem auxiliar o entendimento que a influência política teve na construção dos corpos a partir da delimitação ou, da determinação de práticas esportivas generificadas e generificadoras no início do século XX, especificamente em se tratando do decreto 3.199, dentre tantas outras opções.

Enfim, um leque de novas possibilidades de estudo se abre ao longo da elaboração de um trabalho científico, da mesma forma que as disposições para o “fazer sociológico” passam a fazer parte do nosso *habitus*, e das nossas vidas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. *Fontes orais: Histórias dentro da história*. In: Fontes Históricas. Pinsky C. B. (Org). São Paulo, 2010.

BARROS, A.; LEHFELD, N. *Fundamentos de Metodologia: um guia para a iniciação científica*. McGraw-Hill, São Paulo, 1986.

BATESON, G. et al. *A Note on the Double Bind*. 1962.

BENTO, B. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BINDER, A. Novo Mundo x Santos será no Couto Pereira. *Gazeta do Povo: Esportes*. Disponível em:
<<http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/conteudo.phtml?id=940846>> Acesso em: 01/02/11.

BONNEWITZ, P. *Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu*. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOURDIEU, P. A economia das trocas linguísticas. In: ORTIZ, R (org.) *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983b.

_____. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2008.

_____. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1999a.

_____. *A miséria do mundo*. Tradução de Mateus S. Soares. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1999b.

_____. *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007a.

_____. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007b.

_____. *Razões práticas*. Campinas: Papirus, 1996.

_____. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1997.

_____. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. *O Senso Prático*. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983a.

BOURDIEU, P; WACQUANT, L. *Una invitación a la sociología reflexiva*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2008.

BRASIL. Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=152593>>. Acesso em: 09/09/2010.

BRASIL. Lei nº 6.251, de 8 de outubro de 1975. Disponível em: <<http://www3.dataprev.gov.br/SISLEX/paginas/42/1975/6251.htm>>. Acesso em 09/09/2010.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Louro, Guacira Lopes. (Org). Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

CARMONA, L.; POLL, G. *Almanaque do futebol*. Casa da Palavra: COB. Rio de Janeiro, 2006.

COSTA, A. A. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. *Gênero*, Niterói, v. 5, n. 2, p. 9-35, 2005.

DAMO, A. S. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DARIDO, S. C. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. *Motriz*, Rio Claro, v. 8, n. 2, p. 43-49, 2002.

DEVIDE, F. P. *Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

DIÁRIO POPULAR. Curitiba: ed. Diário Popular Ltda, 13 jun, 1995.

DIÁRIO POPULAR. Curitiba: ed. Diário Popular Ltda, 19 set, 1996.

DUNNING, E; MAGUIRE, J. As relações entre os sexos no esporte. *Estudos Feministas*, 1997.

FERNANDES, A. K. *A história do futebol feminino na cidade do Rio de Janeiro*. TCC (especialização em futebol). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.
Disponível em: <<http://www.sintrefutjrj.com.br/historiafutfemininoandrea.pdf>>. Acesso em: 10/08/11.

FIFA, *Copa do Mundo Feminina da FIFA Suécia 1995*. Disponível em: <<http://pt.fifa.com/tournaments/archive/womensworldcup/sweden1995/overview.html>>. Acesso em 20/08/2011

FIFA, *Health and Fitness for the Female Football Player: A guide for players and coaches*. Disponível em: <http://www.fifa.com/mm/document/afdeveloping/medical/ffb_gesamt_e_20035.pdf>. Acesso em: 10/09/2010.

FIFA, *O jogo feminino*. Disponível em:
<<http://pt.fifa.com/aboutfifa/footballdevelopment/technicalsupport/women/index.html>>
. Acesso em 20/08/2011.

FIFA, *Player Health*. Disponível em:
<<http://www.fifa.com/aboutfifa/developing/medical/playerhealth.html>>. Acesso em:
20/05/2011.

FLICK, U. *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*, 2.^a ed., Ed.Monitor, 2005.

FRANZINI, F. Futebol é "coisa para macho"?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

FREITAS, B. Meninas encantam, mas falham na final e ficam no quase de novo. Olimpíadas 2008: *Medalha brasileira*. UOL. Disponível em:
<<http://olimpiadas.uol.com.br/2008/quadro-de-medalhas/brasileiros/selecao-feminina.jhtm>>. Acesso em: 17/07/11.

GAZETA DO POVO. Curitiba: ed. Gazeta do Povo S/A, 17 set, 1998.

GAZETA DO POVO. Curitiba: ed. Gazeta do Povo S/A, 21 out, 2007.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GODOY, A. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOELLNER, S. V. As atividades corporais e esportivas e a visibilidade das mulheres na sociedade brasileira do início deste século. *Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 47-57, 1998.

_____. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica*. Ijuí: Unijuí, 2003a.

_____. O esporte e a espetacularização dos corpos femininos. *Labrys: Estudos Feministas*, n. 4 ago/dez. 2003b.

_____. Imperativos do ser mulher. *Motriz*, Rio Claro, v. 5, n. 1, p. 40-42, 1999.

_____. Prefácio. In: KNIJNIK, J. D. (Org). *Gênero e Esporte: masculinidades e feminilidades*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

_____. Mulher e esporte em perspectiva. Disponível em: http://www.cbtm.com.br/scripts/arquivos/esporte_mulher.pdf. Acesso em 21/08/2010a.

_____. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a Prática*. v. 8, n 1, p. 85-100, 2005a.

_____. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-51, 2005b.

GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar - como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2007.

_____. (org.), *Nu e Vestido: Dez Antropólogos Revelam a Cultura do Corpo Carioca*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

JAEGGAER, A. *Mulheres Atletas e a Potencialização Muscular e a Construção de Arquiteturas Corporais no Fisiculturismo*. Tese de doutorado. Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

KESSLER, C. S. *Entra aí pra completá': narrativas de jogadoras do futsal feminino em Santa Maria – RS*. Dissertação de mestrado (mestrado em ciências sociais). Universidade Federal de Santa Maria, 2010.

KNIJNIK, J. D. *Femininos e masculinos no futebol brasileiro*. 475 f. Tese (doutorado em psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-27032006-074510/>>. Acesso em: 20/08/2010.

KNIJNIK, J.D.; VASCONCELLOS, E.G. Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil. In: COZAC, J.R. (Ed.). *Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte*. São Paulo: Annablume/Ceppe, 2003.

LAGRAVE, R-M. A lucidez dos dominados. In: ENCREVÉ, P; LAGRAVE, R. (orgs.) *Trabalhar com Pierre Bourdieu*. Rio de Janeiro: Bertrand.

LENK, M. *Braçadas e Abraços*. Rio de Janeiro: Bradesco, 1982.

MARCHI JÚNIOR, W. *“Sacando” o Voleibol*. São Paulo: Hucitec; Ijuí: Unijuí, 2004.

_____. Como é possível ser esportivo e sociológico? In: Ademir Gebara; Luiz Alberto Pilatti. (Org.). *Ensaio sobre história e sociologia nos esportes*. 1 ed. Jundaí: Fontoura, v. 2, p. 159-195, 2006.

_____. Bourdieu e a teoria do campo esportivo. In: Marcelo Proni; Ricardo Lucena. (Org.). *Esporte: história e sociedade*. Campinas: Autores Associados, p. 77-111, 2002.

MARTINS, K. Futebol feminino em Curitiba luta por reconhecimento. *Jornal da Comunicação*. Disponível em: <<http://www.jornalcomunicacao.ufpr.br/node/7660>>. Acesso em: 11/09/2010.

MARTINS, L. T.; MORAES, L. O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. *Pensar a Prática*. Goiânia, v.10, n.1, p.69-81, 2007.

MICELI, S. Introdução: a força do sentido. In: BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007, pp. VII-LXI.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde*. 2ª edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 2000.

MOREL, M.; SALLES, J. C. C. *Futebol feminino*. Atlas do esporte no Brasil. Disponível em: <www.atlasesportebrasil.org.br>. Acesso em: 20/07/11.

MOURA, E. J. L. *As relações entre lazer, futebol e gênero*. 125f. Dissertação (mestrado em educação física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

MOURA, L; SANTOS, G; BENTO, F; LOVISOLO, H. Esporte, mulheres e masculinidades. *Revista digital Esporte e Sociedade*. Ano 5, n 13, 2009.

MOURÃO, L. A imagem da mulher esportista nos Jogos da Primavera dos anos 50. In: VOTRE (org.). *A representação social da mulher na educação física e no esporte*. Rio de Janeiro: Editoria Central, UGF, 1996.

_____. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. *Movimento*, n 13, p. 5-18, 2000.

MOURÃO, L.; MOREL, M. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 26, p. 73-86, 2005.

MULFORD, L. *Evolução do Futebol Suburbano*. Suburbana. Paraná Online, 30/01/2003. Disponível em: <<http://www.parana->

online.com.br/colunistas/13/4730/?postagem=EVOLUCAO+DO+FUTEBOL+SUBURBANO> Acesso em 10/07/11.

_____. *O estádio do Novo Mundo*. Suburbana. Paraná Online, 30/01/2004.
Disponível em: <<http://www.parana-online.com.br/colunistas/13/14465/?postagem=O+ESTADIO+DO+NOVO+MUNDO>>.
Acesso em: 10/07/11.

NEVES, J L. Pesquisa qualitativa características, usos e possibilidades. *Caderno de pesquisas em administração*. São Paulo, v. 1, n. 3, 1996.

NICHOLSON, L. Interpretando o Gênero. *Revista de Estudos Feministas*. 2000 p. 9-42.

OLYMPIC FOOTBAL WOMAN, *Football Women*. Disponível em:
<<http://www.olympic.org/football-football-women>>. Acesso em 20/08/2011.

ORTIZ, R. A procura de uma sociologia da prática. In: Ortiz, R (org.) *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983, pp. 07-29.

PESTANA, A. A rainha do Brasil. *Revista Marie Claire*. Edição 209, agosto 2008.
Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Marieclaire/0,6993,EML1685598-1739-3,00.html>>. Acesso em: 11/09/2010

PLACAR. São Paulo: ed. Abril, n. 594, 2 out, 1981. 84 p.

PLACAR. São Paulo: ed. Abril, n.672, 8 abr, 1983. 80 p.

PLACAR. São Paulo: ed. Abril, n 718, 24 fev, 1984. 72 p.

PLACAR. São Paulo: ed. Abril, n 738, 13 jul, 1984. 80 p.

PLACAR. São Paulo: ed. Abril, n 744, 24 ago, 1984. 80 p.

PLACAR. São Paulo: ed. Abril, n 767, 1º fev, 1985. 84 p.

PLACAR. São Paulo: ed. Abril, n 931, 8 abr, 1988. 68 p.

PLACAR. São Paulo: ed. Abril, n 1106, ago, 1995. 64 p.

PLACAR. São Paulo: ed. Abril, n 1115, maio, 1996. 100 p.

PLACAR. São Paulo: ed. Abril, n 1119, set, 1996. 100 p.

PLACAR. São Paulo: ed. Abril, n 1154, ago, 1999. 98 p.

PLACAR. São Paulo: ed. Abril, n 1163, mai, 2000. 100 p.

PLACAR. São Paulo: ed. Abril, n 1175, 17 abr, 2001. 64 p.

PLACAR. São Paulo: ed. Abril, n 1263, out, 2003. 80 p.

PLACAR. São Paulo: ed. Abril, n 1265, dez, 2003. 80 p.

PLACAR. São Paulo: ed. Abril, n 1307, jun, 2007. 96 p.

PLACAR. São Paulo: ed. Abril, n 1313, dez, 2007. 96 p.

PLACAR. São Paulo: ed. Abril, n 1314, jan, 2008. 88 p.

RIBEIRO, A. Tutora de Marta, paranaense revê a melhor do mundo. *Esportes*. Gazeta do povo, 29/05/2011. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/conteudo.phtml?id=1131065>>. Acesso em: 10/08/11.

RODRIGUES FILHO, M. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964, p.23-24.

SAINT MARTIN, M. Uma inflexível dominação? In: ENCREVÉ, P; LAGRAVE, R. (orgs.). *Trabalhar com Pierre Bourdieu*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, pp. 327-335.

SALVINI, L. MYSKIW, M. Representação do corpo feminino na revista Claudia no ano de 2006: retrato de uma produção restrita. *Revista da Educação Física/UEM*, v. 19, n. 4, 2008.

SALVINI, L. MYSKIW, M. As representações do corpo feminino na educação física escolar: um estudo com alunas do Ensino Médio. *Pensar a Prática*, v. 12, n. 3. 2009.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*. v.20 n.2, 1995.

SERPA, L. T. V. *A máscara da modernidade: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945)*. Dissertação (mestrado em história) - História Regional, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2003. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp000097.pdf>>. Acesso em: 12/09/2010.

SIVEIRA, M. Aprovadas pelos próprios funcionários. *Revista ÉPOCA*, 23 agosto 2010, n. 640, p.102-122.

SILVEIRA, R. *Esporte, homossexualidade e amizade: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino*. Dissertação (mestrado em educação física) - Escola de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.

SOUZA, J. S. S. KNIJNIK, J. D. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 35-48, 2007.

TERRAY, E. Proposta sobre a violência simbólica. In: ENCREVÉ, P; LAGRAVE, R. (orgs.) *Trabalhar com Pierre Bourdieu*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, pp. 303-308.

TOLEDO, L. H. *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

TRUJILLO, F. A. *Metodologia da pesquisa científica*. São Paulo: McGraw-Hill, 1982.

VALPORTO, O. *Atleta, substantivo feminino: vinte mulheres brasileiras nos jogos olímpicos*. Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2006.

VEJA. São Paulo: ed. Abril, n. 811, 21mar, 1984. 156 p.

VEJA. São Paulo: ed. Abril, n. 1468, 30 out de 1996. 160 p.

WACQUANT, L. Seguindo Pierre Bourdieu no campo. *Revista de Sociologia Política*. Curitiba, n. 26, p. 13-29, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n26/a03n26.pdf>>. Acesso em: 20/09/2010.

APÊNDICE

1. Roteiro de entrevista com as jogadoras

1. Fale-me um pouco sobre a sua vida no futebol.
 - alguém influenciou?
 - qual a posição dos seus pais quanto a essa modalidade?
 - foi atleta de outro esporte antes do futebol? Qual?
 - a partir de que idade começou na modalidade?
2. O que você acha dos uniformes do futebol feminino serem iguais aos do masculino?
3. O que você pensa a respeito das musas do futebol inventadas pela mídia? Você acha que seria interessante que as musas fossem as jogadoras?
4. Há pouco tempo atrás circulou na mídia que as jogadoras de voleibol combinaram de pintar a mesma cor de esmaltes nas unhas como forma de amuleto. Existe algum ritual parecido com ele entre as meninas do Novo Mundo F. C?
5. Como você vê os cuidados com a aparência física no contexto do futebol? Você se preocupa em “parecer” bonita nos momentos de treino/jogo?
 - Se sim, de que forma?
6. Você já sofreu algum tipo de preconceito por ser jogadora de futebol?
 - se sim, porque você acha que isso acontece?
 - existe no seu ponto de vista algo que possa ser mudado para futuras gerações?
7. Existem no grupo atletas que se preocupam de modo excessivo com a aparência, no sentido de “atrair o olhar dos outros”?
 - como o grupo/você visualiza essa situação
8. Você acha que no futebol tem lugar para preocupação com a estética do corpo ou o corpo nesse contexto deve, sobretudo atender as necessidades físicas do jogo?
 - se sim, quais são os cuidados corporais que você apresenta.
9. O fato de ter jogado na Seleção Brasileira mudou algo na forma com que os outros passaram a te ver como jogadora de futebol?
10. O futebol para você é uma profissão?
11. Quais os principais desafios do futebol brasileiro no seu ponto de vista?
12. Como você define a mulher que joga futebol?
13. Você gostaria de comentar algo que eu não tenha lhe perguntado?

2. Roteiro de entrevista com DL – aportes históricos

3. Em que ano aproximadamente começaram a surgir os times de futebol feminino?
4. Como eram os campeonatos?
5. Quais eram? Ainda existem? Qual a idade das jogadoras?
6. Acontecimentos no Brasil que talvez influenciaram a modalidade no Paraná.
7. Modelos e futebol. Havia preocupação em “feminilizar” as jogadoras?

8. Quem eram as pessoas envolvidas?
9. Como eram os uniformes?
10. Quem era a torcida?
11. Existia algum tipo de pagamento para as jogadoras?
12. Quem incentivava e quem incentiva atualmente?
13. Infra estrutura dos clubes no início
14. Como os homens viam aquelas mulheres que jogavam futebol?
15. Existia algum tipo de preconceito?
16. O que o senhor acredita que falta pra que o futebol feminino seja reconhecido no Brasil?
17. Tem alguma fonte que eu possa ter acesso? Reportagens, jornais, fotos.
18. Sabe algo específico do Novo Mundo Futebol Clube?
19. Como você vê as mulheres que jogam futebol?

4. Roteiro de entrevista com o presidente, diretor do futebol feminino e ex-jogadora – aportes históricos do NMFC

1. Você pode me contar como começou o time?
2. O time sofreu alguma influencia do que estava acontecendo com o futebol no Brasil e no mundo?
3. Você lembra algum acontecimento marcante?
4. O que fez com que começasse a se organizar o time?
5. Como era no início?
6. Quantas atletas tinham?
7. Quem teve a iniciativa de investir?
8. Quem eram as atletas?
9. Você pode traçar um comparativo das atletas do começo com as atuais?
10. Como eram os uniformes?
11. Existia algum tipo de pagamento?
12. Como era a infra-estrutura do início e de agora?
13. E a comissão técnica?
14. Em termos de gestão esportiva o que mudou e quando?
15. Você pode me falar um pouco sobre a rotatividade das atletas?
16. O Novo Mundo Futebol Clube tem uma identidade própria?
17. Como você identifica o Novo Mundo Futebol Clube entre os times de futebol feminino brasileiros? (quanto à estrutura, histórico de títulos, investimento, gestão...)
18. A seu ver, quais os times brasileiros mais estruturados e que mais investem e valorizam o futebol feminino?

5. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ENTREVISTA

- a) Você, jogadora da equipe adulta de futebol feminino, está sendo convidado a participar de um estudo intitulado “O futebol feminino no Novo Mundo Futebol Clube: um mundo novo?”. É através das pesquisas empíricas que ocorrem os avanços importantes em todas as áreas, e sua participação é fundamental.
- b) O objetivo desta pesquisa é entender como e porque as jogadoras do Novo Mundo Futebol Clube incorporam determinados comportamentos no espaço do futebol.
- c) Caso você participe da pesquisa, será necessário que responda a algumas perguntas em forma de entrevista. Para tanto, realizaremos uma entrevista semi-estruturada por aproximadamente 40 minutos.
- d) A pesquisadora Leila Salvini, graduada em Educação Física e mestranda no curso de Educação Física, pode ser encontrada pelos telefones (41) 8811 4402 e (49) 8812 8000 ou por e-mail: leila.salvini@hotmail.com e seu orientador, Professor Dr. Wanderley Marchi Júnior, pode ser contatado pelo telefone (41) 3360-4339 ou por e-mail: marchijr@ufpr.br. Os mesmos poderão ser solicitados em horário comercial.
- e) Estão garantidas todas as informações sobre os procedimentos metodológicos de coleta e tratamento dos dados dessa entrevista, bem como, o acesso às transcrições das entrevistas, e quaisquer outras informações a respeito do estudo que for de interesse da participante.
- f) A sua participação neste estudo é voluntária, e você poderá desistir a qualquer momento. Desse modo, se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá solicitar de volta o termo de consentimento livre esclarecido assinado e a garantia de que os dados por você ofertados não poderão ser utilizados nesse estudo.
- g) As informações relacionadas ao estudo somente serão veiculadas sob forma codificada, para que a **confidencialidade** seja mantida.
- h) A sua entrevista será gravada, respeitando-se completamente o seu anonimato, de modo que somente a pesquisadora terá acesso às gravações.
- i) Após transcrição de sua entrevista, você terá acesso a esse documento para conferir as informações, com total liberdade de complementar ou retirar os dados.
- j) Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código.
- k) A transcrição de sua entrevista com seu nome identificado com um código estará disponibilizada no banco de dados do Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Maiores informações podem ser sanadas com a pesquisadora antes de fazer a entrevista.
- l) Você não será beneficiada física, psíquica ou financeiramente ao participar desse estudo. O benefício à pesquisa se dá decorrente de sua experiência profissional, que vem a contribuir de forma decisiva a esse estudo.
- m) Para evitar possíveis constrangimentos e/ou incômodos, você poderá comunicar a pesquisadora antecipadamente ou no decorrer da entrevista temas dos quais prefere não abordar, sem que isso afete o natural andamento da entrevista.

- n) Assim como, você poderá optar por encerrar a entrevista quando julgar conveniente, sem que a mesma tenha sido finalizada pela pesquisadora.

Eu, _____ li o texto acima e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual fui convidado a participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação no estudo a qualquer momento sem justificar minha decisão.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Curitiba, 03 de fevereiro de 2011.

RESPONSÁVEIS PELA PESQUISA

Dr. Wanderley Marchi Júnior

Universidade Federal do Paraná – UFPR
Departamento de Educação Física – DEF
Rua Coração de Maria, 92, BR 116 Km 95
Curitiba-PR
CEP 80215-370
Bairro: Jardim Botânico
Telefone: (041) 3360-4339
E-mail: marchijr@ufpr.br

Leila Salvini

Universidade Federal do Paraná – UFPR
Departamento de Educação Física - DEF
Rua Coração de Maria, 92, BR 116 Km 95
Curitiba-PR
CEP 80215-370
Bairro: Jardim Botânico
Telefone Celular: (41) 8811-4402
E-mail: leila.salvini@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR

Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br

6. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OBSERVAÇÕES

- a) Você, jogadora da equipe adulta de futebol feminino, está sendo convidado a participar de um estudo intitulado “O futebol feminino no Novo Mundo Futebol Clube: um mundo novo?”. É através das pesquisas empíricas que ocorrem os avanços importantes em todas as áreas, e sua participação é fundamental.
- b) O objetivo desta pesquisa é entender como e porque as jogadoras do Novo Mundo Futebol Clube incorporam determinados comportamentos no espaço do futebol.
- c) Caso você participe da pesquisa, será observada durante os treinos e jogos pelo Novo Mundo Futebol Clube, sem que haja questionamentos ou interrupções do treino para coletar outros dados.
- d) A pesquisadora Leila Salvini, graduada em Educação Física e mestranda no curso de Educação Física, pode ser encontrada pelos telefones (41) 8811 4402 e (49) 8812 8000 ou por e-mail: leila.salvini@hotmail.com e seu orientador, Professor Dr. Wanderley Marchi Júnior, pode ser contatado pelo telefone (41) 3360-4339 ou por e-mail: marchijr@ufpr.br. Os mesmos poderão ser solicitados a qualquer horário.
- e) Estão garantidas todas as informações sobre os procedimentos metodológicos de coleta e tratamento dos dados dessa observação, bem como, quaisquer outras informações a respeito do estudo que for de interesse da participante.
- f) A sua participação neste estudo é voluntária, e você poderá desistir a qualquer momento. Desse modo, se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá solicitar de volta o termo de consentimento livre esclarecido assinado e a garantia de que os dados por você ofertados não poderão ser utilizados nesse estudo.
- g) As informações relacionadas ao estudo somente serão veiculadas sob forma codificada, para que a **confidencialidade** seja mantida.
- h) As observações serão escritas em um Diário de Campo, respeitando completamente o seu anonimato, de modo que somente a pesquisadora terá acesso a essas informações.
- i) Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código.
- j) Você não será beneficiada física, psíquica ou financeiramente ao participar desse estudo.
- k) Caso você se sinta incomodada com as observações, poderá solicitar à pesquisadora que modifique sua forma de coleta de dados e/ou de se portar no espaço de jogo, para que o ambiente permaneça o mais natural possível.

Eu, _____ li o texto acima e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual fui convidado a participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios do estudos. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação no estudo a qualquer momento sem justificar minha decisão.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Curitiba, 03 de fevereiro de 2011.

RESPONSÁVEIS PELA PESQUISA

Dr. Wanderley Marchi Júnior

Universidade Federal do Paraná – UFPR
Departamento de Educação Física – DEF
Rua Coração de Maria, 92, BR 116 Km 95
Curitiba-PR
CEP 80215-370
Bairro: Jardim Botânico
Telefone: (041) 3360-4339
E-mail: marchijr@ufpr.br

Leila Salvini

Universidade Federal do Paraná – UFPR
Departamento de Educação Física - DEF
Rua Coração de Maria, 92, BR 116 Km 95
Curitiba-PR
CEP 80215-370
Bairro: Jardim Botânico
Telefone Celular: (41) 8811-4402
E-mail: leila.salvini@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR

Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br

FIGURA 17 – ARBITRAL 001/94 (parte II)

não, mas com a organização da
 Taca Parana, não é possível acumular
 também o campeonato feminino;
 F.A.Z.

Grupo de Trabalho 002/95. Dos presidentes e
 representantes legais, para participação do
 campeonato de Futebol Feminino, Versão
 1995. Em 13 de Julho do corrente ano.

O.D. N.º 102 F.C.
 O.C. Atlético PR.
 O.C.A. Nacional
 O.V. São Carlos E.
 O.C.A. São Vicente.
 O.U.N.º 102 F.C.

Reunião de trabalho com a presença dos clubes
 acima mencionados, presidida pelo diretor de futebol.
 Levantou-se a questão de clubes não presen-
 tes ao arbitral, foram questionados vários fato-
 res e ficou definido a não conclusão do
 processo o arbitral não prosseguirá, porém
 por unanimidade realizou-se a reunião de
 13 de Julho do corrente ano. Nada mais
 a constar encerra-se a reunião que foi sig-
 nada Barros, local a presente data.

FIGURA 19 – ARBITRAL 001/98 (parte II)

Limitados em trinta e cinco atletas por equipe tendo o limite para inscrições até o final da primeira fase. (Nada mais havendo) A primeira rodada fica: Grupo A: São Paulo x União Athi, America x Maranguá. Grupo B: Nova Londrina x Umuarama, Floresta x Juventus. Os jogos serão realizados nos domingos às dez horas da manhã, nada mais havendo inscrita-se aqui esta ata que eu fiz para a União Athi. *[Assinatura]*

[Assinatura]
[Assinatura]
[Assinatura]

Irani Betton Poluca
 ANAURI TEIXEIRA

Termo de presença de 21/98 dos presidentes e representantes de clubes que participam do arbitral do Campeonato Paranaense de Feminino Verão 1998:

- 1 - *[Assinatura]* União Athi FC.
- 2 - *[Assinatura]* São Paulo EC.

Às vinte e quatro dias do mês de Setembro do corrente ano inicia-se a reunião para decidir casos pendentes dos clubes União Athi FC e São Paulo EC. presidida pelo Diretor do Departamento Feminino e Sr. Manoel Pereira "Capapava" e pelo Diretor do Departamento de Registro José de Oliveira. O União Athi com o seu Presidente Ciro Gutmann e o Presidente de São Paulo Marcos Aurélio de Oliveira. Ambos com seus diretores, de comum acordo resolvem:

- a) O União Athi FC libera a atleta Cleide Poluca para jogar no São Paulo EC.

3. Fotos do jornal Tribuna do Paraná

Abaixo apresentamos em ordem cronológica algumas fotos do jornal Tribuna do Paraná que abordam as vitórias do NMFC no Campeonato Metropolitano dos anos de 2002, 2003, 2004, 2006 e 2008.

FIGURA 20 – CAMPEONATO METROPOLITANO DE 2002:

Meninas do Novo Mundo, as campeãs

Numa tarde festiva, de muito sol, contando com a presença de numeroso público e vários nomes consagrados do futebol paranaense e brasileiro, o Novo Mundo mostrou sua força ganhando o título do júnior e adulto do Campeonato Metropolitano de Futebol Feminino da FPF, ontem no Estádio Orlando Rinaldin.

Na preliminar, de júnior, o time presidido por Miguel Flores, que jogava pelo empate ganhou do Mixto, de São José dos Pinhais, pelo placar de 4x3, num jogo emocionante em o placar foi alterado e decidido somente ao apito final do árbitro.

Os gols
O jogo começou equilibrado e o primeiro tempo terminou zero a zero, com boa atuação das defesas e principalmente das goleiras.

O primeiro gol aconteceu aos 10' do segundo tempo, através de Taís, que acertou o canto esquerdo de Ana Paula em jogada rápida. O segundo Prisciane ganhou no meio, lançou Tatiane pela esquerda que pôs na área, para Sandriana completar para o fundo das redes adversárias, aos 13',



JUVENTUS (adulto), vice-campeãs.

O Mixto não estava morto e aos 16' Prisciane cometeu pênalti em Daiane. Baixinha bateu bem e diminuiu com categoria para 2x1.

O gol incendiou o Mixto e sua torcida que deu um show de como torcer, empurrando o time pra frente. O gol de empate saiu aos 31. Andréia pegou um chute de fora da área, desviando na zaga enganando Dayane.

E Suelen virou aos 33', de cabeça, fazendo explodir sua torcida, que vibrava intensamente. O gol foi por insistência e vontade.



LEVIR CULPI prestigiou a festa do futebol feminino.

Novo Mundo: (campeã) Dayane; Renata (Simone), Gislaire, Jaqueline e Amanda; Taisinha, Vantressa, Tatiane e Prisciane; Andreia (Sandinha) e Taís. Técnico: Hamilton Rangel. Auxiliar téc.: Alceu.

Mixto: Ana Paula; Liliane, Vera, Lucelia e Taís; Andréia, Baixinha, Bira e Daiane; Suelen e Tatiane. Técnico: Juh-ne. PF: Conceição. Mas. Carlos.

Adulto
No Adulto, goleada implacável do Novo Mundo, contando com sua força máxima, com jogadores de

nível de seleção brasileira, casos de Janaina, Dayane e Fran, e ainda contando com a expulsão de Jose, que deu uma cotovelada em Daiane, aos 16 do primeiro tempo.

Gols
Marcinha, fez 1x0 aos 9'. Dayane aumentou para 2x0 aos 31'. Aos 33' Dani diminuiu cobrando falta. Placar do primeiro tempo.

No segundo o Novo Mundo se aproveitou bem da inferioridade numérica em campo das adversárias, já um pouco cansadas e foi

marcando. Aos 15' Camila Vieira bateu falta bem colocada, 3x1. Dayane fez 4x1 aos 22', recebendo em posição duvidosa. Aos 25' Fabíola bate pênalti diminuindo para fazer 4x2. Mala fez 5x2 em tabela com Marcinha. Dayane, a artilheira aumentou para 6x2 e Érica fechou o placar em triangulação de todo ataque, como nos três últimos gols do Novo Mundo.

Novo Mundo: (campeão) Fabiane (Gisele); Janaina, Daliane, Van Basten (Luciane) e Mala; Noeli, Enir (c), Camila (Érica) e Dayane; Marcinha e Fran (Camila Vieira). Téc.: Marquinhos. **Juventus de Colombo:** (vice-campeão) Mariza; Letícia, Jose (exp), Ângela e Ana Carolina; Cris, Camila (Meiricheli) Ali e Fabíola; Dani e Tina. Téc.: Lira.

A arbitragem, a exemplo de Bernélio na preliminar, foi uma aula com Luiz Alberto Alves Abreu no apito, auxiliado por Emanuel Oliveira Rodrigues e Bernélio Lima. Representante: Rosana Barbosa de Oliveira.

FIGURA 21 – CAMPEONATO METROPOLITANO DE 2003

Tricampeão feminino, COM SHOW

DAYANE, NOSSA MEDALHA DE PRATA EM ATENAS, DÁ O TERCEIRO "CANÉCO" PRO NOVO MUNDO

Felizes foram os torcedores, que apesar da garoa estiveram em grande número, quarta-feira à noite, no estádio do Vila Fanny. Eles foram brindados com um majestoso espetáculo de futebol proporcionado por Novo Mundo e São José, tal como um presente às vésperas do Natal, na final do Campeonato Paranaense Feminino.

Com cinco gols de Dayane, o Novo Mundo se sagrou tricampeão do Estado com estupenda vitória de 5x4 sobre o forte São José, que acabou o 1.º tempo vencendo por 2x0, gols de sua Duane: aos 31', ao ganhar da zaga adversária e driblar a goleira Eliane, e o segundo driblando em velocidade e batendo cruzado, da esquerda, aos 36', acertando o cantinho. Ambas as camisas 10 fizeram a diferença.

Dayane, o show

Dayane, que jogou com a imagem de Nossa Senhora de Fátima na camisa por baixo da do clube, fez o primeiro logo aos 2 minutos, acertando uma cacetada que bateu no travessão e no chão antes de entrar.

Aos 5'30" ela "roubou" a bola de Solange e recebeu falta dentro da área. Pênalti que ela mesmo bateu e empatou aos 7'30".

O 3x2, da virada, Dayane fez cobrando falta frontal rasteira. Antes de entrar, a bola bateu no pé da trave, aos 10'.

Mesmo com a expulsão por dupla advertência de Jô, que era a "sombra" da outra Daiane, aos 13', tudo dava certo para o N. Mundo e para Dayane. Aos 16'30" ela fez 4x1, de falta novamente, batendo forte da esquerda, bola que passou por todas à meia-altura.

Uma pintura

O gol do título foi fenomenal: Dayane apanhou um rebote em seu campo, lançou forte na ponta direita para Fabíola e como um furacão foi receber dentro da área, para acertar um voleio de cova, em meio à zaga, 5x2, aos 33', que deixou a todos incrédulos. Com os cinco gols em partida oficial de caráter decisivo, a garota entra para o livro dos records do Brasil e quicô do mundo.

Emoção e drama

Aos 35', Fabíola do N. Mundo acertou a trave. Aos 36' dois amarelos seguidos para Cássia e Luciana do S. José. Esta por levar um chapéu em sequência

Mundo) e para Dayane. Aos 16'30" ela fez 4x1, de falta novamente, batendo forte da esquerda, bola que passou por todas à meia-altura.

Goleira e artilheira

O troféu de goleira menos vazada (9) ficou para Eliane (N. Mundo) e artilheira para Dayane (S. José, com 11 gols. Patrícia, do NM ficou em segundo com 9).

Novo Mundo: Eliane; Jaqueline, Dali, Verônica e Jô; Vantressa, Enir (c), Naiara (lvone) e Dayane; Patrícia (Camila) e Fabíola. Maís: Gizeli, Alessandra, Tati, Lapa e Karina. Técnico: Hamilton Rangel da Rocha. Aux.: Carlos Luciano de Paula, PF: Cláudia Paula Rogério, massagista: Francisco "Chicão" do Nascimento. Diretor: Luiz Crocê.

São José: Ana Paula; Solange, Luciana (Célia), Luana e Esther; Verinha (c) (Carol), Cássia, Edimara (Loraine) e Duane; Fábri e Flávia. Maís: Simone e Marli. Técnico: Jorge Cachetowski. Auxiliares e preparadores: Anderson e Osvaldo Alves da Silva.



ENIR (7), capitã, levanta o troféu com as companheiras no grito de "tricampeãs!"



DAYANE fez cinco, ganhou um colo e abriu o sorriso.



FESTA para Dalane (10) do São José. Era o segundo gol.



DAIANE, artilheira: 11 gols.

FIGURA 22 – CAMPEONATO METROPOLITANO DE 2004

Novo Mundo É CAMPEÃO!

Time arrancou para o empate do título após 3x0 até os 20' do segundo tempo

Após ter ganho o jogo de ida por 7x0, em casa, o Novo Mundo levou mais um "caneco" para sua rica galeria de troféus, ao empatar em 3x3 com o São José na finalíssima do Campeonato Metropolitano de Futebol Feminino, jogo disputado domingo em São José dos Pinhais.

Foi buscar
Num jogo equilibrado, o São José fez 1x0 no 1.º tempo e aumentou para 3x0 na etapa final. Na raça e melhor preparo físico, o Novo Mundo chegou ao empate, garantindo pela quarta vez o título de melhor do Metropolitano Feminino.

Os gols do São José
1x0 - Daiane bateu bem, Fabi deu rebote e Raquel apanhou a sobra para abrir o placar aos 37' do 1.º tempo, com outras chances para os dois lados.

2x0 - Na etapa final, logo aos 2'28", Daiane levantou na área pela esquerda. Érica escorou de cabeça e fez o segundo.

3x0 - Raquel tabela com Cléo e bate rasteiro, mortal, aos 10'.

Reação
Susan entrou aos 15' do segundo e arrumou a meia-candinha do Novo Mundo, que começa a reagir aos 16' com um chute de fora da área de Dayane. Ana Paula voa e tira da gaveta.

3x1 - Na pressão, Thaís Abatía apanha sobra de bate-rebate para marcar o primeiro, aos 20' da etapa final.

Raquel (11) fez dois, sendo abraçada por Érica (e), Loriane e Cléo (9).

3x2 - Joyce acerta um chute do "meio da rua" pela meia-direita, aos 25'.

3x3 - Andréia deruba Dayane na entrada da área. Pênalti que ela mesma bate e empatia, aos 28'.

Ficou em aberto
A partir daí várias chances para os dois lados foram criadas: aos 31' Daiane (SJ) acerta uma "pancada" de voleio. Fabi (NM) faz milagre debaixo da meta.

Aos 33' Dayane (NM) pega forte de fora da área acertando o travessão. Ninguém aproveitou o rebote. Aos 47', Plisciane (NM) marca, mas a arbitragem assinala impedimento.

Muita emoção
Aos 48'30", sequência de chutes da pequena área à meta do NM, que se livra com a zaga e a goleira Fabi. Aos 49', Anderson Scatola apita o final do jogo muito bem disputado e arbitrado. Foram auxiliares: Almar Luiz Dagbetti e Wesley Marmuti, com trabalhos na mesa do eficiente Mário Luiz dos Santos.

São José: Ana Paula; Loriane, Andréia, Solange e Ariadne (Edimara); Veriúha (c) Cássia, Érica e Daiane; Cléo e Raquel. Técnico: Jorge Cachorowski. PE: Anderson Vieira. Massagista: Osvaldo Alves.

Novo Mundo: Fabi; Jacqueline, Dali (c) (Mala), Kellen e Joyce; Janaina, Marii (Susan), Plisciane e Dayane;

Thaís Abatía e Juliana (Naiara). Técnico: Hamilton Rangel. Massagista: Francisco Nascimento.

Show das 10
As duas camisas 10: Dayane (Novo Mundo) e Daiane (São José) terminaram empatadas na artilharia com 10 gols. As duas foram um show à parte na bela decisão.

A goleira Joelma, do Vila Hauer, levou o troféu de menos vazada: sofreu 10 gols em sete jogos. (Mais fotos da decisão na edição de domingo.)

Dayane (alto) foi um tormento para Solange (e), Cássia (c) e Andréia (2).

Dali (3) e Raquel (11) em acirrada disputa. Ao fundo, Janaina e Dalane (10).

Programa suas compras de Natal. Vem aí o 1º Bazar da Associação dos Amigos do Hospital de Clínicas

Sexta-feira e Sábado, 8 e 9 de dezembro
Das 10h às 20h
Domingo, 10 de dezembro
Das 14h às 19h.

NO SHOPPING CENTER NOVO BATEL
Rua Coronel Dulcídio, 517

Parte da renda vai para a Associação dos Amigos do Hospital de Clínicas

"Porque a vida é mais importante"

Agosto

APP

FIGURA 23 – CAMPEONATO METROPOLITANO DE 2006

Novo Mundo É TETRA!

Pela quinta vez consecutiva, equipe de Rangel e cia. levanta o "caneco"

De após do 1991 ao jogo de ida, o Novo Mundo vive a situação que fica quando o São José faz três em casa, no jogo da volta, mas o time do Hamilton Rangel acabou ficando para chegar ao campo de 1x0, e assim levou para sua sede o quinto título consecutivo do Campeonato Metropolitano de Futebol Feminino.

Título merecido

Também foi fora de casa que o campeonato Novo Mundo tinha conquistado a vaga na final: perdeu em casa de 4x1 para o fortíssimo Vila Hauer e o venceu em sua casa por 3x2 na volta, ganhando também na prorrogação por faltas.

Equipes finalistas

São José: Ana Paula, Loreane, Andrieli, Solange e Ariadne (Edimara); Verinha (C), Glória, Erica e Dairane; Clio e Raquel. Técnico: Jorge Cacherozski.

PP: Anderson Vieira, Massagista: Oivaldo Alves. Novo Mundo:

Fabi; Jaqueline, Dalí (c) (Mafá), Kellen e Joyce; Janaina, Marli (Susan), Plucine e Dayane; Thais Albani e Juliana (Naiara). Técnico: Hamilton Rangel. Massagista: Francisco Nascimento.

Premiação

Dayane Rocha, do Novo

Foto: João de Almeida

Meninas do campeonato Novo Mundo, do presidente Mano.

Mundo e Dairane Moretti, do São José terminaram empatadas com 10 gols na artilharia, levando cada uma seu troféu, enquanto Joelma, da Vila Hauer, fechou como a melhor goleira.

O troféu de campeã foi recebido por Dayane, porque a capitã Dalí saiu antes, lesionada. Verinha, capitã do São José, recebeu o troféu de vice. Toda a premiação foi realizada pelo vice-presidente Jorge Dib Sobrinho.

Dairane Moretti, co-artilheira pelo S. José, com 10 gols.

Dayane acende o presidente Mano com os troféus de campeã e de co-artilheira do certame.

Joelson de Aguiar, vice-presidente do metropolitano.

Verinha vestindo o uniforme do São José e recebendo o troféu de vice-jogadora.

Apoio garotas do São José, do comandante Jorge e esposa Marli.

MALUCELLI

Venha Conhecer Nossos Casas Prontas e de Aluguel!

SALA DO ALUGUEL

(LAVAR, FREGAR E COZINHA)

R\$ 349,00

COM INCLUIÇÃO DE TODOS OS SERVIÇOS

VENHA E CONFIRA NOSSOS PREÇOS

CASA 1 - 100m² - 2 quartos - 1 banheiro - 1 sala - 1 cozinha - 1 garagem - 1 varanda - 1 churrasqueira - 1 piscina - 1 playground - 1 quadra de futebol - 1 academia - 1 salão de festas - 1 espaço para eventos

R\$ 80

CASA 2 - 120m² - 3 quartos - 2 banheiros - 2 salas - 2 cozinhas - 2 garagens - 2 varandas - 2 churrasqueiras - 2 piscinas - 2 playgrounds - 2 quadras de futebol - 2 academias - 2 salões de festas - 2 espaços para eventos

R\$ 120

CASA 3 - 150m² - 4 quartos - 3 banheiros - 3 salas - 3 cozinhas - 3 garagens - 3 varandas - 3 churrasqueiras - 3 piscinas - 3 playgrounds - 3 quadras de futebol - 3 academias - 3 salões de festas - 3 espaços para eventos

R\$ 150

Fale conosco: 3362-7244 ou 3473-6463

Atendimento: Segunda a Sexta das 9h às 18h | Sábado das 9h às 13h | Domingo das 10h às 16h

FIGURA 24 – CAMPEONATO METROPOLITANO DE 2008

NM é OCTACAMPEÃO!

Novo Mundo goleia e se sagra campeão pela oitava vez no Feminino

Deu a lógica. O Novo Mundo goleou o Colombo por 8x0 no último domingo vencendo assim o 2.º turno do Campeonato Metropolitano de Futebol Feminino. Como tinha vencido também o turno inicial, se sagrou campeão direto de 2008, título comemorado oito vezes seguidas.

Sem a craque

Como se não bastasse enfrentar o qualificado time do NM, o Colombo entrou desfalcado de sua principal atleta: a artilheira Jaqueline.

Os gols

1x0 - Logo aos 5' o NM abre o placar: Tati sofre pênalti. Ela mesmo bate e faz.
2x0 - Aos 14'30" Tati aumenta com um leve toque na saída da goleira, placar do 1.º tempo.

3x0 - No 2.º tempo, logo aos 31 segundos, a goleira corta, bate em sua zaga e sobra livre pra Tati ampliar sem dificuldade.



Festa do oitavo título seguido do Novo Mundo, com dirigentes da FPF e do Colombo, num gesto nobre de confraternização.

4x0 - Aos 5', outro pênalti: de Juliana sobre Roberta. Tati bate com categoria.

5x0 - Juzinha recebe falta no bico da área. Ela mesmo bate e encobre a goleira, aos 7'45".

6x0 - Fica fácil. Aos 13'40", o terceiro pênalti.

Tati, de novo, bate forte no alto sem chance.

7x0 - Lançada pela meia-direita, Lee ganha e bate na saída da goleira, aos 14'40".

8x0 - Luti fecha o escore aos 17' com um golão frontal, no ângulo.

Aos 33'40", Cléo recebe o vermelho.

Aos 36', mais um pênalti. De Ana Paula em Lee, que bate, mas Catúcia defende legal.

Colombo: Catúcia; Daiana (Daiane), Ana Paula, Andréia e Sarinha (Susan Kely); Juliana, Elisiane, Tita e Tica; Munique (Janayna) e Vânia. Técnica: Velmari "Pacheco" Teixeira. Aux.: Alexsandro Teodoro. Dir.: Jerson Ferreira e Moacir

Silveira. Pres.: Jusmar "Tite" Bolsi.

Novo Mundo: Joelma; Joyce, Camila Cancian, Marina (c) e Tati II; Vantressa (Luti), Daiane (Lorena), Juzinha (Maíara) e Cléo; Tati (Marta) e Roberta (Lee). Mais: Naiara e Luana. Técnico: Hamilton Rangel. PF: Alceu. Mas.: Volnei Farias. Pres.: Maza. (Volto ao assunto, com fotos da premiação).

Sub-20: Brasil x Alemanha, amanhã

A Seleção Brasileira de Futebol Feminino Sub-20 fechou a 1.ª fase do Campeonato Mundial do Chile em 1.º no grupo D.

EUA x Inglaterra.

Amanhã - Japão x Coreia do Norte e Brasil x Alemanha (às 20h, de Brasília). A Band tem

ta da fase tem o Sport-PE que espera o vencedor de Nilton Lins-AM e Boa Vontade-MA, que vai a julgamento, por suposta irregula-